

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Helton da Silva Crepaldi

“O primeiro da família!”

Os percursos e percepções dos estudantes do CEJA sobre o ingresso no Ensino Superior.

FLORIANÓPOLIS
2021

Helton da Silva Crepaldi

“O primeiro da família”.

Os percursos e percepções dos estudantes do CEJA sobre o ingresso no Ensino Superior.

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) como requisito para obtenção do título de Licenciado em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Vilar Bonaldi

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Crepaldi, Helton da Silva
"O primeiro da família" : Os percursos e percepções dos
estudantes do CEJA sobre o ingresso no Ensino Superior /
Helton da Silva Crepaldi ; orientador, Eduardo Vilar
Bonaldi, 2021.
112 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Ciências
Sociais, Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. Ciências Sociais. 2. Educação de Jovens e Adultos. 3.
Ensino Superior. 4. Ingresso. I. Bonaldi, Eduardo Vilar.
II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em
Ciências Sociais. III. Título.

Helton da Silva Crepaldi

“O primeiro da família”.

Os percursos e percepções dos estudantes do CEJA sobre o ingresso no Ensino Superior.

Este Trabalho de Conclusão de Licenciatura foi julgado adequado para obtenção do título de Licenciado em Ciências Sociais e aprovado em sua forma final pela Comissão Examinadora e pelo Curso de Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, de 2021.

Prof. Dra. Leticia Maria Costa da Nóbrega Cesarino
Coordenadora do Curso

Banca examinadora:

Prof. Dr. Eduardo Vilar Bonaldi
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Amurabi Pereira de Oliveira
Avaliador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Msc. Luan Viricimo
Avaliador
Universidade Federal de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha família, por toda compreensão, pelo apoio emocional, financeiro e psicológico, à minha mãe pela inspiração em seguir a licenciatura, além de todos momentos em que me ensinou como mãe e professora de matemática, ao meu pai, meu amigo e confidente, minha irmã, meu afilhado e meu gato Pedrinho, que dormiu em muitos momentos no meu colo enquanto escrevia esta pesquisa.

Sou grato também a todos que cruzaram meus caminhos durante esta trajetória acadêmica, aos colegas que me incentivaram concluir a licenciatura, em que muitos momentos pensei que não concluiria ou que a sala de aula não era meu lugar. Aos estudantes dos CEJA, sem eles esta pesquisa não seria possível, descobri minha paixão pela educação quando lecionei para EJA, eu aprendi mais do que ensinei.

Agradeço a todos os professores que passaram em minha vida até aqui, especialmente ao meu professor e orientador Eduardo, que apesar das minhas idas e vindas, não desistiu de mim, suas publicações, seus apontamentos e sugestões na minha pesquisa foram imprescindíveis para compreender todo universo estudado.

E por fim, gratidão à UFSC e todas as políticas de assistência estudantis, pesquisa e extensão. O ambiente, a qualidade do ensino e dedicação dos profissionais me fez crescer como ser humano.

Educar é crescer. E crescer é viver. Educação é, assim, vida no sentido mais autêntico da palavra. (TEIXEIRA, Anísio)

RESUMO

O presente trabalho busca abordar as dinâmicas de socialização dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) em São José, Santa Catarina, para assim identificar os pontos em comuns em suas trajetórias que possivelmente os propulsionaram a prolongar os estudos e ingressar na universidade. Ao retratar a atual situação e o histórico da EJA, entende-se que esta modalidade de ensino ainda sofre muitas restrições em sua institucionalização, que vão desde a falta de atualizações de políticas voltadas a este público, o material defasado, entre outros. As entrevistas aconteceram entre os meses de agosto a dezembro de 2019, com a turma de Sociologia no CEJA do Bairro Ceniro Martins em São José, o questionário aplicado aos 28 estudantes entrevistados buscou compreender as questões sociais, políticas e econômicas da turma. Posteriormente as entrevistas semiestruturadas feitas com os quatro estudantes que optaram em prolongar os estudos e dois professores, juntamente com os relatos de campo que foram desenvolvidos ao fim de cada encontro semanal, são essenciais para entender questões subjetivas destes alunos. E ao utilizar do arcabouço teórico desenvolvido por Pierre Bourdieu e pesquisadores brasileiros para interpretar e compreender os relatos e dados, esta pesquisa contribui para afirmar a diversificação e heterogeneidade do público da EJA, tal como suas relações e ambientes em que frequentam.

Palavras-chave: educação de jovens e adultos 1. CEJA 2. EJA 3. Pierre Bourdieu 4. *habitus* 5.

ABSTRACT

This research focus in address the dynamics of socialization of students of Youth and Adult Education (EJA) in São José, Santa Catarina, in order to identify the common points in their trajectories that possibly propelled them to prolong their studies and get in college. In discuss the current situation and the history of EJA, it is understood that this teaching method still suffers many restrictions in its institutionalization, ranging from the lack of updated policies aimed at this public besides the outdated material itself. The interviews took place between the months of August to December 2019, with the Sociology class at CEJA in the Ceniro Martins neighborhood in São José, the questionnaire applied to the 28 students sought to understand the social, political and economic issues, subsequently the semi-structured interviews made with the four students who chose to extend their studies and two teachers, along with the field reports that were developed at the end of each weekly meeting, to thus understand subjective issues of these students. And by using the theoretical framework developed by Pierre Bourdieu and Brazilian researchers to interpret and understand the reports and data, this research contributes to affirm the diversification and heterogeneity of the EJA public, such as their relationships and environments in which they attend.

Keywords: youth and adult education 1. CEJA 2. EJA 3. Pierre Bourdieu 4. *habitus* 5.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 A SITUAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL.	8
1.2 O HISTÓRICO DA EJA NO BRASIL	10
1.3 O CEJA DE SÃO JOSÉ.....	16
1.4 O PÚBLICO DO CEJA, ESTUDANTES, PROFESSORES E COORDENADORES	22
1.5 A DELIMITAÇÃO DOS OBJETIVOS	27
2 POR QUE BOURDIEU?	28
2.1 TUDO EM BOURDIEU?.....	30
3 TRAÇANDO OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	33
3.1 O INGRESSO NO CEJA.....	34
3.2 OS QUESTIONÁRIOS.....	36
3.3 AS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS	37
3.4 COMO ANALISAR OS DISCURSOS?	38
4 A TURMA PESQUISADA.....	40
5 AGORA UNIVERSITÁRIOS	49
5.1 A FAMÍLIA E AS INFLUÊNCIAS	51
5.2 A TRAJETÓRIA.....	56
6 OS OBSTÁCULOS.....	62
6.1 EVASÃO	65
6.2 OS RECURSOS DIDÁTICOS.....	68
6.3 O RACISMO E A LGBTQFOBIA.....	70
7 AFINAL, QUEM SÃO OS APROVADOS?	74
REFERÊNCIAS.....	81
APÊNDICE A.....	87
APÊNDICE B.....	103

1 INTRODUÇÃO

Dados do último Censo da Educação Superior de 2018 apontam que o número de estudantes matriculados nas universidades brasileiras ultrapassa a marca de 8 milhões de alunos. Essas informações demonstram que, devido às iniciativas e políticas públicas que visam a redução das desigualdades de acesso, gerou-se um novo ciclo de expansão da rede de Ensino Superior. (NEVES, 2007).

Apesar de todas essas políticas, os mesmos dados ainda demonstram que a prolongação dos estudos é uma realidade de determinado estrato da sociedade, tornando esse processo um elemento marcante na reprodução das desigualdades.

Essa questão tornou-se inerente a partir da minha vivência como professor do Centro Educacional de Jovens e Adultos (CEJA), onde, ao acompanhar os estudantes após o término dos nossos encontros, foi possível perceber que relatos sobre casos de aprovação nos vestibulares eram raros. Ainda em determinadas situações os estudantes apresentavam questões nitidamente distintas, onde uma simples dedução era incapaz de identificar fatores comuns dentre os alunos aprovados.

Porém, há mecanismos nesses estudantes aos quais os propulsaram a ocupar os bancos das universidades, e com o intuito de entender esses mecanismos e como estão inerentes às chances desiguais de ingresso ao Ensino Superior, analisaremos o caso de quatro estudantes futuramente ingressantes em universidades, faculdades e cursos técnicos e seus processos de escolarização e socialização a fim de desvendar como interpretam a prolongação dos estudos durante o trajeto antes e após a aprovação.

Assim, com o intuito de compreender as questões pertinentes aos dados acima levantados, a presente introdução também busca descrever a institucionalização do Ensino Superior e da Educação de Jovens e Adultos no Brasil, o CEJA de São José, local onde foi realizada a presente pesquisa, bem como a turma pesquisada e suas propriedades sociológicas pertinentes, para, então, apresentarmos os objetivos e seus procedimentos metodológicos.

1.1 A SITUAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL.

A crescente demanda por qualificação e o processo de urbanização acelerado, especialmente durante as décadas de 1960 e 1970, contribuíram para ampliação das

universidades no Brasil. Nesse primeiro ciclo de expansão, destacaram-se a institucionalização de demandas tanto do setor público quanto do privado.

Ao destacar elementos que evidenciam a atual situação da educação superior no Brasil, este subcapítulo busca servir como uma ponte para posteriormente adentrarmos nas questões pertinentes e históricas da Educação de Jovens e Adultos (EJA), entendendo que não há como estudarmos a EJA sem compreender a situação do modelo de Ensino Superior ao qual estamos encaminhando nossos estudantes.

Salata (2018), ao estudar os índices relativos ao ingresso no Ensino Superior brasileiro durante as duas últimas décadas, argumenta que sua expansão se manteve paralela à expansão da educação secundária durante os anos 1960. Entretanto, devido às diversas conjunturas sociais e políticas, esta permaneceu estagnada por muitos anos e, somente após os anos de 1990, enquanto o acesso ao ensino básico crescia cada vez mais, iniciou-se um processo que contou com uma série políticas de incentivo às instituições privadas e tentativas de democratização do acesso às universidades públicas.

Segundo o autor, tal expansão deu-se nitidamente nas instituições de cunho privado, porém teve um aumento significativo também na rede pública. Esses indicadores ainda são insatisfatórios uma vez comparados com países que compartilham os mesmos níveis de desenvolvimento que o Brasil.

Salata (2018) ainda comenta que a redução da desigualdade de acesso pela questão de classe de origem é notória, entretanto este fator ainda exerce grande influência nas possibilidades de ingresso, visto que esse tendência acompanhou a expansão do sistema de ensino. Consolidou-se, assim, um sistema composto por instituições privadas de menor prestígio e pelas renomadas universidades públicas, com acesso mais concorrido e restrito - ambas compostas em sua maioria por membros das classes médias e altas da sociedade.

Outro ponto para além da classe social que também não deve ser desconsiderado é a questão racial. De acordo com Silva (2018), autora da pesquisa sobre ação afirmativa e população negra na educação superior publicada pelo Instituto de Pesquisa Econômica (IPEA), somente 18% dos jovens pretos e pardos em período correto na sequência escolar estão matriculados em universidades, enquanto na população branca este número supera o dobro, chegando a quase 37%.

Mesmo com um aumento de 400% entre 2010 e 2019, reflexo das políticas de ações afirmativas, ainda de acordo com Silva (2018), os negros chegaram a 38,15% do

total de matriculados, percentual ainda abaixo de sua representatividade de 56% na população nacional. Em alguns cursos, como o de medicina, design gráfico, publicidade e propaganda, relações internacionais e engenharia química, a presença de negros não chega a ocupar 30% das vagas.

Ao longo desta pesquisa, a questão racial será tratada diretamente em um subcapítulo visto que todas as informações coletadas tratam, de algum modo, de aspectos que também são influenciadores no processo histórico e no ingresso ao Ensino Superior no Brasil, como transversalmente de uma forma diluída em todo processo da escrita, interpretação e análise das entrevistas.

1.2 O HISTÓRICO DA EJA NO BRASIL

A história da institucionalização EJA apresenta diversas facetas ao longo de seu desenvolvimento, sendo estas estreitamente ligadas às transformações sociais, econômicas e políticas que caracterizam os diferentes momentos históricos brasileiros.

Entender a cronologia da EJA e a complexidade de fatores que envolvem a situação do estudante é compreender que o desenvolvimento de ambos se dão ao mesmo passo, e ao apresentar os principais fatores pertinentes durante esse processo histórico, buscamos identificar pontos em comum durante sua trajetória capazes de influenciar e refletir nos ideários de seus estudantes.

A educação de jovens e adultos de forma não institucionalizada existe desde os nossos primórdios colonizadores, mas somente nas décadas de 1920 e 1930, com o movimento escolanovista¹, foi formalmente fundada. A escola nova propunha uma educação mais social e humana, apresentando novas propostas ao ensino tão rígido em voga na época, mesmo não conseguindo abranger todas as camadas sociais e não cumprindo sua função de equalização social (SAVIANI, 1983).

¹ No Brasil, a Escola Nova buscava a modernização, a democratização, a industrialização e urbanização da sociedade. Os educadores que apoiavam suas ideias entendiam que a educação seria a responsável por inserir as pessoas na ordem social. Também conhecido como escolanovismo, chegou ao país na década de 1920 com as reformas do ensino de vários Estados brasileiros, além de incluir os jovens e adultos no processo escolar considerava a marginalidade não mais do ignorante e sim do rejeitado, do anormal e inapto, desajustado biológica e psicologicamente. A escola passa a ser então a forma de adaptação e ajuste dos indivíduos à sociedade. (SAVIANI, 1983)

Em concomitância com o desenvolvimento de novas pedagogias, Monego (2010) aponta que a era Vargas (1930-1945) promoveu um olhar mais dedicado para este tipo de educação, criando dois ministérios novos, do Trabalho, Indústria e Comércio e outro da Educação e Saúde. O autor ainda relata que, em 1934, com a criação do Plano Nacional de Educação, o governo da época incluía pela primeira vez como dever do Estado a educação de jovens e adultos, determinando normas educacionais para essa questão.

Lopes (2010) ressalta que, apesar do enfraquecimento na busca de uma educação reflexiva, foram criados programas notórios na era Vargas, como a regulamentação do Fundo Nacional do Ensino Primário (FNEP); a criação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP); o desenvolvimento da Campanha de Educação de Adolescente e Adultos (CEAA).

A CEAA se destacou como o primeiro núcleo de reflexão sobre a EJA e no Brasil, o autor argumenta que a sua institucionalização foi reconhecida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) como positiva, aprovando os trabalhos realizados pelo governo da época.

Porém, este período também foi caracterizado por um regime ditatorial, conhecido como Estado Novo, quando os movimentos sociais, políticos e culturais foram censurados e autoritariamente controlados pelo governo, resultando no enfraquecimento da educação reflexiva em defesa dos ideais da época. Assim, a EJA continuava presente, mas debilitada.

Após o término do Estado Novo, a efervescência social perante questões políticas e culturais moviam os estudantes, trabalhadores e intelectuais em uma mesma luta em prol do direito igualitário. Segundo Saviani (2010, p. 316), a mobilização culminou em uma mudança no paradigma educacional, pois essa conscientização da população foi primordial para reflexão de um bem comum.

A campanha Nacional de Erradicação do analfabetismo (CNEA), durante os anos 50, foi um degrau almejado na luta pela educação universal. Nesta mesma época, Paulo Freire se destaca pelos apontamentos e críticas ao modelo educacional vigente, tendo como premissa os jovens e adultos das camadas populares e marginalizadas.

Freire, assim, desenvolve seu estudo propondo uma pedagogia a partir da história e realidade dos educandos².

Apesar de todas as reflexões desenvolvidas, a EJA oscilou como direito constitucional não somente no Brasil: em alguns momentos, foi excluída e reprimida também em diversos outros países. Durante o golpe militar de 1964 não foi diferente, tudo que remetia às culturas populares e à reflexão – inclusive a educação – sofria repressão do governo, desestabilizando os sistemas educacionais pré-concebidos. Lopes (2010) relata que, apesar de mantida a educação de jovens e adultos na ditadura, se retrocedeu a uma ideia de compreensão do analfabetismo como inferioridade e doença que precisava ser erradicada.

Durante esse período, o governo militar criou o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), que tinha como foco a EJA. Com um ideário centralizador e doutrinário, esse programa educacional propunha uma visão totalmente capitalista e urbana, desconsiderando as realidades vivenciadas pelas minorias políticas e sociais.

O autor ainda relata que após o final da ditadura – meados da década de 1980 - retomou-se as discussões em torno de uma educação transformadora. O MOBRAL foi extinto e substituído pela Fundação Educar e ocorreram diversos avanços nos diálogos sobre a democratização educacional. A nova Constituição de 1988, por exemplo, além de reinstaurar o ensino universal também para os que não o acessaram durante a idade apropriada, organizou uma comissão para elaborar as Diretrizes Curriculares Político-Pedagógicas na Fundação Educar, sugerindo a criação de uma comissão destinada a educação de jovens e adultos.

Porém, esse período de avanço foi novamente mantido em recesso. Durante a década de 1990, a EJA sofreu diversos prejuízos relativos às poucas políticas voltadas a este modelo de educação. Além de extinguir a Fundação EDUCAR, o governo vigente transferiu a responsabilidade da EJA – assim como da educação básica – para os estados e municípios.

A criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)³ e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)⁴ foram um dos principais picos educacionais

² Os relatórios do II Congresso Nacional de Educação de Adultos de 1950, chamavam a atenção, pela primeira vez, para o analfabetismo, que não se devia a uma “inferioridade intrínseca” do analfabeto, mas entendendo que se tratava de um problema socioeconômico, motivado pela desigualdade e pela injustiça social, que necessitava ser enfrentado definitivamente. (CALHÁU, 2007, P.79)

da época. A EJA passou a ser entendida como uma modalidade de ensino que possui características próprias e tais características requerem por parte do professor tratamento diferenciado daquele dispensado no ensino regular⁵.

Por isso, toda ação pedagógica deve ter como ponto de partida o desenvolvimento de uma consciência crítica nos estudantes e dotar estes conhecimentos de cientificidade, que é a função da escola, preparando os jovens e adultos a resolverem os problemas e desafios cotidianos de forma autônoma.

Adentrando as décadas de 1990 até os anos 2000, alguns deputados desenvolveram alguns projetos de lei sobre o tema, mas apesar do interesse pela questão por certos partidos, geralmente os assuntos não eram aprovados em sua maioria, pelo fato do governo da época, Fernando Henrique Cardoso (FHC) vincular-se aos princípios neoliberais, como aponta Kuenzer (2004).

Durante o século XXI, a educação brasileira ganhou novos formatos e ações governamentais. Com o início do governo de Luís Inácio Lula da Silva, o debate sobre a uma futura criação de um conteúdo comum a ser ministrado nas aulas se tornou uma das pautas centrais do Ministério da Educação (MEC) e do Conselho Nacional de Educação (CNE).

Os PCNs desenvolvidos na época determinam que haja uma integração entre as matérias da EJA de uma forma interdisciplinar. Através dos ideais em que o estudante traz uma carga de conhecimento prévio, passa-se a compreender que devemos tratar as disciplinas do modo mais abrangente e complexo possível, sendo capaz de relacioná-las e contextualizá-las com as vivências cotidianas dos alunos. Por este motivo, o ensino para Jovens e Adultos diferencia-se do ensino regular, pois deve ser o mais próximo dessa realidade vivenciada e dos conhecimentos já estabelecidos dos estudantes.

Entretanto, as lutas não acabam neste ponto. As manifestações de professores e escolas pela criação de um conteúdo comum a ser ministrado nas aulas em todo país se intensificaram, e somente em 2015 o MEC lançou a primeira versão da Base Nacional

³ A LDB (9394/96) é a legislação que regulamenta o sistema educacional (público ou privado) do Brasil (da educação básica ao Ensino Superior), uma de suas principais funções é a de organizar a estrutura da educação brasileira, o que reflete inteiramente na formação escolar.

⁴ Os PCNs são diretrizes elaboradas com o objetivo principal de *orientar os educadores* por meio da normatização de alguns fatores fundamentais inerentes a cada disciplina e o modelo de educação.

⁵ A LDB 9394/96 afirma que o adulto se apropria do conhecimento de maneira diferente da criança, porque se sente independente e com uma vasta experiência de vida.

Curricular Comum (BNCC), que deve ser o principal documento orientador para a definição de currículos nas redes federais, estaduais e municipais de todo o país.

Entretanto, desde o lançamento da versão preliminar, “nunca houve qualquer formulação referente à educação de jovens e adultos”, Cássio e Catelli (2019) relatam que a EJA é uma modalidade da educação básica e “o texto da BNCC limita-se a informar que determinados eixos e conteúdos se aplicam a crianças, jovens e adultos, uma ausência da reflexão sobre a especificidade da modalidade tendo em vista os seus sujeitos.” Tal ausência ficou nítida e foi tema de diversos encontros e debates entre educadores.

Mesmo que os conteúdos propostos pela BNCC sejam destinados a todos brasileiros de diferentes níveis da educação básica, existem outros elementos que devem ser considerados em suas especificidades. Os pesquisadores anteriormente citados relata, que pelo fato dos alunos já carregarem conhecimentos de âmbito pessoal e profissional, deveriam existir seções na BNCC destinadas a reflexão sobre esse público e que não faz sentido reproduzir um “mesmo rol de conteúdos desenvolvidos ao longo de anos para crianças e adolescentes, uma vez que estas etapas já não se fazem da mesma forma necessárias para a aprendizagens de adultos e os adultos não precisam aprender da mesma forma que as crianças” (CÁSSIO e CATELLI, 2019, 23).

Na segunda versão da BNCC de abril de 2016, a mudança limitou-se a nomenclatura, onde se lia *crianças, adolescentes*, agora se lê *crianças, adolescentes, jovens e adultos*. Esta inclusão só ampliou os problemas, pois desconsidera qualquer especificidade e torna o currículo homogêneo e cada vez mais marginalizando a EJA.

Durante a última versão proposta da base em 2017, o documento permaneceu isento de uma discussão específica sobre a EJA. Segundo os secretários do MEC responsáveis pelo desenvolvimento da pasta na época, suprimir o olhar mais detalhado sobre esse modelo de educação acaba com os estigmas que a EJA carrega - como instituição e seus estudantes. Ao estar incluída na educação regular, foi considerada no conjunto de direitos que esse modelo de educação garante e suas aprendizagens, afinal, a base não é currículo, e suas especificidades devem ser tratadas nos currículos relativos.

Machado (2018) aponta que especialistas da área discordam da versão proposta pelo MEC, uma vez que existem aspectos peculiares⁶ durante o processo de aprendizagem de jovens e adultos, debatidas durante a constituição de 88, reiteradas na LDB de 1996 e reconsideradas na Conferência Nacional da Educação Básica em 2008.

Ausente de amplo debate, em dezembro de 2017 a BNCC foi aprovada, desvinculando da educação básica o ensino médio e contrariando os apontamentos da LDB de 1996. O tratando como uma educação específica quebra a concepção indissociável à educação básica.

Além das incongruências na BNCC durante os últimos anos, sofremos também o desmonte do ensino médio. Através de uma Medida Provisória (MP), o ex-governo de Michel Temer instaurou o ensino integral de sete horas, excluindo as disciplinas de Sociologia, Filosofia, Educação Física e Arte do currículo escolar do ensino médio, com a justificativa de formar uma educação técnica onde o aluno possa escolher seu percurso e se profissionalizar durante o período escolar. Conhecida como a MP da reforma do ensino médio, acabou gerando uma onda de manifestações e ocupações nas escolas públicas de todo Brasil, chamada de “primavera secundarista⁷”.

O coordenador geral da Campanha Nacional pelo Direito à Educação, Daniel Cara, classificou como grave a aprovação desta reforma por meio de uma MP. , relata que o próprio governo assume que as escolas atuais não comportam o ensino integral, dando margem a novas coligações público-privadas, sendo o início da privatização da educação. Cara (2017) argumenta que a reforma na verdade é uma antirreforma no sentido de que ela acaba fazendo com que a LDB seja desconstituída naquilo que se refere ao Ensino Médio e a Educação Profissional.

A reforma em seus ideais propõe uma “volta ao passado extremamente útil”, nas próprias palavras do presidente vigente na época para o programa Roda Viva da TV Cultura⁸. Ao assumir isso, o ex-presidente Michel Temer teve a coragem de retornar aos antigos moldes entre clássico e científico, como se dividia o ensino médio na época da

⁶ Questões como, limites etários, formação dos educadores com foco na EJA, definições de alcances, metodologias e avaliações específicas, além da proximidade com a formação profissionalizante.

⁷ Com mais de 1000 escolas ocupadas em todo país, estudantes protestam contra a PEC 241/2016 que limita os gastos do governo federal pelos próximos 20 anos, congelando os repasses para a educação e contra a MP 746/2016 que propõe a reforma do ensino médio. Mariana Tokarnia para Agência Brasil – EBC em 25/10/2016. Disponível em <http://agenciabrasil.etc.com.br/educacao/noticia/2016-10/mais-de-mil-escolas-do-pais-estao-ocupadas-em-protesto-entenda-o-movimento> Acesso.2019.

⁸ “Cumprimento vocês por mais está propaganda, diz Temer a jornalista. ” Revista Carta Capital de 16/11/2016. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/blogs/parlatorio/cumprimento-voces-por-mais-esta-propaganda-diz-temer-a-jornalista> Acesso ago. 2019.

ditadura, apresentando aos alunos de 16 anos de idade, cinco possibilidades de trajetória: matemática, linguagens, ciências da natureza, ciências humanas e ensino técnico profissionalizante de nível médio, desconsiderando que neste momento de suas vidas os estudantes ainda não estão preparados para escolher uma trajetória.

Mesmo com todas essas fragmentações históricas, a EJA permanece em luta contínua de institucionalização, buscando sempre uma formação qualitativa dos sujeitos livres e críticos. O contexto em que está inserida nos faz reconhecer que a educação não deve seguir à lógica materialista. Como cita Ianni (1997), ela deve formar um cidadão para vida, além de também aperfeiçoar a mão de obra qualificada. A escola não deve ser somente voltada às pedagogias tecnicistas, e sim deve visar a construção desses sujeitos, que, mais do que compor, passarão a recriar os pilares de nossa sociedade. (DUTRA, 2016).

Ao identificar os percursos históricos da educação de jovens e adultos, é notório que em alguns momentos a mesma foi classificada como essencial, e em outros teve um papel secundário no processo educacional brasileiro. Fica nítido que o caminho ainda é longo e a ideia de que basta educar as crianças para que no futuro a educação de jovens e adultos será extinta ainda é presente, desconsiderando que existem diversos fatores que acabam por excluir muitas crianças da escola, tornando-as posteriormente o público da EJA.

O próximo subtema será dedicado ao debate sobre a institucionalização do CEJA de São José, seus principais aspectos estruturais e características físicas.

1.3 O CEJA DE SÃO JOSÉ

Ao analisar as diversas funções características à unidade do CEJA de São José, busco apresentar uma breve discussão sobre seu Projeto Político Pedagógico (PPP), o papel que representa na sociedade, questões físicas e quadro de funcionários.

Primeiramente, saliento as diferenças entre EJA e CEJA: a primeira está ligada à educação como instituição, já a segunda se refere à unidade física, os centros educacionais.

Pertencente à rede estadual de ensino e ligada à Gerência de Educação da Grande Florianópolis (GERED), que por sua vez é uma das diversas gerências regionais pertencentes à Secretaria de Estado da Educação (SED), o CEJA de São José foi criado

pelo decreto 3.236 e publicado no Diário Oficial Nº 18.845 de 09 de março de 1996 e tornou-se um espaço apropriado para quem já não se encontra na faixa etária correspondente ao Ensino Fundamental e Médio.

O PPP da escola está disponível em seu site⁹, onde a unidade de São José disponibiliza uma página em que atualiza todas as informações regularmente, informando seu cronograma anual, matrículas, prestação de contas e fotos das atividades e trabalhos desenvolvidos pelos estudantes. Todos os professores são instruídos a acompanhar o site da unidade, pois lá constam diversas informações importantes.

Iniciado em 2010, modificado e ampliado no início de 2019¹⁰ o PPP tem como premissa uma educação de qualidade, democrática, participativa e comunitária, “buscando eliminar as relações competitivas, corporativas e autoritárias, diminuindo a fragmentação resultante da divisão do trabalho que reforça as diferenças, descasos e hierarquiza os poderes de decisão”. (PPP, São José, 2019)

Com doze unidades descentralizadas, atende a outras oito cidades da Grande Florianópolis (Palhoça, Biguaçu, Governador Celso Ramos, Anitápolis, São Pedro de Alcântara e Santo Amaro da Imperatriz). Já a unidade da capital fica responsável por atender somente os bairros da cidade, com um público em média de 1100 estudantes - comparados aos quase 2000 matriculados em todas as unidades da Grande Florianópolis em que o CEJA de São José administra, sem dúvidas é uma das maiores unidades do Estado. Atualmente, em São José, temos 637 estudantes matriculados.

O quadro funcional é composto por nove funcionários efetivos que compõem cargos diretivos, de assessoramento e assistência, além de seus oitenta professores ACTs. Só o fato da alta rotatividade e não efetivação dos professores por si só já um fator que explicaria muitas questões sobre o CEJA em Santa Catarina, trato esta informação subjetivamente e indiretamente a todo momento durante a interpretação e leitura das entrevistas coletadas.

⁹ <https://cejasaojose.wixsite.com/professor>.

¹⁰ Ao questionar a coordenação sobre os participantes responsáveis pela elaboração do PPP, fui informado que apenas os funcionários da coordenação – efetivos – consequentemente - participaram da elaboração do mesmo, pelo fato de que o vínculo com os professores são semestrais e a rotatividade de estudantes é muito grande, impossibilitando um acompanhamento e olhar mais complexo pela EJA, segundo alguns funcionários da coordenação.

Apesar de poucos funcionários e todos ocupando duas pequenas salas, sua administração é constantemente elogiada pela agilidade e eficácia nos atendimentos aos estudantes e questões administrativas.

A localização física da “matriz”, como é popularmente conhecida, está localizada dentro da Escola Jovem de São José (CEMAJOBA) um prédio amplo com uma série de dificuldades compartilhadas por grande parte das escolas públicas brasileiras, em uma rua de fácil acesso aos meios de transportes e com um fluxo de trânsito de veículos intenso.

Figura 1 - Escola Jovem de São José - E.E.B. Professora Maria José Barbosa Vieira (CEMAJOBA)



Fonte: Escola Jovem de São José (2021).

Há, ainda, outras sete unidades descentralizadas que estão localizadas em escolas estaduais ou municipais entretanto, lecionei e conheço somente três dessas unidades. Mesmo com a divulgação online, a coordenação informa que a maioria do contato é feito através do telefone ou presencial, e que para a criação de novas turmas, as mesmas deverão ter o mínimo vinte alunos, seguindo a orientação da Portaria N/SED/44, de dezembro de 2014.

Localizada na periferia de São José, o CEJA em que analisamos compartilha seu espaço físico com uma escola municipal no bairro Ceniro Martins, uma região carente

de políticas públicas que destoa dos bairros centrais da cidade. Grande parte dos estudantes moram no mesmo bairro da escola ou em comunidades próximas.

Ao buscar informações socioeconômicas sobre a região, não foi possível identificar dados sobre o bairro Ceniro Martins. Analisando o plano diretor municipal compreendemos que o mesmo é entendido e suas informações estão inseridas como bairro Forquilhas, devido ao fato de a localidade ser “recente” no sentido de visibilidade e entendido como um bairro pela prefeitura. Anteriormente era compreendida como um loteamento e áreas de invasão pertencentes ao maior bairro próximo, Forquilhas.

Figura 2 - Mapa de localização da escola.



Fonte: Google Maps (2021).

As aulas de São José acontecem somente no período noturno. Já em Palhoça e Biguaçu, que são administradas pela mesma unidade, há turmas vespertinas também, como ocorre na capital. Essa é uma questão que oscila de acordo com o número de matrículas, segundo os funcionários responsáveis pela questão.

Outro fato importante que deve ser levantado é sobre a formação da matriz curricular da EJA em Santa Catarina. Com objetivo de garantir educação de qualidade a todos os jovens e adultos e zelando pela inclusão dele na sociedade, organiza suas disciplinas em semestres, dividido em blocos ou fases – A/B/C – assim possibilita a representação dos anos referentes ao ensino médio regular. Cada bloco geralmente tem em torno de 6 semanas. Ou seja, em meio ano o estudante cursa toda disciplina

equivalente aos 3 anos do ensino médio regular, concluindo assim em 1 ano e 6 meses todo o trajeto.

Tal fator impossibilita muitas vezes o acompanhamento contínuo dos alunos, pois semestralmente são compostas outras turmas com novos estudantes em conjunto com os já matriculados. Enquanto alguns estão concluindo o ensino médio, na mesma turma frequentam novos anseios do tão sonhado diploma escolar.

Dados apresentados pelo Censo Escolar de 2018¹¹, apontam que durante o ensino médio o abandono escolar chega a 11,7% e a migração para a EJA é mais expressiva ao final do ensino fundamental, quando chega a 3,2% e 3,1%, no 7º e 8º ano, respectivamente, levantando questões sobre a juvenilização desse público. A alta taxa de evasão dos estudantes ainda jovens, tal como seu processo de migração, é uma questão que deve ser aprofundada nesta pesquisa. Não há como falar sobre educação de jovens e adultos sem abordar o abandono escolar.

O livro didático adotado pelo CEJA não sofre atualização desde 2014. Distribuído após a realização do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)¹², o mesmo encontra-se inalterado e sem previsão de novo edital, após bloqueios a pasta dedicada a escolha dos livros no MEC.

Essa questão é vista de diversos modos pelos professores: alguns aprovam, outros criticam a falta de atenção e atualização dos livros. Durante as formações iniciais somos informados sobre a possibilidade de impressão de materiais diretamente na matriz, porém com horários agendados e limites de folhas. O fato de os professores terem que se deslocar até a unidade principal acaba se tornando um empecilho devido aos diversos fatores de locomoção que assolam nossa região da Grande Florianópolis. Em algumas escolas onde as unidades descentralizadas dos CEJAS estão inseridas podemos compartilhar a fotocopiadora com os outros professores.

Analiso essa questão como um problema em comparação com os estudantes de outras classes e escolas privadas, visto que adotam um material rico em conteúdo e preparatório para os vestibulares. Ao deixar a mercê dos professores a questão de

¹¹ O Censo da Educação Superior é realizado anualmente pelo INEP e se constitui como a mais importante pesquisa estatística sobre a educação superior no Brasil, fornecendo informações relevantes para possibilitar a formulação, o monitoramento e a avaliação de políticas públicas, além de ser elemento importante para elaboração de estudos e pesquisas sobre o setor. O Censo coleta informações sobre instituições de educação superior (IES), cursos de graduação e sequenciais de formação específica, bem como sobre discentes e docentes vinculados aos cursos oferecidos. (BRASIL, 2018, p. 7)

¹² O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) é realizado a cada quatro anos, com reposições anuais.

desenvolvimento do material, ocorre uma disputa de tempo dentro da agenda cheia de aulas em que o professor da educação básica é submetido, além das inúmeras horas em casa para a criação de provas, atualização de diários e o desenvolvimento de planos de aulas.

Ao longo da minha convivência em diversas salas de professores, compartilhamos questões sobre as unidades onde lecionamos. Em algumas, somos prontamente atendidos pelas coordenações das escolas em que o CEJA adota o espaço, respeitados tal como os professores da unidade. Em outras, algumas restrições nos são feitas, o que não é o caso de minhas experiências, pois sempre fui bem recebido por todos os funcionários das coordenações e direções em que passei.

Além da LDB, BNCCS E PCNN'S, a EJA também está submetida às legislações estaduais, como a Proposta Curricular de Santa Catarina. Fundamentada na concepção de ensino e aprendizagem histórico-cultural a proposta percebe que os sujeitos se apropriam do conhecimento a partir das condições históricas das quais estão inseridos e nas diversas interações de aprendizagem entre professor e aluno. Assim, adotam-se os princípios de uma educação reparadora, equalizadora e qualificadora, princípios constantes no Parecer CNE/CEB n° 11/2000.

Para tanto, se faz necessário refletir sobre a escola que temos se está voltada para os interesses políticos, se discriminadora e produtora de mecanismos de controle que impedem que os estudantes consigam enfrentar em condições de igualdade ou como melhor enfrentar os desafios do mundo contemporâneo. Para que a escola cumpra a sua função social será necessário a integração e participação da comunidade escolar, os segmentos da escola devem estar plenamente voltados à completa valorização dos educandos, cursos de formação e qualificação dos profissionais da educação.

Entendendo que a socialização do conhecimento deve ser garantida a todos, a proposta curricular da EJA em São José propõe uma formação integral dos educandos, segundo uma concepção que parte da luta histórica pela emancipação humana. Quanto mais integral a formação dos sujeitos, maiores são as possibilidades de criação e transformação da sociedade.

No próximo subtema discorrerei sobre os dados coletados através dos questionários junto aos estudantes que compõem o CEJA com o intuito de compreender aspectos culturais, sociais e econômicos desse universo discente.

1.4 O PÚBLICO DO CEJA, ESTUDANTES, PROFESSORES E COORDENADORES

É intrínseco aos educandos da EJA diferentes condições sociais, culturais, religiosas e econômicas. Apesar dessas diversificações, os alunos compartilham características semelhantes, como o ingresso antecipado ao mercado de trabalho e tempo escasso para dedicar-se aos estudos.

O retorno à escola é sempre argumentado como valorização do saber letrado, uma valorização social que acaba se tornando projeto de vida – e de direito - da maioria da população. Segundo a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD)¹³ a visão de mundo de um ingressante da EJA é diferente de um educando em educação regular, a ausência do conhecimento letrado e científico em diferentes fases da vida, pode desenvolver diferentes percepções e interpretações a partir de sua história.

Ausubel (2000) aponta que um dos fatores mais influenciadores na aprendizagem do estudante da EJA é aquilo que o aprendiz já sabe. Aprendizagem significa organização e integração do novo material na estrutura cognitiva. Como outros teóricos do cognitivismo, ele parte da premissa de que existe na mente do indivíduo uma estrutura na qual a organização e a integração se processam.

Apesar dos ingressantes na EJA terem por admiração a cultura letrada, Calhau (2007) relata que é compreensível que de início haja um sentimento de rejeição, pelo fato de suas concepções muitas vezes não se adequarem às aulas ministradas e pela tentativa falha de muitos professores em tentar fazer uma ponte entre as disciplinas sem sucesso. Porém, todos identificam na escola o poder de modificar suas vidas, e os alunos da EJA ao adentrarem nesse “conflito” entre realidade escolar *versus* realidade social, ressignificam, refletem e constroem suas vidas de uma forma positiva.

Os PCNs apontam que

no que diz respeito às tentativas de desenvolver o ensino na perspectiva da contextualização e da interdisciplinaridade, nem sempre elas têm sido avaliadas como bem-sucedidas porque muitas

¹³ É um órgão componente da estrutura administrativa do Ministério da Educação (MEC) e foi criada no ano de 2004, sua principal função é articular junto as três secretarias do MEC responsáveis por gerir a educação formal (SEB – Secretaria de Educação Básica, Setec – Secretaria de Educação Tecnológica e Secretaria do Ensino Superior – SESU) políticas públicas voltadas a ampliação do acesso à educação a todos os cidadãos, levando-se em conta especificidades de gênero, idade, raça e etnia, etc. Disponível em <https://ensinosuperiorindigena.wordpress.com/atores/instituicoes/secad/> Acesso ago. 2019.

vezes os esforços de contextualização acabam resultando como artificiais, ou seja devemos formular exemplos e atividades mais próximas de seu dia a dia, por isso necessidade de entender a pretensão e a realidade de cada aluno. (BRASIL, 2007, p.76).

Então, o processo de ensino é um recurso de autoconhecimento dos alunos, eles devem se enxergar como componentes da sociedade que refletimos em nossas aulas. Essa educação deve ser voltada as diferentes pluralidades que compõem a sociedade em que vivemos com diferentes necessidades. Alcançar esses ideais é o primeiro passo para que os alunos da EJA se percebam como sujeitos de direito.

Outra característica do público da EJA é que por muito tempo era quase que predominantemente composta por adultos. Franchi e Günther (2018) apontam que segundo o Censo Escolar de 2018 a EJA compunha 30% do total de estudantes matriculados em todas modalidades de ensino básico, e o número de jovens é maior dentre os alunos do Ensino Médio, enquanto no Ensino Fundamental o número de adultos prevalece.

Institucionalmente, o termo “jovem” é compreendido como pessoas acima de 18 anos, porém ao constatar que a LDB define 15 anos como idade mínima para realizar o Exame Nacional para Certificação de Competência de Jovens e Adultos (ENCCEJA)¹⁴ é possível entender assim que o número de adolescentes – estudantes entre 12 a 18 anos – também compõe esse público. Entende-se assim segundo as Notas Estatísticas do Censo Escolar de 2016 que o termo abrange toda essa camada de estudantes que apresentam distorção entre idade série durante o período escolar.

Para teoria *bourdieusana*, a juventude e a velhice são construções sociais, e que mesmo dentro do conceito existem dois polos. Bourdieu (2003, p.153) compreende o adolescente não perante sua idade biológica, mas a partir das suas responsabilidades sociais. Assim, “jovens são os que mesmo durante a adolescência têm que cumprir atividades – trabalhar – em concomitância – ou muitas vezes abandonam – com os estudos, enquanto adolescentes são os que somente estudam”. (FRANCHI & GÜNTHER, 2018, p.124).

¹⁴ O Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (Encceja) foi realizado pela primeira vez em 2002 para aferir competências, habilidades e saberes de jovens e adultos que não concluíram o Ensino Fundamental ou Ensino Médio na idade adequada. Antes, a certificação para alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) era feita por meio de provas realizadas pelas secretarias municipais ou estaduais de educação, outra opção para obtenção do certificado. (INEP, 2019)

Segundo o Atlas de Do Desenvolvimento Humano no Brasil¹⁵, o número de jovens adultos, com 18 anos ou mais com ensino médio completo no município de São José é de 72,80%, superior aos 54% da média nacional. Apesar de carente em informações mais específicas sobre a região do bairro Ceniro Martins, dados fornecidos pela Gerência de Avaliação da Educação Básica e Estatísticas Educacionais (GAEBE) apontam que a evasão escolar durante o ensino médio tanto no município – 18% - quanto no estado – 19,9% - são superiores as médias nacionais 15,3% em 2015.

Ao constatar que mesmo com um índice de aprovação superando a média nacional a taxa de evasão supera também os mesmos índices, os dados apontam que somente 1,5% desse público migrou para EJA em todo o Ensino Médio durante 2015. O fato de ter uma trajetória irregular, geralmente ligados a questões econômicas - ter que trabalhar cedo – também são classificados como jovens provenientes de camadas populares.

A questão racial é outro ponto latente na EJA, a escolaridade média da população de 18 a 29 anos negra no Brasil segundo o PNAD é de 9,5 anos de estudo enquanto em Santa Catarina esta média limitou-se a 9,1 anos, este dado também deve ser comparado a todo momento aos 10,5 anos de estudos da população branca.

Outro fato que não pode ser desconsiderado é a predominância das mulheres na sala de aula, questão que verifico também em outras turmas e unidades do CEJA em que já lecionei. Segundo dados do Censo Escolar de 2019 do INEP, os estudantes com menos de 30 anos representam 62,2% das matrículas da EJA, sendo 57,1% do sexo masculino. Quando se observa os estudantes com mais de 30 anos, as mulheres correspondem a 58,6% das matrículas

Costa (2015, p. 31) ao estudar as trajetórias das mulheres estudantes e trabalhadoras na EJA em Florianópolis, aponta que uma parte vive tripla jornada, vêm de uma origem social com poucos recursos financeiros e culturais, o que denota condições sociais muito parecidas. Por outro lado, essas mulheres também carregam experiências de vida particulares, e nessa medida enfrentam desafios individuais e elaboram estratégias moldadas de acordo às suas possibilidades, para conseguir dar conta dessa tripla jornada. Afinal, nem todas lançam mão dos recursos à sua disposição da mesma forma.

¹⁵ O Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil é um site que traz o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) e outros 200 indicadores de demografia, educação, renda, trabalho, habitação e vulnerabilidade para os municípios brasileiros.

Autores como A. Alves-Mazzotti (2002) também retratam os desafios e estratégias remodeladas pelos estudantes da EJA porém a partir da perspectiva de relação do trabalho infanto-juvenil e o período escolar, principalmente dos alunos homens, descartando toda causalidade que os estudantes e as pessoas em geral utilizam para justificar o abandono tal como o retorno, entendendo assim que os estudantes desenvolvem estratégias e percursos de acordo com suas vivências e possibilidades, os homens, ainda jovens, ao serem inculcados *modus operandi* do mundo do trabalho, resulta na verdade, tanto a disciplinaridade quanto a cobrança pela falta de.

Apesar de todos estes percalços importa mencionar também que esses estudantes enfrentam um novo contexto sobre as políticas de ingresso ao Ensino Superior, como abordado anteriormente, devido ao aumento das vagas advindo das políticas públicas como o Programa Universidade para Todos (PROUNI)¹⁶, o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI)¹⁷ e as Políticas de Ações Afirmativas¹⁸. Deste modo, é possível que encontrem em seus círculos de vivências casos de pessoas próximas que concluíram a universidade nas instituições federais, estaduais da grande Florianópolis, tornando assim o ingresso no Ensino Superior como algo possível dentre os estudantes, ainda que em muitos haja a concepção de algo quase inatingível dentre as possibilidades.

Mesmo que não existam dados institucionais sobre o bairro onde os estudantes moram, e esse fato também tem um significado, as descrições acerca de onde vivem segundo os dados apresentados pelo índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), apontam que a baixa escolaridade ainda é uma característica marcante nessas regiões da cidade.

Os próprios professores da localidade são capazes de identificar este fato, visto as altas taxas de abandono que envolvem todas as escolas da região. Por isso que

¹⁶ Dirigido aos estudantes egressos do ensino médio da rede pública ou da rede particular na condição de bolsistas integrais, com renda familiar per capita máxima de três salários mínimos, o Prouni conta com um sistema de seleção informatizado e impessoal, que confere transparência e segurança ao processo. Os candidatos são selecionados pelas notas obtidas no Exame Nacional do Ensino Médio - Enem conjugando-se, desse modo, inclusão à qualidade e mérito dos estudantes com melhores desempenhos acadêmicos. O Programa possui também ações conjuntas de incentivo à permanência dos estudantes nas instituições, como a Bolsa Permanência e ainda o Fundo de Financiamento Estudantil - Fies, que possibilita ao bolsista parcial financiar parte da mensalidade não coberta pela bolsa do programa. O Prouni já atendeu, desde sua criação até o processo seletivo do segundo semestre de 2018, mais de 2,47 milhões de estudantes, sendo 69% com bolsas integrais. (PROUNI Portal, 2020.)

¹⁷ O Reuni tem como principal objetivo ampliar o acesso e a permanência na educação superior.

¹⁸ As ações afirmativas são políticas públicas e privadas com o intuito de reparar e diminuir as desigualdades raciais presentes na sociedade. No ano de 2012 o Supremo Tribunal Federal (STF) brasileiro decidiu por unanimidade que as ações afirmativas são constitucionais.

estruturar a posição ocupada pelos professores e coordenadores da instituição é uma questão que deve ser abordada na presente pesquisa. Saliento a complexidade em realizar essa função. Uma vez que o CEJA em Santa Catarina restringe a efetivação de professores e o fato de trabalharmos em rodízio, cada noite lecionamos em uma escola diferente, na maioria das vezes não nos conheceremos nem ao longo do semestre.

Assim, apresento ao longo desta pesquisa o resultado dos questionários e das interações que tive com dois professores, um destes é mais próximo pois lecionávamos no mesmo dia, então compartilhamos muitas experiências e risadas aguardando o início das aulas na sala dos professores, o outro mais distante, foi indicação do colega professor anteriormente citado.

A maioria dos professores são graduados em universidades privadas, enquanto os funcionários da coordenação, efetivos, em sua maioria estudaram em instituições públicas. São poucos os eventos recreativos que envolvem os professores juntamente com a coordenação. No final de cada semestre, a matriz sempre convida todos os professores para um jantar de confraternização, mas nunca fui e assumo que os poucos colegas em que conversei também não compareciam aos jantares.

Tanto os 80 professores quanto os 9 funcionários da coordenação são predominantemente brancos, estudaram em escolas públicas. O CEJA de São José é composto em sua maioria por professores de 40 a 50 anos. Contudo, dentre os que lecionaram no Ceniro, a maioria está na faixa de 30 a 40 anos de idade.

Outro fato também interessante é que mesmo que a maioria dos professores sejam ex-alunos de escola pública, o que deveria provocar uma certa aproximação em relação as experiências vivenciadas pelos estudantes, todos realizaram o processo escolar no período previsto e, logo, não foram, eles próprios, alunos do CEJA. A maioria também iniciou a graduação antes dos 30 anos e 30% tem dentre os pais ou responsáveis com Ensino Superior Completo. A professora Vanessa de Língua Portuguesa relata que:

[...] Não. Eu sou da serra, fui pra Jaraguá por causa do meu marido, eu casei muito cedo, com 19 anos. Eu nasci em São Joaquim, na serra catarinense, casei e meu marido foi trabalhar em Jaraguá do Sul como disse. Eu fiz toda educação em uma escola particular, eu era de família simples, mas estudei no particular, notas boas, era exemplo para as irmãs mais novas. [...] Quando cheguei em Jaraguá do Sul, já grávida, bem louca, entrei na faculdade, e não pedi licença maternidade durante a faculdade. Eu estava quase ganhando, os professores mandando eu ir embora, e lá estava eu estudando[...]

Mesmo oriundos de escola pública, este abismo entre os estudantes e professores ainda é grande, possivelmente em determinado momento frequentaram espaços sociais semelhantes, porém é perceptível no discurso dos próprios professores e coordenadores de que suas trajetórias são totalmente privilegiadas perante nossos alunos, mesmo em situações delicadas, como no caso da professora Vanessa.

Por fim, apesar de toda compreensão das dificuldades e obstáculos o discurso meritocrático é notório, as falas aonde responsabilizam os estudantes como único determinantes de suas trajetórias é bem comum entre os professores e funcionários da coordenação. Ou seja, os funcionários, professores e os alunos estão situados em espaços sociais diferentes, com posicionamentos e visões diferentes dos estudantes.

1.5 A DELIMITAÇÃO DOS OBJETIVOS

Após apresentar as características do processo histórico e educacional da EJA, meu trabalho tem como objetivo reconstruir os processos de socialização de quatro estudantes do CEJA de São José que optaram em prolongar os estudos, a fim de compreender aspectos, comuns ou não, em suas trajetórias que os propulsaram a ocupar os bancos das universidades.

Devido aos descompassos – social e educacional - vivenciados pelos estudantes da EJA , compreender a auto exclusão e os obstáculos, culturais e materiais, que permitem trajetórias educacionais mais regulares tornam-se fatores imprescindíveis também na análise para entender suas experiências educacionais.

Ao estudar a trajetória dos estudantes dos cursinhos populares em São Paulo, Bonaldi (2015, p.39) relata que os alunos expressam a internalização de uma autopercepção sobre a baixa probabilidade de ingresso na universidade devido ao fato de ter que trabalhar cedo, e assumir outras inúmeras responsabilidades, a “busca pelos estudos se torna algo inatingível ou comumente indesejável”.

Desse modo, pretendo investigar os processos de socialização e escolarização dos alunos do CEJA aprovados em instituições de Ensino Superior, a fim de relacionar se seus processos de socialização e escolarização os tornam resilientes perante as desigualdades impostas pelo sistema educacional, para assim compreender as dimensões sociais, culturais, escolares e políticas envolvidas nesse processo e delinear os mecanismos que interferem e os diferenciam perante o ingresso no Ensino Superior.

2 POR QUE BOURDIEU?

Por ser um dos autores mais atuais, preocupado em sistematizar a abordagem analítica de múltiplas dinâmicas de produção e de reprodução de desigualdades nas sociedades modernas, dialogando com seus antecessores clássicos, a teoria desenvolvida por Pierre Bourdieu é sem dúvida imprescindível para compreender as informações coletadas nesta pesquisa, é interessante lembrar que em certos momentos o autor utiliza destas mesmas correntes sociológicas que contrapôs, como fonte e embasamento para o desenvolvimento de sua análise, e ao longo deste capítulo elencaremos alguns pontos da mesma que comprovam isto.

De início, o autor utiliza da metáfora espacial para compreender a estrutura da sociedade, para Bourdieu, o agente, o sujeito, internaliza estas estruturas e são percebidas através da noção de *habitus*, ou seja, de modo geral o *habitus* são esquemas inconscientes de percepção e de ação que o sujeito emprega em seus gostos, práticas e visões de mundo, fazendo indivíduos que nasceram em diferentes lugares do espaço social agirem, pensarem e sentirem de diferentes formas de acordo com seu volume e estrutura de capitais.

Para o autor as diferentes condições de socialização, levam os agentes a incorporar diferentes matrizes geradoras e unificadoras de práticas sociais, o *habitus* é incorporação de um lugar no espaço social, a matriz geradora de esquemas de ação e de percepção unificados, e tem o efeito de homogeneização dentro de uma classe, ou fração dela, quanto de diferenciação entre agentes de diferentes classes, ou frações delas.

Para entender Bourdieu precisamos lembrar que o espaço social é uma ferramenta de pesquisa, é um instrumento concebido para produzir conhecimento social. É uma construção mental, que possibilita mapear proximidades e distâncias entre grupos e pessoas que sejam sociologicamente pertinentes, é um lugar útil para entender alguns fenômenos sociológicos.

Neste espaço, existem inúmeros quesitos para podermos classificar as pessoas, porém quando são divididas em capital econômico e capital cultural, trazem à tona classificações que ajudam a compreender muitas diferenças e desigualdades sociologicamente pertinentes e relevantes.

Assim, Bourdieu utiliza essas constatações para identificar a relação entre a estrutura do espaço social, dividida em diferentes capitais e ações desenvolvidas por

meio desses capitais incorporados sob a forma de *habitus*. Sendo assim, é possível relacionar a objetividade e todas as subjetividades que compõem a realidade social.

O conceito de *habitus* é primordial nesta pesquisa, ele é determinante para analisar as conexões entre o espaço social e o espaço das disposições. Uma vez que o termo apresentado por Bourdieu está na raiz da geração das interpretações e estilos de vida, traduzindo assim as dissonâncias relativas ao espaço social para a linguagem simbólica, representada através de diversas manifestações.

A reprodução no espaço simbólico estabelece os gostos e preferências de práticas essenciais dos grupos analisados para significação de chances de acesso a diversificados capitais econômicos, sociais e culturais, determinando assim a dialética entre o material e o simbólico e posições objetivas no espaço social.

Mas por que utilizar e relacionar o conceito de *habitus* em Bourdieu com a presente pesquisa?

Um fato que deve ser considerado a partir dos apontamentos de Bourdieu é que realidade social é caracterizada e ressignificada continuamente, onde o indivíduo modifica a sociedade e ao mesmo tempo a sociedade modifica o indivíduo, o que por muito tempo algumas correntes sociológicas – tradicionais, objetivas e deterministas - desconsideravam de suas análises.

Ao entender que a teoria bourdiesiana articula a relação entre espaço social e a incorporação de subjetividades e que liga sempre essas questões com a produção do estilo de vida, entende-se que através de seus referenciais teóricos é possível traduzir e compreender como os estudantes da EJA constroem e reconstróem os símbolos e as dissonâncias objetificadas do espaço social, para assim compreender como significam e ressignificam o processo escolar.

Assim, mesmo com a transferência do *habitus* entre gerações, existe a necessidade dos agentes em ressignificar esses parâmetros, por isso cabe utilizar deste termo da teoria bourdiesiana para verificaremos as barreiras – econômicas, escolar, política, social – e as lutas – reflexivas e objetificadas - frente a concretização de suas trajetórias.

2.1 TUDO EM BOURDIEU?

Ao decorrer da interpretação das entrevistas pude perceber que existe uma heterogeneidade na formulação de dinâmicas sociais familiares dos estudantes do CEJA, sendo esse o primeiro ponto a contradizer os estudos da sociologia da educação desenvolvidos por P. Bourdieu e J. C. Passeron (1970), pois os autores identificam a família como uma instituição homogênea e dedicada a transmissão da cultura da classe à qual pertence.

D. Bertaux e P. Thompson (2007) argumentam que mesmo em famílias que compartilham do mesmo capital cultural, econômico e social, as formas de organizar e interpretar a realidade são totalmente diversificadas, pois mesmo que esse *habitus* seja coletivo e herdado, sua expressão é individualizada.

Outro autor que discute sobre o mesmo tema é Lahire (1997), que ao estudar famílias que detém os mesmos recursos – materiais e imateriais – o sucesso escolar se diferencia. E a partir disso o autor consegue criar fatores sociológicos pertinentes capazes de explicar os casos e sucesso e fracasso em sua origem social.¹⁹

A Sociologia da Educação no Brasil desenvolveu um olhar dedicado a refletir sobre as diversas composições familiares e dinâmicas de socialização dentro de uma mesma classe, focando principalmente nos casos de algum tipo de sucesso escolar em situações que se dizem improváveis nas camadas populares.

Ao estudar os jovens e adultos das classes mais baixas, a produção literária sobre o assunto no Brasil se diversificou da francesa, que se concentrava em analisar crianças, e seus limites como pouca trajetória e inserção social, autores como Bonaldi (2015), Silva (2003), Zago (2006) tornaram as análises dos casos brasileiros mais ampla de fatores sociológicos pertinentes na identificação de suas trajetórias.

Esses autores enfatizam as influências – parentes, amigos – que atuam nas redes e relações que os estudantes estão inseridos, que passam a os influenciar e criar possibilidades de novos modelos de socialização que anseiam prolongação do seu processo de escolarização.

¹⁹ B. Lahire (1997) destaca questões morais e disciplinares inculcadas pelos pais, irmãos e familiares como um dos principais fatores que justificam o sucesso entre os estudantes. Em famílias onde os pais se inclinavam as práticas de auxílio no processo de aprendizagem dos filhos, mesmo com limitado capital cultural, a tendência de escolarização completa também é maior, como em casos onde os pais não tinham tempo para os filhos, mesmo com capital cultural elevado, a tendência do fracasso crescia.

Essas influências, ao entrarem em contato com o capital cultural institucionalizado pela escola e ao validar e naturalizar este como um mecanismo de triunfo e chances de ascensão social, acaba por se tornar uma peça essencial na difusão do “capital informacional” sobre o Ensino Superior e todos seus afins. (D’Ávila, 1998)

Chamadas de capital social, essas redes de relações são formalizadas, e podem existir de uma forma institucional reconhecida pelo estado, como casamento, relações de trabalho, ou relações informais não institucionais, amizades, vizinhos, consideradas secundárias, fora das de origem, a família. Essas redes de relação operam com circuito de transmissão de bens, recursos e informações, contribuem para a internalização de modos de percepção e entendimento da sociedade, duráveis e estáveis Bourdieu afirma que são fatores influenciadores importantes para reprodução de suas posições sociais²⁰.

O capital social deve ser percebido como os laços de reciprocidade e confiança mútua entre os agentes, orientados à coesão social e do bem comum a um determinado grupo instituído por essas relações, Bourdieu marginaliza os mecanismos de reprodução das classes populares ao compreender a conversão entre capital cultural somente em capital econômico e entender esse processo como uma questão secundária perante a econômica, (SAVAGE, M., 2007)

Assim ao discutir com outras análises que complementam a discussão acerca da teoria bourdieisiana pude ao longo da interpretação de todos os relatos e dados coletados compreender de fato os limites anteriormente citados, e com o auxílio de produções literárias nacionais que discutem sobre as diferenças inerentes à rede pública de ensino e sua disparidade nas ofertas de ingresso no sistema de Ensino Superior (ALVES *et al.*, 2012; COSTA, 2010; COSTA & KOLINSKI, 2011), somos capazes de compreender a constante relação que o capital social incide sobre a acumulação do capital cultural.

E além das próprias diferenças no interior da educação pública, existe a disparidade com a instituição privada que se torna motivo de comparação a todo momento, supondo assim uma similaridade na educação oferecida pela rede pública, pelo fato dos índices de sucesso estarem relacionados as escolas particulares. Então, me cabe nesta pesquisa apresentar as características relativas as diversas formações que

²⁰ Bourdieu ao analisar a reprodução das elites empresariais relata o fato de escolherem instituições de ensino altamente conceituadas e por consequência as redes de socialização detém um maior capital cultural – os instituídos pelo processo escolar - acabam por estreitar seus laços e estratégias de reprodução do capital econômico. (BOURDIEU, 1984, p. 396-406)

compõem a EJA, e as redes de reações que os estudantes estão inseridos e sua relação com sociedade.

E mostrar que o capital social, é a chave para entendermos essa relação, e a todo momento enquanto confrontamos com o material coletado, encontramos as influências que este tipo de capital causa nas redes de relações dos estudantes, sejam nos círculos familiares ou nas relações de amizade, podendo perceber assim as limitações nas teorias que analisam somente os jovens como passíveis na acumulação deste capital.

Desse modo ao trabalhar com essas pesquisas, que também destacam o capital informacional inserido nas redes de relações dos pais e pares dos estudantes e suas possíveis influências nos casos de aprovação, identificamos que questões além das socioeconômicas que influenciam esse processo como veremos ao longo deste trabalho.

3 TRAÇANDO OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Minha vontade em pesquisar o chão da sala de aula não é recente. Na verdade, este projeto iniciou com a ideia em investigar ferramentas de ensino, mas, ao longo do desenvolvimento da pesquisa, me deparei com outras questões que se tornaram pertinentes.

Durante o processo de escrita e lecionando no CEJA, percebi que o retorno à sala de aula muitas vezes justificava-se entre os estudantes como propulsor em “conseguir um emprego melhor” e poucos almejavam o ingresso no Ensino Superior.

Nos primeiros encontros onde eu me apresento e gosto de conhecer os estudantes, sempre os questionava: *Vocês têm planos para depois do CEJA?*

Muitas respondiam que retornavam às salas de aula pois precisavam do diploma do Ensino Médio ou de um emprego melhor, saliento também que são perceptíveis os números de estudantes que tem o anseio de cursar Pedagogia e cursos técnicos relacionados a área da saúde e estética.

Todas estas questões se tornaram pertinentes em meu percurso como professor na educação básica e como retorno, um feedback, destes poucos anos de experiência, os dados aqui coletados são interessantes para compreensão da realidade de um determinado público em uma determinada situação.

As informações coletadas através da observação participante, deu-se ao longo dos seis meses como professor do CEJA do Ceniro, em todo momento escrevia meus relatos, durante ou após as aulas semanais, ou gravava em forma de áudio enquanto dirigia no retorno para casa. Já os questionários, tanto o dos professores quanto os feitos com os estudantes, apresentaram a necessidade de serem aplicados ao longo que ia os conhecendo melhor.

O questionário feito com os professores, precisou eu entender como funcionava a didática e rotatividade de funcionários, para assim escolher um professor que lecionava duas vezes por semana com a turma, pois acredito que o fato de lecionar duas aulas semanais, pode torná-lo capaz de perceber mais questões pertinentes entre os estudantes. Lembrando que somente um professor os encontrava duas vezes por semana, o restante apenas lecionavam uma aula semanal.

Já o questionário feito com os alunos, foi desenvolvido com um olhar que tentasse de certo modo abranger todas as práticas que os mesmos realizam em seu

cotidiano. Perguntas que abrangessem todas as dinâmicas possíveis em seu espaço social ou que eles pudessem se expressar do modo que mais se sentirem confortáveis.

O primeiro questionário abrangeu as características da turma como um todo, os 28 alunos responderam, já o segundo se deu somente com os quatro estudantes que optaram em realizar as provas dos vestibulares da região.

Assim, ao utilizar os alguns procedimentos investigativos, como observação participante, questionário fechado e entrevistas individuais com professores e estudantes, evidencio nesta etapa os diferentes mecanismos utilizados e como os mesmos se articulam para alcançarmos os objetivos da pesquisa, tão como seus limites ao longo do estudo.

3.1 O INGRESSO NO CEJA

Minha inserção no CEJA se deu muito cedo. Minha mãe abandonou a sala de aula com 16 anos para se casar, permanecendo 14 anos afastada da escola. Meu pai, quatro anos mais velho do que ela, concluiu os estudos e a universidade no período previsto, enquanto minha mãe dedicava o seu tempo para o trabalho doméstico e cuidar dos filhos. Ao retornar aos bancos da sala de aula, muitas vezes quando não tinha com quem me deixar, me levava junto para escola, e lá ficava eu sentado ao lado dela prestando atenção nas aulas e em todos que estavam ali.

Essas situações foram tão importantes, que foi ao começar a estudar o mundo que envolve esse tipo de educação que me recordei desses momentos com saudosismo. Considero essas etapas absolutamente imprescindíveis para o desenvolvimento do meu interesse pelo tema.

Vale ressaltar também que a minha escolarização foi diferente daquela pela qual minha mãe foi submetida. Igualmente ao meu pai, minha irmã e eu cumprimos o processo escolar dentro do prazo previsto, frequentando uma escola privada na qual a preparação para o vestibular era o foco principal e experimentando diversos recursos materiais, como a própria escola particular, e imateriais, como os cursos de línguas, esportes extra classe e viagens.

A partir da questão histórico familiar levantada, saliento que além de facilitadora, essa vivência durante o processo de desenvolvimento das entrevistas me pareceu como uma futura ameaça, pois possibilitava minha constante enviesamento nos

dados. Porém, com a possibilidade do pesquisador em mesclar e conseqüentemente instruir o entrevistado a seguir ou a dizer fatos que são interessantes para a pesquisa, Bourdieu (2005) salienta a necessidade de auto objetivação e constante reflexão que o pesquisador deve manter.

Assim, ao pretender retribuir toda a carga de experiência que o ambiente escolar me trouxe, acredito que os relatos aqui coletados sejam relevantes para o entendimento dos mecanismos que envolvem a educação pública no Brasil, principalmente na educação de jovens e adultos.

A primeira unidade do CEJA em que lecionei foi a de Florianópolis, com algumas instruções normativas diferentes, o tempo dos encontros e a divisão de blocos se mantinham as mesmas. Minha relação com toda coordenação do polo da “ilha” sempre foi boa e amistosa, tal como em São José.

Na verdade, todo o pessoal da coordenação sempre incentivou a autonomia dos professores e tudo que reverberasse na melhoria da instituição. Então, decidi conversar com a coordenação do CEJA de São José, expliquei minhas intenções de pesquisa e como ela se desenvolveria ao decorrer do semestre, sendo prontamente atendido.

É importante salientar que ao restringir efetivos através de uma liminar²¹, o CEJA admite seu caráter paliativo, pois suas vagas tendem a diminuir ao longo dos anos dificultando assim o vínculo como os de professores efetivados. No início de cada semestre temos uma reunião com todos os funcionários, após participar da escolha de vagas, momento onde as vagas são ofertadas de acordo com classificação na prova para substituto, nos são explicadas todas as regras e prazos que devemos cumprir

Neste período, me dediquei a pensar em quais questões eram pertinentes para compreender a dúvida desta pesquisa e como se dariam minhas relações com os diversos agentes participantes. E com o intuito de responder essa questão, relato logo abaixo como as diferentes posições dos agentes no espaço do CEJA predispõe à colaboração com o estudo.

O contato com todos os professores aconteceu somente na primeira reunião semestral, pois geralmente trabalhamos em rodízio - cada noite lecionamos em uma escola diferente, e na maioria das vezes não nos conheceremos nem ao longo do semestre, diante de que o CEJA não possui conselho de classe. Na verdade, ele é feito

²¹ Segundo a instrução normativa nº 002/2009 SED/SC, que orienta sobre os procedimentos relativos à admissão de pessoal caráter temporário, o artigo 10 inciso 1 salienta que um professor efetivo não pode lecionar para educação de jovens e adultos

de forma individual, pois não nos encontramos, o que dificulta muitas vezes em compreender a desenvolvimento dos estudantes como um todo nas diversas disciplinas que cursam e criar um trabalho interdisciplinar.

A intenção em conhecer os professores partiu do meu interesse. Busquei na coordenação o nome e o contato da outra professora pra que para posteriormente pudesse enviá-la meu questionário. Não obstante, o fato de eu ser um professor mais novo em comparação com os das outras disciplinas deve ser relevado durante a apuração dos dados – os alunos, no geral, têm menos de 30 anos.

As redes sociais também são um fator primordial. De começo, admito que tinha receio em compartilhar minha vida com os meus alunos, mas aprendi – e aprendo todos os dias – que é impossível descontextualizar as tecnologias durante esse processo, então aproveitei essa ferramenta para me aproximar deles. Importa mencionar, ainda, que alguns se mantêm próximos, tornando-se eventualmente amigos, e continuamos trocando mensagens, likes nas redes sociais e os encontros ocasionais e inesperados pelos “bares da vida”, onde acabamos compartilhando cervejas ou ideias.

Sendo assim, minha observação participante vai além dos encontros semanais no Ceniuro. Mesmo não podendo acompanhar as aulas dos outros professores, muitos estudantes me contavam sobre as metodologias de alguns colegas e fatos recorrentes em suas disciplinas - vou me abster das críticas, mas existem. O fato é que mesmo não sendo a inserção que eu desejava, pude acompanhar o desenvolvimento nítido das relações que desenvolvi com as turmas, e dos posicionamentos cada vez mais fortes, ou na maioria das vezes silenciados em suas vivências, refletidos em discursos cada vez mais imponentes e empoderados.

Ou seja, além de professor, eu milito pela educação de jovens e adultos, dedicando um considerável tempo para pesquisar sobre o tema, entender e desenvolver metodologias e ferramentas para o determinado público e também aproveitei para avisar a minha mãe que isso é culpa dela.

3.2 OS QUESTIONÁRIOS

Em setembro de 2019 disponibilizei o primeiro questionário aos estudantes. Com a intenção de reconstruir os aspectos objetivos de seus trajetórias de socialização e

escolarização, essa primeira coleta possibilitou construir o histórico dos alunos ali pesquisados.

Aplicado com os 28 alunos, o questionário abrange questões sociais, econômicas e políticas. As perguntas foram feitas a partir de um contato prévio com a turma, acredito que este contato fez eu familiarizar com o ambiente, mesmo que ainda não me tornasse um amigo, ao menos queria que eu não fosse um estranho querendo saber da vida deles sem um motivo plausível.

Assim achei necessário inicialmente conhecê-los, para depois explicar como seria meu projeto e como esta primeira parte, o questionário, deveria ser realizada. Todos atenderam prontamente meu pedido e responderam as quase 50 perguntas.

Tentei desenvolver o questionário como uma narrativa, quase uma história, aonde os estudantes se apresentavam, contanto um pouco mais de suas características, sociais e econômicas para finalizar com suas práticas, pensamentos e anseios sobre a sociedade e a escola. As informações coletadas nos questionários estão apresentadas ao decorrer desta pesquisa demonstrando o número e a média de respostas em cada grupo, tantos dos alunos quanto dos professores e suas propriedades sociológicas pertinentes.

Acredito que possivelmente em uma pesquisa mais extensa, e que envolva o acompanhamento mais profundo dos estudantes, esse questionário seja realizado mais vezes, apontando os processos e diferentes modos de percepções sobre o tema, para entender outras relações que os estudantes mantêm com a escola, e quais mecanismos apontam com recorrência²².

3.3 AS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

Outra metodologia utilizada foram as entrevistas semiestruturadas. Realizadas e gravadas com os estudantes que preencheram nos questionários que desejavam ingressar no Ensino Superior, estas informações foram coletadas durante os meses de dezembro de 2019 e janeiro de 2020, posterior aos resultados dos vestibulares da região.

²² Saliento que é cabível de uma discussão aprofundada e detalhada sobre o impacto que a pandemia causou na educação, principalmente na EJA e todos os futuros efeitos que ainda causará, temo muito pela Educação de Jovens e Adultos nos períodos pós-pandêmico.

As informações coletadas durante esse processo foram sintetizados ao longo da pesquisa a fim de facilitar sua interpretação e comparação, porém ao final da mesma segue anexa a transcrição completa.

É de conhecimento que os recortes e seleções dos entrevistados possibilitam e delimitam a leitura dos fatos, nesta etapa de entrevistas o enfoque é para os estudantes aprovados e o único que não foi aprovado, assim compreende-se uma abordagem mais ampla e um acompanhamento das trajetórias, proporcionando a leitura dos pontos em comuns entre os estudantes do CEJA que ingressaram na universidade.

O discurso também muda entre eles, todos com uma voz política que se diversifica em várias causas, são ativos nas redes e manifestações. Esse discurso antecede na maioria das vezes o retorno à escola e se intensifica durante o regresso à mesma. Devemos também abordar os casos dos estudantes que assinalaram que iriam ou gostariam de realizar o vestibular, mas por algum motivo como, reprovação, desistência, esquecimento do período de inscrição ou sem dinheiro no momento, desistiram de concorrer às vagas.

S. Beaud (2003, p.219) relata que ao estudar os casos dos estudantes que não obtiveram aprovação nos processos de ingresso no Ensino Superior de camadas populares na França, em alguns casos, a proximidade antes desenvolvida com os alunos, modifica-se para afastamento e recusa de resposta em algumas perguntas. A autora argumenta que esse acontecimento se dá pelo fato de os pesquisados terem que imergir em pensamentos e trajetórias de fracassos.

Dentre os 28 estudantes entrevistados, selecionamos os quatro que assinalaram nos questionários que tinham a intenção de realizar os exames vestibulares no final de 2019. Os contatos com os três alunos aprovados foram tranquilos, sem nenhum empecilho, entretanto com o estudante que foi reprovado, a forma abordá-lo foi diferente, como eu não desenvolvi laços mais próximos iguais aos que formei com os outros três, acredito que a demora e falta de interesse em responder as questões transpareceu em seu comportamento.

3.4 COMO ANALISAR OS DISCURSOS?

Quando iniciamos a reflexão sobre as narrativas coletadas, foi possível identificar que dentre as informações emergiam outros assuntos pertinentes de discussão

aos quais o embasamento teórico limitava-se a análises de realidades distintas da estudada. Assim, surgiu a necessidade de conciliar com outros estudos e materiais sobre a temática, submetendo o processo de leitura e interpretação dos a uma constante reconstrução dos limites da teoria bourdiesiana.

A partir da compreensão do esquema de indução analítica, busquei durante minha coleta de dados construir supostas hipóteses aos quais justificavam o ingresso ao Ensino Superior. Essas suposições foram constantemente polidas durante a interpretação e leitura de novos casos, demonstrando fatos que não foram previamente levantados ou suposições que foram refutadas.

Estes fatos previamente intuitivos que ao longo da leitura foram se tornando corriqueiros, pontos que demonstraremos posteriormente, fatores pertinentes quanto os obstáculos, evidencia que o pesquisador deve elaborar mesmo que provisório, conceitos-chaves dispostos durante a coleta que busquem explicar os objetivos propostos como aponta H Becker (1998, p.193-211).

Deste modo é possível confrontar os dados a todo momento enquanto os interpretamos até o ponto ao qual determinada situação distingue dos conceitos pré-definidos. E ao identificar essas situações é possível recombina os recortes, descartar falsas hipóteses e reconstruí-las.

Assumo que este modelo de indução é desafiador ao modo que devemos não cair em estereótipos e generalizações dos estudantes, a todo momento também me questionava e moldava para que se estes modelos e esquemas de induções não servissem apenas como mais um enviesamento de dados.

Para complementar este modelo de coleta, destaquei pontos interessantes durante as entrevistas, ao transcrever os percebi que existiam “questões-chave” nas respostas que seriam interessantes de estarem em destaque, visto que respondem exatamente o que estão perguntando, sem delongas.

Assim divido as informações coletadas em três capítulos, onde o primeiro interpreta com mais profundidade os dados coletados nos questionários, o segundo foca nas entrevistas semiestruturadas e as ‘questões-chaves’ que surgiram ao decorrer da interpretação das narrativas e o último nos obstáculos, fator comum que surgiu também durante a interpretação dos relatos.

4 A TURMA PESQUISADA

Minha inserção, como dito anteriormente, deu-se ao longo do segundo semestre de 2019. No início de agosto, quando começaram as aulas, tive o primeiro contato com a turma estudada. Nesses primeiros encontros pude mensurar o número de estudantes matriculados e entender um pouco mais sobre suas histórias e trajetórias, pois como de costume em nossas primeiras aulas acho interessante me apresentar e conhecer um pouco mais dos alunos.

A construção das propriedades sociológicas dos estudantes está fundada perante minhas análises e diários de campo. Muitos desses diários, como citei anteriormente foram gravados após nossos encontros, geralmente na volta para casa enquanto eu dirigia colocava meu celular para gravar e ali relatava tudo que acontecia nas aulas. Porém, somente com o questionário foi possível compreender outros fatores pertinentes aos estudantes. Aplicando-o para toda a turma – 28 alunos – foi possível mensurar questões socioeconômicas e culturais.

Assim, esta etapa da pesquisa é destinada a discutir as informações coletadas no questionário aplicado com a turma, para posteriormente adentrarmos nas entrevistas específicas com os estudantes que optaram em prolongar os estudos.

A maioria dos estudantes, quase 70% da turma analisada, tem entre 18 a 30 anos de idade, estão há pouco tempo afastados da escola ou migraram direto para a EJA, fator que levanta uma discussão para juvenilização deste público.

Devido ao fato de ter que trabalhar cedo, 22 dos alunos entrevistados iniciaram suas atividades no mundo do trabalho antes dos 16 anos, todos carregam uma forte ideia de que seus filhos, e mesmo os que futuramente terão filhos, se dedicarão somente aos estudos, contrariando a sua própria trajetória.

Na turma analisada, 18 estudantes são mulheres cis, enquanto 12 se declaram homens cis gênero²³, predominantemente composta por estudantes heterossexuais, 23 se identificam como enquanto outros 5 se identificam como LGBTQ²⁴, além de que 6 destes alunos foram abandonados pelos pais e criados somente pelas mães.

²³ Termo utilizado para se referir a pessoa que se identifica com seu gênero de nascença.

²⁴ A sigla representa os gêneros Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Queer.

É nítida a predominância das mulheres dentre os estudantes do CEJA, na verdade, esta monografia deveria ter sido escrita toda no gênero feminino, devido à grande presença e importância das mulheres neste sistema.

Na turma entrevistada elas correspondem a 70% do grupo e de idades variadas, entretanto 80% com menos de 40 anos.

Certo dia apresentei dados estatísticos sobre a predominância das mulheres na EJA, em uma conversa com a turma, os informei que desde o princípio as mulheres com mais frequência retornavam à escola do que os homens. Poucos haviam percebido este diagnóstico, senti um certo espanto enquanto mostrei os dados estatísticos comprobatórios. Assim, aos poucos começaram a surgir as possíveis justificativas entre os estudantes, sorte que posicionei meu gravador e consegui registrar este momento, pois foi uma chuva de informações e comentários, e tive que solicitar ordem nos comentários, silêncio e respeito com os posicionamentos dos colegas.

Segundo a transcrição dos áudios deste encontro:

Uma menina no fundo da sala:

- É porque as mulheres são mais inteligentes, trabalham, buscam o dinheiro.

Um menino sentado próximo:

- Depende da mulher, ela só quer dinheiro!

Iniciou-se assim mais um debate entre a turma, onde ninguém respeita a vez do outro de falar. Tive que intervir na conversa e organizar a ordem de fala. Janete uma senhora e colega da turma pede a vez e eu cedo a fala.

- Professor, eu estava há mais de 20 anos afastada da escola, isso aqui todo mundo já sabe, eu já tinha enxergado isso, que são mais mulheres do que homens que decidem voltar a estudar, eu acho que é porque as mulheres são mais fortes, a sociedade “esmaga” a gente e mesmo assim a gente se obriga a mudar, ser mulher, pobre e sozinha é muito difícil.

Outra colega pega sequência na fala de Janete e complementa.

- Eu vinha pra escola e trazia minha filha pra amamentar no peito professor, no meio da aula. O pessoal lembra que no ano passada eu trazia a bebezinha, tem muito “marmanjo” por aí que faz o mínimo e acha que faz o máximo.

Por fim, Genésio, um senhor pede a vez.

_ Professor, eu respeito todas as meninas, mas peço que elas não sejam radicais, existem homens e homens, eu abandonei a escola pois trabalhei desde cedo, era impossível ser pedreiro e estudar, somente hoje em dia que eu consigo, naquela época até tentei o “telecurso”, mas abandonei porque não entendia nada.

As justificativas mais presentes foram de que os meninos só querem saber de funk, criticando os estilos de vida dos jovens da comunidade, os “noias”, grupos que geralmente andam de bicicleta e que frequentam os “fluxos”, os bailes das comunidades vizinhas, ou outra justificativa comumente também é de que os meninos são inseridos

no mercado de trabalho mais cedo, enquanto as meninas estão no trabalho doméstico e conseguem assim dividir o tempo com a escola.

Estes argumentos sempre pautados na divisão de gênero são intrínsecos na vivência dos estudantes do CEJA, apesar de todas as turmas existirem estudantes LGBTQs, e dois dos quatro casos analisados se identificarem como, os alunos são reflexo da sociedade misógina em que vivem.

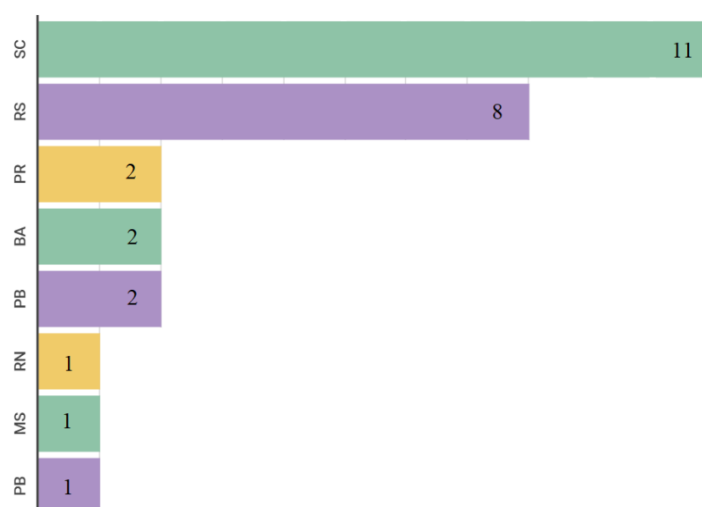
Outro ponto também a ser analisado, é a constante crítica ao modo de vida dos jovens da comunidade do Cenirol, segundo a turma estes adolescentes que vivem “na rua”, apresentam características semelhantes e nítidas. Porém é interessante analisar que apesar das críticas existem colegas que ainda frequentam ou já foram estes tipos de jovens que vivem em grupo andando pelas ruas do bairro, os “noias”. E a todo momento em que a turma criticava este tipo de comportamento ou “apontava” o dedo para determinado estudante que anda com este grupo, ou o estudante tentava se justificar falando que “não era mais assim, que mudou” ou os próprios colegas identificavam a mudança e o parabenizavam: foi interessante presenciar essa dinâmica.

Apesar de que o recorte desta pesquisa dê enfoque aos estudantes que optaram por ingressar no Ensino Superior, todos os dados coletados são capazes de respaldar outras pesquisas que também tratam do assunto.

Oriundos de diversas regiões do Brasil, a maioria ainda é composta por catarinenses, com 11 estudantes matriculados. Porém, as migrações são perceptíveis também ao identificar que dentre os estudantes temos 8 nordestinos - 8 gaúchos, 2 paranaenses e 1 um sul-mato-grossense. Em entrevista com os estudantes, percebi que em 80% dos imigrantes de outros estados compõem a primeira geração de sua família a fazer esse movimento, geralmente buscando novas oportunidades profissionais, e ao se deparar com as exigências que o mercado impõe, como a conclusão do ensino médio, retornam aos bancos da sala de aula para garantir a estabilidade no emprego.

Mais de 70% dos seus pais, não concluíram o período escolar e nenhum deles tem o diploma de Ensino Superior, questão parecida quando comparado com os estudantes casados, aonde que 60% dos cônjuges não concluíram a escola e também não possuem Ensino Superior.

Figura 3 - Estados provenientes.

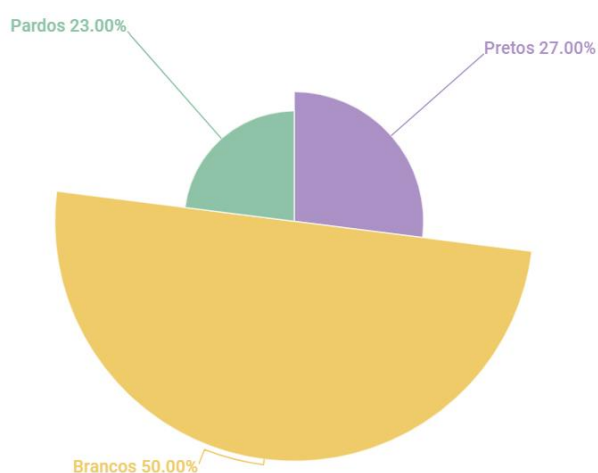


Fonte: elaborado pelo autor (2021).

A questão racial, assim como a de LGBTQ fobia, ao longo da pesquisa foram quesitos que se tornaram latentes. A narração de episódios de preconceito durante as aulas e em entrevista com os estudantes foi algo rotineiro, até mesmo dentro do espaço familiar, onde muitos demonstraram-se cansados de tanto sofrer pois seus parentes mais próximos os desencorajavam. A discussão acerca dessa questão será trabalhada com maior ênfase durante a leitura das narrativas dos estudantes.

Na turma analisada, 50% dos estudantes declaram-se brancos, 27% pretos e 23% pardos.

Figura 4 - Proporção racial dos estudantes do CEJA Ceniro.



Fonte: elaborado pelo autor (2021).

Quando perguntados sobre questões cotidianas de lazer na infância, ou atuais juntos com seus familiares, pares e amigos. Identifiquei o trabalho durante a infância relacionado com o lazer, principalmente de quem morava no interior, (de todas as regiões brasileiras) muitos adentraram ao mercado de trabalho cedo, geralmente para acompanhar os pais ou irmãos mais velhos, as mulheres em sua maioria acompanhavam as mães que já trabalhavam como faxineiras em casas de família, clínicas e empresas, mesmo que posteriormente migrassem para outra área, enquanto os homens iniciam em diversas áreas, acompanhados por seus pais e irmãos.

O quesito lazer foi um ponto que ocorreu bastante excitação dos estudantes durante o preenchimento do questionário, todos queriam compartilhar com os colegas o que mais gostavam de fazer nestes momentos de lazer, muitas piadas, mesmo, a turma do Cenirol é animada demais.

Exemplos como “praia”, “roça”, foram uma das principais respostas, como vivemos em uma região litorânea, a praia, pode ser um local bem democrático, frequentada por diversas classes sociais, gêneros, turistas e nativos. Além destes ambientes, a rua, os espaços públicos, também estão presentes, a Igreja e o Churrasco com amigos, são momentos que ganharam destaque, e por fim apesar de poucos, idas ao shopping, parques, cinema e viajar também apareceram.

Figura 5 - Fluxograma sobre o tempo livre



Fonte: elaborado pelo autor (2021).

As redes sociais como forma de lazer também devem ser consideradas, visto que todos têm celular com acesso as principais redes, 40% dos estudantes tem wi-fi em casa, geralmente compartilham com mais pessoas, em média de 60% utiliza frequentemente as redes moveis de internet, ou seja, pagam pelo acesso, porém ainda existem exemplos de que são raros o contato com a internet dentro da turma analisada.

Este acesso às redes também será discutido posteriormente quando dialogarmos sobre as novas formas de estudos adotadas por estes estudantes.

Quando eu questionava os estudantes sobre os cursos extracurriculares que já realizaram, a maioria respondeu que já havia feito um cursinho de informática, no momento fiquei atônito pois acreditava que a maioria da turma então dominaria o uso do computador, smartphones e internet, porém não é como parece, na verdade as atividades que eles consideram como extracurriculares geralmente são de cunho profissionalizante, como o curso de informática. Então ao refazer a pergunta, novamente os questioneei sobre atividades extraclasse, porém fiz de um modo mais direto, “Alguém já praticou algum esporte, fez curso de idiomas, pintura ou qualquer outro curso?”

Dentro os estudantes entrevistados somente uma realizou um curso de língua estrangeira de forma extracurricular, enquanto curso de informática, quase que 60% dos estudantes já realizaram, panificação e maquiagem também apareceram dentre as respostas, geralmente ligados aos projetos sociais oferecidos nas escolas ou comunidades em que moravam.

Confesso que foi um trabalho árduo não projetar nos estudantes minhas perspectivas sobre a prolongação dos estudos, visto que a maioria que optou em ingressar na universidade informou no questionário que somente estudava através de vídeos aulas rápidas no *youtube*, materiais prontos pesquisados e reportagens no *google*. Somente 2 estudantes tem computador em casa, e 60% acesso à internet constante no seu domicílio, quase metade dos estudantes acessam através de pacotes de dados pagos em seus celulares.

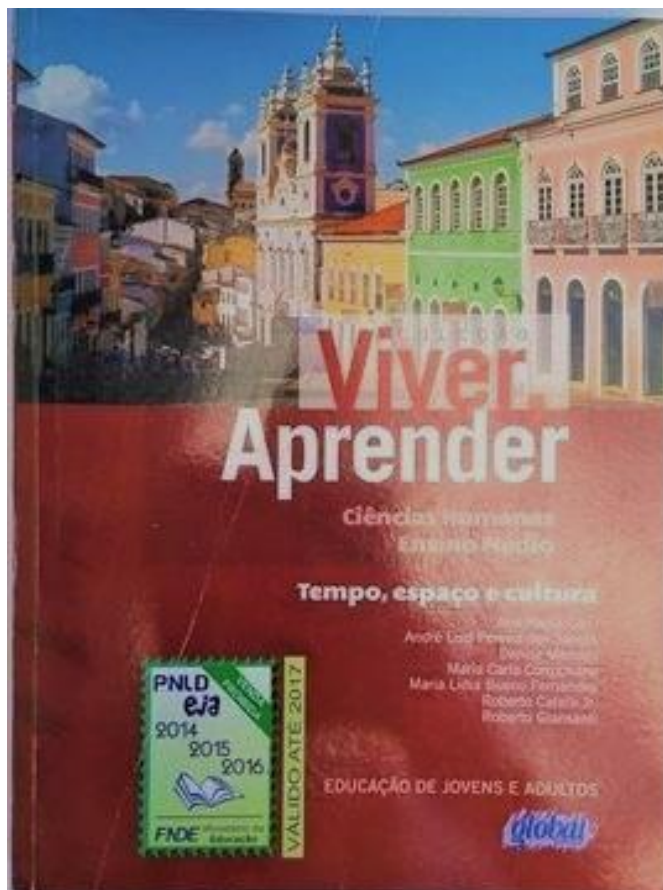
O livro didático raramente foi citado durante as entrevistas e nas práticas de estudos dos alunos. Acredito que devido à falta de atualização, como relatei no início desta pesquisa, pode ser um fator que desanima tanto os professores quanto os estudantes, pois não se veem mais representados em um livro desconexo e desatualizado.

Desde o dissolvimento da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI) e da extinção da Secretaria de Articulação com os Sistemas de Ensino (SASE)²⁵, órgãos responsáveis pelos programas, ações e políticas de Educação Especial, Educação de Jovens e Adultos, Educação do Campo, Educação

²⁵ Em seu lugar, foram criadas duas novas secretarias: a Secretaria de Alfabetização e a Secretaria de Modalidades Especializadas da Educação.

Escolar Indígena, Educação Escolar Quilombola, Educação para as relações Étnico-Raciais e Educação em Direitos Humanos, o PNLD encontra-se parado. Ao buscar excessivamente informações sobre o PNLD da EJA em todos os sites e documentos oficiais não encontrei nenhuma informação, concreta sobre a nova escolha de livros.

Figura 6 - Livro didático.



Fonte: escaneado pelo autor (2021).

Outra metodologia comumente utilizada pelos estudantes são os vídeos aulas disponibilizadas no *youtube*, os alunos alegam que muitas vezes os linguajares dos vídeos são de mais fácil compreensão que em algumas aulas, percebo que mesmo a sala de aula sendo um local de livre expressão, eles se sentem acudados em fazer algumas perguntas importantes para correlacionarem os conteúdos: a vergonha os faz perder esta chance.

Ou seja, é marcante esta característica de diversificação de materiais didáticos e formas de apropriação do conteúdo estudado dentre os estudantes do CEJA, e ao longo do estudo pude perceber que a heterogeneidade não se resumia aos materiais e práticas

de estudo, mas vai além disso, nas socializações, linguagens, refletindo em diferentes formas de acesso e sucesso ao Ensino Superior.

Vale ressaltar e debater posteriormente também a legitimidade ou não destes materiais comumente utilizados pelos estudantes, não querendo desmerecer ou criar ainda mais preconceito e estereótipo em cima destes estudantes e suas práticas, acredito que cabe discutir como relacionar este material em que na maioria das vezes carece de referência teórico e de uma linguagem (códigos linguísticos) naturalmente aceitos nos processos de vestibulares com os materiais usualmente aceitos tal como assegurado pelos órgãos competentes educacionais.

E para finalizar, a linguagem é uma característica intrínseca em nossa relação com os estudantes do CEJA, é impossível não aprender as gírias e termos que os jovens conversam durante as aulas e intervalos. A mistura entre regionalismos é frequente dentre as turmas também, visto que é comum estudantes de diversas regiões brasileiras. Gírias nortistas, nordestinas, gaúchas misturadas e potencializadas com as locais, principalmente as típicas da Grande Florianópolis.

Termos como “égua”, “oxe”, “bah”, estão dentre os mais utilizados, porém o sotaque florianopolitano, característico da região da capital de Santa Catarina e região metropolitana, herança açoriana, carregado de “chiados” oriundos da pronuncia das letras S e Z substituídos por X, e principalmente das gírias locais antigas como o “tax tolo?”, e as dos jovens com o “apoia um” ou “apoia aí” quando está pedindo ajuda, algo emprestado, e principalmente o “feito” quando quer chamar alguém de uma forma cordial e amigável.

Figura 7 - Fluxograma com as palavras mais citadas



Fonte: elaborado pelo autor (2021).

Entende-se assim que o domínio da linguagem, tanto da formal exigida nos ambientes universitários e de trabalho, quanto a informal, gírias, que utilizam no seu cotidiano, são ferramentas essenciais que demonstram sociabilidade entre os estudantes. Não as dominar pode corresponder a um não pertencimento, esta ferramenta compõe o círculo de obstáculos que o estudante deve passar durante sua trajetória escolar, e como também deve saber lidar com a mudança entre os dois ambientes sociais em que transita, e conseqüentemente sua linguagem.

Porém, mesmo que dediquem esforços para ir contra a herança educacional familiar e toda relação que desenvolveram com o processo escolar, Bertaux & Thompson (2007, p. 11-27;) relatam que existe implicitamente um sistema capaz de transmitir valores e comportamentos característicos da família, escola, e círculos sociais em que já viveu, e que muitas vezes pode acabar ou desmotivar com os esforços despendidos pelos estudantes.

Estes dados apresentados neste capítulo demonstram as principais características dos estudantes do CEJA, colhidos através do questionário ou relatos de interações, todo o material fundamenta a indução analítica durante a interpretação destas informações coletadas.

E a partir da reconstrução de toda essas características dos estudantes do CEJA do Ceniro é possível analisar que certos estudantes estiveram em determinado momento situados em um espaço social que geralmente são frequentados ou predispõe um público certamente privilegiado, como os casos de alunos que realizaram curso de idiomas, confirmando assim que a heterogeneidade é uma das características primordiais deste público, desde suas questões sociais, políticas e culturais se distinguem a todo momento de seus colegas. E comprovando que a EJA tal como seu ensino devem ser cada vez mais diversificado, reflexo de seu público.

5 AGORA UNIVERSITÁRIOS

Dos dez alunos que preencheram a opção que desejam prolongar os estudos somente quatro se inscreveram nas provas dos vestibulares da região. A função deste capítulo é dar um enfoque justamente nestes quatro estudantes, para compreender suas realidades, onde socializam e as motivações que os levaram aos bancos das universidades, ou não.

As histórias reproduzidas a seguir são reconstruções de experiências, percepções, conversas e por fim de entrevistas, realizadas ao longo dos meses de agosto de 2019 a janeiro de 2020, além das inúmeras interações pelas redes sociais, este contato perdura até hoje. Toda essa trajetória foi analisada a partir de interpretações sociológicas anteriormente citadas e pertinentes não tão somente ao autor como principalmente dão luz ao entendimento dos dados.

Os trechos das entrevistas serão apresentados e discutidos juntamente com a análises de cada subcapítulo. O estudante que desistiu de fazer o vestibular, também terá sua determinada relevância. Os nomes dos entrevistados foram substituídos a título de não exposição e respeito aos mesmos, cabendo retratar um breve resumo da história de cada um selecionado.

Assim, na história contada pela Larissa, 18 anos, é possível identificar a disciplina que os pais tiveram com a garota, a transmissão de valores culturais e investimento escolar. Apesar das dificuldades que se deparou durante o ensino médio, conseguiu reestruturar sua trajetória e ingressar em uma universidade pública de prestígio na região. É interessante ressaltar que como a maioria da turma, Larissa migrou quase que direto do Ensino Médio para o CEJA, porém ao contrário destes colegas, decidiu em prolongar os estudos ainda na juventude, questão que será abordada mais profundamente ao decorrer da pesquisa. Larissa já trabalha desde os 16 anos, é auxiliar de sala em uma creche perto da escola aonde estuda, residente de Palhoça, branca, lésbica, evangélica, tem os pais casados

Já no caso da Grazy, o ativismo social, liderança comunitária do bairro, são os pontos característicos da estudante, mulher preta, lésbica e popular na região aonde mora vive uma relação homoafetiva e tem duas filhas. É a típica prefeita, como a mesma se denomina, vive cumprimentando todos por onde passa, ela é conhecida mesmo. Grazy ficou 10 anos afastada da sala de aula, atualmente com 30 anos pretende

terminar o CEJA e conseguir um cargo melhor em seu trabalho. Não conheceu o pai e foi criada pela avó e tias que também vivem na região.

O terceiro caso abordado nesta pesquisa, o caso de Moisés, 32 anos, retrata a trajetória de um estudante que compartilhou dos mesmos ambientes que a aluna Grazy. Os dois tem idades próximas, são negros, porém Moisés é solteiro, frequentaram a mesma escola do bairro durante a infância, também abandonaram os estudos durante a adolescência e se reencontraram depois de mais de 10 anos no CEJA do Ceniro. Apesar de viver na mesma região da Grazy, é possível identificar que frequentaram ambientes de sociabilização totalmente diferentes. Moisés garante que foi a igreja e as relações que fez dentro do ambiente religioso que o fizeram retornar aos estudos e almejar ir para faculdade. O estudante ainda relatou que vive com a Mãe e não pensa em sair de casa tão cedo, o pai não foi presente em sua educação e mora no Rio Grande do Sul.

E tão importante quanto, a história do estudante que não foi aprovado também será discutida, Rubens, após um período de insistência pela entrevista, enfim decidiu responder às minhas perguntas, quando mudei o termo entrevista para conversa, fazendo com que ele percebesse que poderia ser mais informal, tranquilizando-se.

Com 21 anos, infelizmente não foi aprovado no vestibular alegando dificuldade no tempo e interpretação das questões. Migrou direto do Ensino Médio para o CEJA, após alguns anos de reprovações. Branco, heterossexual, católico, mora com os pais, que não completaram o período escolar, e é um pequeno empresário que trabalha com estética automotiva.

Os dois professores entrevistados, o de Geografia, Cleber, com 41 anos, é ACT no estado há 10 anos, branco, casado e heterossexual, estudou em escola e universidade pública. Já Vanessa, a professora de Língua Portuguesa tem 45 anos, casada, branca, fez a escola e universidade em instituições privadas, e leciona há mais de 20 anos na rede pública.

Como abordado ao longo desta pesquisa, ao buscar desvendar os processos de socialização destes estudantes que ingressaram na universidade, busca-se assim analisar suas diversas combinações, nunca as percebendo de uma forma distinta, mas sempre em uma rede de interligações e relações combinadas, ou seja, o estudante assim é entendido como um sujeito epistêmico. (PESTAÑA, 2012, p. 164)

Saliento novamente que esta etapa se dedica na interpretação das informações coletadas nas entrevistas, relatórios e trechos de áudios transcritos, provenientes do trabalho de campo, rodas de conversas e entrevistas semiestruturadas que tive com os

quatro estudantes já apresentados. A entrevista semiestruturada que desenvolveu previamente foi feita igualmente ao questionário, aonde o estudante pode contar sua história, deixando-o livre para salientar pontos que achava necessário, mas também relacionando com perguntas pertinentes a esta pesquisa.

5.1 A FAMÍLIA E AS INFLUÊNCIAS

A história dos quatro estudantes começa então no retorno às salas de aulas, este momento advém de uma série de fatores que culminam nos bancos escolares. Carregando um forte significado, tanto o abandono quanto o retorno são grandes “passos” na história dos alunos entrevistados. Os mesmos tentam reorganizar todos os processos e socializações herdados de seus pais, mas desta vez com a prolongação da escolaridade como uma das questões que mais os diferencia da história dos pais.

Não tem como não falar em Família, quando se fala em retorno escolar, apresento aqui uma das categorias identificadas nas entrevistas, a Família, em todos os discursos identificamos a presença forte da família como alicerce na construção dos sonhos dos estudantes. Porém, não só na família este processo se desenvolveu, veremos também outras categorias passíveis de reflexão que também influenciam e são decisivas neste processo.

Enquanto Larissa relata que “somente minha mãe tem ensino básico completo, acho que meu pai parou no quarto ano do fundamental”, Moisés alega que:

[...] Meus pais tem somente o ensino fundamental como você já sabe, meu irmão mais velho trabalha com construção civil, se deu bem na vida, tem carro, casa, mas também não tem estudos, terminou o ensino médio no CEJA de Biguaçu ... Eu sempre fui o mais ligado aos livros lá de casa, foi algo autodidata, porque se eu dependesse de alguém para aprender, além dos professores quero dizer, ainda mais lá do bairro onde nasci, minha única chance seria vender droga ou fazer besteira.

Ao compreender as jornadas conduzidas tanto por seus familiares, quanto as projeções decididas pelos estudantes, é possível identificar um pouco de sua trajetória. Poderemos acompanhar como os processos de produção da aspiração ao ingresso no Ensino Superior surgiram e desenvolveram até o ingresso na universidade.

Tendo a família como principal sujeito da reprodução social e biológica, como aponta Bourdieu (1996) dedicaremos esta etapa aos aspectos ligados às aspirações de

mudança de trajeto dos estudantes. Sendo uma das principais questões que justificam o retorno às salas de aulas e a prolongação dos estudos, nestes círculos os estudantes encontram as bases para seus sonhos.

Situações vivenciadas dentro do processo de socialização familiar podem justificar as desvantagens vivenciadas pelos estudantes do CEJA perante outros estudantes também vestibulandos. A. Lareau (2003), ao etnografar os processos de socialização das famílias norte americanas de diferentes classes sociais, evidencia que a constituição das dinâmicas familiares são essenciais na construção do sucesso escolar, tal como sua prolongação.

O enfoque da autora está no fato de que práticas realizadas pelos jovens dos estratos mais altos da sociedade são contínuas e os dotam de ferramentas e competências enaltecidas pela cultura letrada e conseqüentemente pelo meio acadêmico, quase que um passaporte para uma série de ocasiões e situações. Fato que podemos identificar nas próprias entrevistas citadas, onde a trajetória dos estudantes do CEJA se assemelhou em algum momento a de seus pais.

Lahire (1997, p. 201) aponta que em famílias em que a vigilância parental é constante, esta característica pode ser incorporada também pelos mais jovens e que em caso de que estes estejam em período escolar este comportamento dos pais reflete em disciplina. Porém Beaud (2003, p. 26) destaca que esta dicotomia pode conter muitos outros paradoxos, por exemplo, o de como organizar e reestruturar as rupturas que os estudantes têm com o contexto que vivem para com o que almejam?

Durante sua pesquisa Beud relata que este paradoxo reflete que em dois polos, geralmente em jovens que demonstram determinado sucesso escolar esta ruptura, mesmo que dolorosa, reforça a ideia perante seus próximos de que sua inserção em “outra realidade” é porque têm vergonha de sua realidade e de que está traindo suas origens.

A estudante Grazy relata que:

[...] Tem gente aqui do bairro que não olha mais na minha cara depois que eu comecei a estudar, acham que eu fiquei metida. Vê se pode? Acho que porque eu comecei a frequentar lugar de gente rica eles acham que eu tô agindo igual a eles, talvez até seja, não vejo mais graça na diversão deles.

Já com os estudantes que se depararam com uma jornada escolar turbulenta e por via dos diversos motivos decidiram em não retornar à escola, na maioria das vezes,

suas redes de inserções nos bairros onde residem compensam o não sucesso escolar, e reafirmam a sua identidade com a região.

Porém, existem outras pessoas na família, além dos pais, que também influenciam os estudantes, os irmãos, primos, entre outros parentes. Autores já trabalhados como Silva (2003), Zago (2006) apontam que outras pessoas além da família mononuclear que podem interferir nesta guinada de trajetória para ingresso no Ensino Superior. Criando novas chances de alcançar este patamar de extensão dos estudos para além da escola. Estas pessoas, tratadas como “modelos” na maioria das vezes atuam, direta ou indiretamente nas trajetórias dos estudantes do CEJA.

Nas entrevistas pode-se identificar que o fato de retornar aos bancos das escolas já vem de algum / alguém “modelo”, que geralmente existe antes mesmo do retorno. Os modelos são pessoas que os estudantes do CEJA encontram no trabalho, família ou círculo de amizades.

Como no caso do estudante Moisés:

[...] Foi na igreja que também tive contato com pessoas que tinham faculdade. Minha mãe uma empregada doméstica sem ensino fundamental completo e os pais dos meus amigos da igreja com faculdade. Acho que foi isso que também me impulsionou em continuar os estudos [...].

Ou em um contexto mais privilegiado como o da Larissa, onde o destino para universidade era quase algo obrigatório em seu círculo social:

[...] Na escola de onde eu vim era bem comum todos os alunos fazerem alguma faculdade depois de terminar o Ensino Médio, então eu mais ou menos sabia que ia fazer algo, mas não sabia qual curso. Meu irmão fez e minha cunhada tem faculdade, eles foram os primeiros. Ele fez “adm” e ela Pedagogia. Agora eu sou a segunda, minha prima também começou a cursar enfermagem [...].

A partir destes relatos, identificamos que estes estudantes do CEJA em algum momento ocuparam uma posição no espaço social em que sua socialização ocorreu de forma mista e que possibilitou contato com alguém que estivesse cursando o Ensino Superior, ou seja, os jovens transitaram, e ainda transitam, entre estes dois ambientes quase que cotidianamente, na maioria de passagem, ou para trabalho, em poucas vezes para o lazer.

Moisés continua:

[...] eu sempre frequentei casa de pessoas ricas, professor. Na minha igreja tem gente de todos os níveis, mas a maioria são de classe média pra cima. Eu brincava com todas as crianças sem essa distinção. Eu lembro que algumas cevavam de “carrão”, dos pais lógico, e eu ia de ônibus com a minha mãe, morria de vergonha, algumas crianças chegavam a perguntar: “Cadê o seu pai?” ou “Como você vai embora?”, porque na época não existia nem taxi direito né, então imagina só. Apesar de frequentarem ambientes que muitas vezes eu não poderia entrar, nunca me achei menos inteligentes que aquelas crianças, algumas eu achava até “bobas” demais, mimadas que choravam por qualquer coisa.

Além destes ambientes, devemos considerar que os estudantes do CEJA como já abordado anteriormente também habitam regiões estigmatizadas da periferia da grande Florianópolis e com instituições de ensino precárias. Por isso os mesmos buscam reformular sua realidade, investindo em seu estudo e desenvolvendo novos padrões comportamentais em seus filhos e próximos, onde a disciplina e o prolongamento dos estudos se tornam novas realidades e sonhos, e mesmo assim valorizam a região e a cultura de onde residem.

Como a intenção de mostrar as influências além da família, identificamos em todos os entrevistados, a supervalorização do ensino superior, a vigilância constante dos filhos e seus próximos sobre a importância dos estudos e criação de estratégias para que possam prolongar estes aprendizados e que se tornem ensinamentos aos seus posteriores.

Larissa é um exemplo, Evangélica, Lésbica, Gorda, Loira e Linda, como a mesma se auto intitula durante a entrevista, aponta que todos estes fatores que hoje são entendidos como empoderadores, um dia contribuíram para que abandonasse a escola. Filha de uma mãe doméstica e um pai pequeno comerciante, ambos com Ensino Médio, enfatiza a todo momento a sensação de não pertencimento com seu bairro, que não conhecia nem seus vizinhos.

Somente ao entrar na igreja teve a primeira sensação de pertencimento a um grupo, a estudante relata que durante a escola, “antes do CEJA”, como eles se referem, não tinha nenhuma amiga, sofria bullying por estar a cima do peso e não se sentia confortável com o lugar. Ela ainda relata que os professores eram despreparados para lidar com essa situação, e que hoje como estagiária de pedagogia em uma escola infantil consegue identificar e ensinar as crianças sobre a importância de não rir dos colegas.

Larissa relata:

[...] Olha, professor, no meu bairro não tem nada, eu só estudo aqui porque é perto da escolinha onde trabalho, mas eu moro lá na Ponte do Maruim, Palhoça.

Tenho certeza que aqui é pior que lá (risos). Lá ainda tem um barzinho, uma pizzaria, aqui no Ceniro além de não ter nada é perigoso. Os “rolês” que eu gosto mesmo é em Floripa, tudo no centro, e obvio que ir na igreja também!” Nunca me senti parte da escola, nem aqui no CEJA me sinto tão encaixada. Apesar de gostar de todo mundo, prefiro estar com os meus amigos que são iguais a mim.

Essa sensação de não pertencimento é bem comum em todos os depoimentos, os estudantes relatam que desde que voltaram a estudar, apesar da maioria dos amigos e familiares os apoiar, existem pessoas que duvidam se suas ambições, ou não acreditam no sucesso através dos estudos. O não pertencimento é tanto que é comumente também dentre as entrevistas, os estudantes criticarem a realidade comportamental dos jovens dos seus bairros, o que consomem, estilos de músicas e de vida.

Identifiquei em diversos entrevistas os estudantes se referindo aos jovens do bairro, como “os pequeno”, “os nóia”, geralmente estes adjetivos eram sobre os jovens que abandonaram a escola, andam de bicicleta pelo bairro, geralmente acompanhados, e que muitas vezes podem estar ligados ao tráfico e pequenos crimes. Para quase todos os estudantes da turma, estes jovens do bairro eram uma referência ruim de como não gostariam de ser, alguns alunos assumiram que já fizeram parte do mesmo grupo, porém que hoje em dia somente mantem relações por cordialidade.

Entrevista com a Grazy

[...] “Nunca “curti” andar com esses moleques “noias” aqui do bairro. Pra mim eles só querem saber de bandidagem, drogas, alguns são até metidos com o tráfico, mas não vou ficar falando muito aqui porque o senhor sabe como é, né? (silêncio e depois uma risada). Não vou mentir que eu era uma santa durante a adolescência, aprontei muito, abandonei a escola, já fui bem “despirocada”, igual os “noias” aqui da rua. A questão é que eu acordei, a escola fez eu acordar. Somente aqueles meninos que sempre agitam a nossa turma, que andam ainda com os “casqueiros”, o restante da sala desaprova.

Em contramão a esta realidade vivenciada pelos jovens “Nóia” da região do Ceniro em que buscam somente a ascensão social para ostentar sua realidade, os estudantes entrevistados do CEJA almejam novos horizontes, para além disso, buscam mudar concepções e estilos de vidas dos seus próximos, muitos se entendem como a “semente” de novas gerações.

Outro ponto essencial para o entendimento destas informações aqui discutidas, onde presenciamos a existência de no mínimo duas estratégias de vivências entre os

jovens do Ceniro, a primeira dos estudantes do CEJA que almejam o acúmulo de capital cultural e financeiro, e a dos jovens que somente buscam o acúmulo econômico sem medir as consequências.

5.2 A TRAJETÓRIA

Analisar o percurso realizado pelos estudantes é um fator essencial nesta pesquisa, identificar por onde passaram, com quem, como pensavam e pensam atualmente sobre isto são informações interessantes para entender o porquê decidiram ingressar no Ensino Superior.

E para compreender isto precisamos examinar a importância do capital social dos jovens do CEJA e seus familiares, como ocorrem as diferentes formas de se relacionar e acumular capital entre as famílias, mesmo estando da mesma região e estrato social. Costa (2010) ao estudar a importância do capital social dentre os familiares de estudantes, alega que estes também são essenciais pois os círculos onde convivem podem gerar informações pertinentes ao ingresso no Ensino Superior ou sobre a prolongação dos estudos.

Presença constante neste estudo é possível identificar esta relação entre o capital social e o capital cultural dos estudantes, dependendo do local de trabalho, de diversão, até a igreja, são fatores que podem determinar a mudança de trajetória de estudo dos alunos do CEJA. Saliento que cabe também a nós professores o papel desta internalização e reflexão sobre o processo de estudo, visto que a discussão sobre os vestibulares é uma questão abordada constantemente em todas as disciplinas, como dito anteriormente. Não só na minha disciplina como em outras, assumo que em algumas bem menos, mas a questão é que o vestibular é um assunto presente em outras disciplinas do CEJA.

Nesse sentido, na entrevista com Moisés identificamos os seguintes trechos:

[...] Foi na igreja que também tive contato com pessoas que tinham faculdade. Minha mãe uma empregada doméstica sem ensino fundamental completo e os pais dos meus amigos da igreja com faculdade. Acho que foi isso que também me impulsionou em continuar os estudos. Como abandonei a escola por “bobeira”, não aguentei trabalhar e estudar. Mesmo que a minha rotina seja dentro da assistência técnica, é uma correria, tenho que atender cliente, organizar o administrativo, e o principal, arrumar os problemas [...].

[...] Um dia eu estava na célula – reunião semanal – e o meu líder virou pra mim e falou: “Moisés o que falta pra você terminar os estudos?”. Eu parei, pensei e respondi: “Vergonha na cara!”. E todo mundo começou a rir, no outro dia acordei, liguei para o CEJA e fui atrás das informações sobre a matrícula [...].

[...] O chato mesmo foi achar meu histórico escolar, a escola municipal que estudei já nem existe mais, os papéis foram transferidos todos para outra escola, tive que ir na prefeitura de palhoça atrás dessas informações, isso demorou uns 15 dias [...].

Considero também os cursos realizados pelos estudantes como fatores em suas trajetórias, as atividades extracurriculares são essenciais neste processo de ingresso no Ensino Superior, dependendo do local em que os estudantes frequentam, o capital cultural e informacional é primordial na prolongação dos estudos. Nogueira e Aguiar (2007) define que existem questões características das camadas mais altas da sociedade, viagens ao exterior, intercâmbio, curso de idiomas.

Moisés retrata que:

[...] Foi a informática que me salvou professor, e eu só percebi isso depois. Se não fosse o cursinho e horas que eu passava lá dentro do laboratório arrumando os “PCs”, eu estaria na rua vendendo droga.

[...] Várias crianças da igreja que eu frequentava começaram a fazer o curso de informática no centro comunitário de Forquilha, tinha até fila de espera! Frequentei o curso durante 2 anos, depois sortearam uma bolsa para o cursinho de técnico de informática, eu nem sabia o que isso significava direito só sei que eu consegui. E dos 12 anos em diante não parei mais, foram 2 anos de cursinho todas as tardes, depois de lá já comecei a trabalhar. Trabalhei em uma assistência técnica no centro do bairro, depois trabalhei 4 anos em outra no centro de Florianópolis.

[...] Quando comecei a trabalhar em Floripa, meus contatos aumentaram e foi aí que o negócio aconteceu, conheci meu atual sócio e montamos o escritório de suporte aos clientes, prestamos assistências a várias empresas, atendemos até mercado grande aqui na região.

E, por fim, não tem como não considerar também os espaços de socializações promovidos pelas igrejas dos bairros, em alguns discursos este é um fato bem marcante, além de modelos propulsores, pessoas que influenciam indiretamente na realidade dos estudante estão dentro das Igrejas, nelas eles encontram acolhimento e outras possibilidades que nas ruas do bairro não encontrariam.

Larissa enfatiza a igreja como um espaço socializador:

[...] como eu disse para o professor anteriormente, a escola foi um período muito ruim pra mim, eu me sentia desconfortável naquele ambiente, ainda mais que eu não gostava do meu corpo e muito menos meus coleguinhas também, eles eram muito maldosos comigo. Hoje em dia que trabalho na

creche e irei estudar psicologia (risos), sei que não era maldade, que as crianças são reflexo de uma discussão bem maior, por causa dos pais [...]. [...] eu tinha poucos amigos na escola, até hoje não sou de muitos amigos, sempre andei com os nerds, gays e os gordos, e na verdade, sempre fomos os mais descolados (mais risadas). Foi somente quando entrei na igreja com 15 anos que a situação mudou, comecei a fazer amigos da minha mesma idade, a maioria não me julgava como eu era. Óbvio que tem gente maldosa dentro da igreja também, professor, mas lá eu me sentia mais segura pra enfrentar, sabe? Porque tinha mais gente me apoiando... Depois que a igreja me criou forças para seguir em diante foi a comunidade LGBTQ que me abraçou, hoje em dia meus amigos são todos gays, afinal eu também sou, e me sinto tão bem entre eles e nos lugares que frequento, que não sinto mais o bullying diretamente. Às vezes até vejo uns olhares, mas sou poderosa e nem ligo (gargalhada).

Assim, a partir da construção destas duas trajetórias, de Moisés e Larissa especificamente, é possível além de identificar a importância das relações construídas dentro do ambiente religioso, os mecanismos em que o capital social dos pais, mas principalmente das redes de relações imediatas dos próprios estudantes do CEJA, que detém maior informações sobre questões escolares e o ingresso no Ensino Superior.

Se para os jovens de classe média todas as suas redes de relações são compostas em sua maioria por familiares e conhecidos que ingressam nas universidades, já para os estudantes do CEJA vimos que o contato com pessoas que cursaram o Ensino Superior é mais incomum, geralmente acontecem quando em sua rede de relações próxima, há algum indivíduo como modelo propulsor.

As críticas ao corpo docente e às instituições de ensino que fizeram parte das trajetórias dos estudantes também são frequentes nas entrevistas. É comum entre os relatos diversas questões negativas referentes às escolas, professores e seus traumas que resultaram destes processos. Em muitos casos, o pessimismo referente à escola, ainda é intrínseco no discurso dos estudantes do CEJA, lidar com estas questões e convertê-las quase que diariamente em reais possibilidades de prolongação dos estudos, com certeza é um dos meus deveres ali dentro daquela sala de aula.

Ainda na entrevista com Moisés identificamos que:

[...] essa escola em que estudei durante a infância era muito pobre, professor. Não tinha nem banheiro direito, era um para todo mundo, acho que até os professores usavam o mesmo, que vergonha [...]
 [...] Acho que nem tínhamos livros, ao menos não lembro. Tenho uma breve memória de livros infantis na escolinha, mas assim, durante o Ensino Fundamental, aqueles livros que as crianças hoje em dia usam, não lembro não, se tinha ao menos não usávamos [...].

[...] Tanto que eu adorei quando recebi meu primeiro livro, ele veio novinho, tinha cheiro de novo, hoje em dia a gente continua em uma escola precária, ao menos eu valorizo a informação que a gente estuda [...].

[...] Óbvio que a escola de um cara que veio da elite é totalmente diferente da nossa, e eu acho que a minha função é lutar por essa mudança também, que meu filho estude em uma escola pública melhor [...].

Sendo assim, é uma característica dos estudantes do CEJA essa sensação de despreparo frente aos grandes vestibulares, muitas vezes até eu me questiono se falo demais, sobre as universidades da região, principalmente as públicas, alguns não cogitam nem escutar sobre esta possibilidade, visto que já estão certos da universidade privada indicada por algum outro colega ou amigo próximo, geralmente de menor duração e que apresente um modo mais flexível de cursar as disciplinas, sendo estas através de Ensino à Distância (EaD) ou não.

O estudante que não foi aprovado se recusou de começo em dar entrevista, os colegas alegaram que ele acreditava que conseguiria uma bolsa de 50% de estudos no vestibular que cursou para a universidade privada, já que não se inscreveu no ENEM, optou em esperar mais um pouco, pois tem preferência pela determinada universidade particular da região.

Acredito também que não seja um fato confortável de ficar falando e relembando durante a entrevista, ainda mais que não éramos tão próximos quanto os estudantes aprovados. Contudo não só o estudante que não foi aprovado, como todos possíveis ingressantes na universidade despertam essa questão da urgência na mudança de seus destinos, derivados das condições materiais em que vivem, terminar a escola já se concretizara em um grande sonho, prolongar os estudos então, é algo “inatingível” mas, próximo de se tornar possível.

Não nos cabe sermos meritocráticos e não enxergarmos sucesso em sua trajetória, mesmo que não tenha alçado à bolsa de 50% na universidade privada em que pretendia, o caminho que percorreu é sua trajetória de sucesso, com certeza para chegar até onde chegou – mesmo não sendo aonde desejava – fez mais “força” que outros jovens que partiram – na caminhada da vida meritocrática – bem mais à frente que a dele.

Como podemos identificar no seguinte trecho da entrevista com o Estudante Rubens:

[...] Assim, professor, eu nunca pensei em faculdade direito. Eu sei que queria trabalhar no escritório, mas não queria passar pela faculdade (risos).

Foi mais aqui no CEJA do Ceniro que a gente começou a conversar sobre isso, nos últimos meses que eu vi essa chance ficar mais perto. Foi a partir da visita das meninas da Anhanguera, aonde pela primeira vez pensei que poderia fazer faculdade.

Ao analisar minuciosamente e repetidamente as entrevistas com os estudantes do CEJA, em todos os casos pude identificar que a prolongação dos estudos sempre foi um sonho, porém para a maioria era um sonho quase que impossível, devido à série de limitações que suas realidades os impunham, questões que vão desde regionalidade, financeira e falta de capital informacional sobre o assunto.

Em todos os discursos há um certo estranhamento perante a prolongação dos estudos, somente no caso de um estudante de 19 anos respectivamente, a ideia de prolongação de estudos foi visto como algo “obrigatório” pelos pais dos estudantes. A estudante alega que depois que ingressou no CEJA acreditava que o sonho havia acabado, porém encontrou professores e amigos que estimularam a realização dos vestibulares.

Pude também identificar nos relatos que a escolha do curso, ou da área de atuação, é algo recente, geralmente foi durante o período de retorno à escola, que os estudantes realmente decidiram qual graduação cursar, ou seja, mesmo existindo de certo modo um cultivo familiar, aos moldes de Lareau (2003), estas práticas eram na maioria das vezes conselhos dos pais e próximos, para que não abandonassem a escola e de que o estudo os garantia uma ascensão social.

E mesmo que exista esse esforço dos professores e da escola em apoiar a prolongação dos estudos, jamais será comparada aos esforços impostos pelas instituições privadas composta em sua maioria por estudantes de classe média, que desde o ensino fundamental lidam com provas e simulados semelhantes aos vestibulares, para assim facilitar a vivência a estes processos, e saber enfrentar as emoções geradas nessas atividades. Questões pontuais como o preenchimento de gabarito e modelos de questões, objetiva ou somatória, são problemas iniciais com quase todos estudantes do CEJA.

Outro fator já abordado anteriormente e que aparece mais uma vez na leitura das categorias é que dentre todos os entrevistados, e em suas trajetórias, é possível identificar a existência de modelos propulsores, geralmente eles, estudantes trabalhadores, mas não se resumem a esta categoria, visto que devido a cada vez maior juvenilização da EJA, estas influências podem estar em outros ambientes de

socialização além do trabalho, ou seja, presentes em seu círculo de amizade próximo, ou até nas redes sociais, capaz de trazer mais informações sobre o Ensino Superior, instigá-los a buscar mais informações sobre o assunto e conseqüentemente alcançar os mesmos desejos.

Como no caso do estudante Moisés:

[...] Foi na igreja que também tive contato com pessoas que tinham faculdade. Minha mãe uma empregada doméstica sem ensino fundamental completo e os pais dos meus amigos da igreja com faculdade. Acho que foi isso que também me impulsionou em continuar os estudos [...].

Ou em um contexto mais privilegiado como o da Larissa, onde o destino para universidade era quase algo obrigatório em seu círculo social:

[...] Na escola de onde eu vim era bem comum todos os alunos fazer alguma faculdade depois de terminar o Ensino Médio, então eu mais ou menos sabia que ia fazer algo, mas não sabia qual curso. [...].

Além de estabelecer uma gama de capital informacional sobre o ingresso no Ensino Superior, estes modelos propulsores são uma das ferramentas que os estudantes do CEJA utilizam, primeiro como uma possível chance de prolongação dos estudos e posteriormente com a incorporação de comportamentos, ideias e posicionamentos.

Apesar destas frustrações em suas trajetórias os estudantes não desistem mais, já interromperam os estudos uma vez e desde que retornaram aos bancos escolares, decidiram não repetir este ato, a parcela que deseja prolongar os estudos, está firme no compromisso e animado com o que vem de promissor pela frente, realmente é muito gratificante ver este “brilho nos olhos” dos estudantes.

6 OS OBSTÁCULOS

Devido à ausência de representatividade no Ensino Superior nestes jovens de camadas populares, o seu conhecimento sobre o assunto é limitado. Fator que dificulta um possível ingresso e incorporação da condição de estudante universitário, como também a organização e o planejamento de uma carreira futura seguindo as propostas que este “meio” utiliza.

Após compreendermos através de dados e relatos quem são o público do CEJA e seus principais ambientes de socialização, nesta etapa buscarei evidenciar alguns dos obstáculos enfrentados pelos estudantes, e toda a contradição que vivenciam durante suas trajetórias.

Ao longo das entrevistas com aos dois professores e em conversa com os estudantes, podemos identificar algumas categorias que surgiram com frequência, palavras como “abandono escolar” traduzido aqui como evasão, “racismo”, “preconceito”, traduzo aqui como LGBTQf fobia e “livros e materiais de estudo” serão os focos que darei neste capítulo em forma de subcapítulos.

O incentivo através do corpo docente, ou a falta de, também é um ponto primordial para prolongação dos estudos, em entrevista com o professor de Geografia Cleber, podemos identificar este exemplo:

- Eu converso a todo momento sobre as universidades com os estudantes, ainda mais que pegamos uma turma que já está no final do CEJA, e é mais fácil dialogar com eles sobre isso, já estão mais cientes do que querem pra vida.

- Sobre quais universidades e vestibulares você conversa com eles?

- Eu os lembrei das datas de inscrição da UFSC e da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), expliquei a diferença entre os dois vestibulares, apresentei questões de somatória nas provas, a maioria não conhecia. E também falo sobre as universidades aqui da região, falo muito sobre a Faculdade Municipal de Palhoça (FMP) pois tenho uma sobrinha que estuda lá, e é bem legal o ensino deles...

- E você percebe a vontade de prolongação dos estudos nos estudantes do Ceniro?

- Em poucos, bem poucos. A nossa turma é relativamente grande, mas, assim, acho bem impossível que a maioria ingresse na universidade, acho que só uns 5 no máximo. É aquela coisa, do “tão perto, mas tão longe”. Eu vim de longe para estudar na UFSC, as vezes para mim que morava há quase 500km daqui é mais real do que para eles que moram nem 15km de uma das melhores universidades do Brasil e até do mundo.

O discurso acima destacado foi um dos únicos dentre os educadores que instiga o ingresso nas universidades públicas da região. Como abordado anteriormente vivemos

em uma região onde existem quatro universidades públicas, sendo elas, federais, estaduais e municipais, porém até os professores desconhecem estas universidades municipais, e os alunos em sua maioria nunca nem ouviram falar.

Pode-se dizer que esse sentimento de pertencimento, de posse de um direito de ingresso na universidade, ao menos, a chance a sonhar, não está presente no discurso de todos os professores²⁶, visto que é comumente o desconhecimento dos estudantes com prazos e data, da isenção de pagamento por exemplo, dos exames mais tradicionais, como o ENEM.

Porém existem uma série de outras dificuldades que são características destes estudantes, quando lidam com materiais específicos de vestibular, ou seja, quando abordo questões do ENEM nas avaliações, peço para redigirem um texto, a maioria duvida de sua própria capacidade em realizar estas questões.

Percebo, de uma forma muito indireta e subjetiva, que os estudantes que optaram em prolongar os estudos diferem um pouco no discurso dos que optaram em não prolongar, sinto um certo conformismo nestes últimos citados. E este meu “sentimento” pode ser interpretado através dos apontamentos levantados por Goffman (1952) ao traduzir esta “falta de expectativa” como *colling out*, os agentes – estudantes – acabam por ressignificar seu futuro, que já vem de uma constante ressignificação, pois a maioria abandonou os estudos em algum momento da vida, e atribuem um sentido plausível e de conformidade com as opções que tem em diante.

Rubens é um exemplo deste caso:

[...] Se bem que não precisa ter faculdade para abrir um negócio, quando se tem o conhecimento necessário já basta. Meu sócio é muito aplicado nisso, ele tem várias de planilhas e tabelas, eu não me entendo direito, as vezes não sei porque escolhi administração se acho isso tudo complicado e difícil.

Ou seja, quando se dão conta dos diversos empecilhos que encontrarão com a prolongação dos estudos e na vida universitária, recorrem aos pais, próximos e familiares para conversar e aceitar as possíveis frustrações dessas expectativas. Ao compartilhar estes anseios com semelhantes que também já “trilharam” estes mesmos

²⁶ Isso é nítido também em conversas indiretas que tenho com outros colegas na sala dos professores e nos corredores escolares, alguns desconhecem completamente data de inscrições dos exames tal como as universidades da região.

percursos de não conclusão dos estudos, intensificam e estreitam os laços com os mesmos.

E para subjetivamente não incorporarem estas mesmas trajetórias de seus pares, compartilham seus anseios com os colegas de classe.

O estudante Moisés, ao decidir prolongar os estudos retrata que:

Eu escolhi pela universidade particular porque é mais rápido, em 3 anos e meio eu já tenho meu diploma, na UFSC eu nem sei... acho que uns 5 anos, né? Além de que tem muita matéria integral, e é quase impossível eu estudar no horário comercial.

[...] Eu lembro que o professor me explicou sobre as faculdades aqui da região, tem uma municipal, acho que é a Universidade de Municipal de São José (USJ), né? Tem ou vai abrir o curso de Tecnologias da Informação (TI), mas eu não fui atrás pois não tinha certeza se já tinham aberto.

[...] Me matriculei na faculdade, fiz o vestibular em casa mesmo, tive que fazer uma redação de 30 linhas falando sobre a tecnologia na atualidade, gostei bastante do texto pareciam as discussões que tínhamos nas aulas de Sociologia e 1 semana depois veio o resultado, “APROVADO”.

[...] foi um sonho realizado, passou um filme na cabeça sabe? Aquela criança humilde e bem pobre estava entrando na faculdade, achei que era impossível professor. Mesmo sendo na particular, quem faz a faculdade é o aluno, serei o melhor da turma e quem sabe melhor que muito aluno da federal (risos).

Seja a distância, o ensino “integral” em alguns cursos, e a rapidez dos cursos nas universidades privadas são um dos inúmeros fatores que também contribuem para a incorporação das baixas probabilidades de ingresso nas universidades públicas da região de Florianópolis.

É comumente também o discurso meritocrático de que, “quem faz o aluno é a universidade”, ou seja, computa exclusivamente ao estudante as chances de sucesso, desconsiderando também o incentivo a pesquisa que as universidades públicas têm em contrapartida com universidades privadas.

Esse discurso, além de ser compartilhado entre seus pares sociais, acaba também por responsabilizar o aluno pelo seu futuro, conseqüentemente pelo fracasso, quase que uma violência simbólica, cometida com os estudantes do CEJA, ao ponto que os equiparam aos mesmos estudantes de camadas mais privilegiadas da sociedade. (Bourdieu, 2003, p. 7).

Não podemos culpabilizar os próprios estudantes por internalizarem estes tipos de pensamentos, na verdade suas redes de relações mais próximas e imediatas estão estritamente ligadas as internalizações de novas probabilidades. Porém mesmo que esse discurso de baixas expectativa exista subjetivamente dentre os estudantes do CEJA, não podemos caracteriza-lo como algo homogêneo.

6.1 EVASÃO

A evasão que tratarei neste subcapítulo não se refere ao movimento ocorrido durante o Ensino Fundamental ou Médio que acarretou no retorno ao CEJA, os dados referentes a estas questões já foram abordados no início desta pesquisa. A questão a ser referenciada nesta etapa são os obstáculos para que não evadam da EJA e da prolongação dos estudos.

O rebaixamento das expectativas, anteriormente citado no início do capítulo, é comumente revertido em evasão escolar, ou postergação do grande sonho de ir para a universidade. Acredito que os sonhos também evadem, no começo do semestre por exemplo, quando inicio questionando qual curso ou profissão você gostaria de fazer, a maioria dos estudantes citam uma profissão que necessita de graduação, e consequentemente desejam cursar uma “faculdade” já escolhida.

Porém ao decorrer do semestre que acompanho a turma, percebo que quanto mais se aproximam das datas de inscrição dos vestibulares da região, somente poucos estudantes demonstram interesses na efetividade do tão sonhado vestibular. A evasão é alta dentre a turma entrevistada, parece que o sonho dos estudos, ou de determinada profissão, é postergado dentre a maioria dos alunos do Ceniro.

Essa “evasão” da vontade de ter uma graduação é materializada através de diversas questões e competências incorporadas pelos estudantes, que vem desde seus respectivos processos de socialização, e quando se deparam também com os vestibulares que exigem um certo preparado e disciplina nos estudos.

Em conversa com Rubens, ele retrata que:

- Vish, professor, foi péssimo. Ceguei lá, não sabia de nada, começou tudo a embaralhar na minha cabeça, tava calor, eu tava com fome, tonto, tinha meio que bebido um pouquinho um dia anterior (risos), assinali a maioria tudo na letra “D” de Deus e fui embora.

- Você não estudou?

- Ah, professor, estudei um pouco e tal, assisti uns vídeos no YouTube, é que quando chega lá na hora o negócio é diferente, o que parece fácil fica difícil. A redação então, mínimo de 30 linhas, e eu lá tenho assunto pra isso?

Dessa maneira, faz-se nítido que este processo de auto exclusão escolar é incorporado pelos estudantes do CEJA, a partir do momento que anseiam ingressar nas universidades, quando se deparam com as barreiras e obstáculos frente estudantes visivelmente privilegiados.

É interessante saber que ao traduzir as informações coletadas na entrevistas, começamos a delinear as propriedades sociológicas dos estudantes do CEJA. Mesmo que venham de um processo escolar heterogêneo, compõem majoritariamente uma camada desprivilegiada da sociedade.

E ao analisar como almejam construir sua trajetória de prolongação dos estudos, é nítida a disciplinaridade no discurso, valorização dos estudos de quem está se preparando para ingressar na universidade em contrapartida aos jovens que praticam outros modos de socialização, conseguindo pensar em outras oportunidades, mesmo reprovando no ensino médio regular, como retratou Larissa.

[...] Eu cheguei a pensar no ENCEJA, mas era muito arriscado, iria fazer o vestibular sem saber de nada [...] Como eu perdi o ENEM, pois a inscrição foi em maio do ano passado e as nossas aulas de sociologia não tinham começado ainda, acabei procurando pelas universidades mais perto aqui da minha casa, pesquisei o curso de pedagogia em todas UFSC, UDESC, USJ e na FMP, me inscrevi na FMP e na USJ, pois as duas tinham uma porcentagem das vagas destinada a moradores de São Jose ou Palhoça, mas como a prova da FMP foi primeiro e o resultado saiu antes do próximo vestibular o da USJ, acabei nem indo fazer a prova da USJ [...]

É obvio que existem casos “divergentes”, onde alguns poucos estudantes não tem estes mesmos desejos, geralmente apresentam constantes faltas, não estudam e na maioria das vezes até assumem que não gostam de estudar. Porém o discurso dos estudantes do CEJA, é carregado de muita moralidade, sempre em comparação com os jovens que vivem na “rua” do bairro. Em suas falas a super valorização da escola, estudar agora para “ganhar depois”, são uma das características presentes, visando melhores condições futuras.

Outro ponto que também corrobora para evasão dos sonhos de prolongar os estudos, é a distância, física e social, em que a as instituições públicas de Ensino Superior estão destes alunos entrevistados. Apesar de muitos estudantes do CEJA projetarem a prolongação dos estudos, a maioria desconhece dos processos básicos de ingresso nas universidades. Suas ambições são pautadas a partir dos discursos dos contatos advindos de seu círculo social, tanto quanto dos modelos propulsores que encontram pelo caminho. Geralmente estes discursos já citados trazem uma forte presença das instituições privadas, reflexo no desconhecimento das diversas instituições públicas de Ensino Superior (UFSC, UDESC, FMP, USJ) que existem na Grande Florianópolis, como já citado no início da pesquisa.

Isso só corrobora com o fato elucidado através das entrevistas, como no caso Grazy:

- Olha, professor, até o ano passado a UDESC era um lugar quase impossível pra mim. Foi o senhor e os outros professor es que me incentivaram a fazer o vestibular. Eu só passava lá na universidade para recolher o lixo quando eu era Margarida, agora eu entro com me carro e como estudante. Entrei por cotas né? Mas e daí? O importante é que estou lá, e é pra ficar, aquele lugar mexe muito comigo, fico ansiosa, feliz, desesperada, tudo ao mesmo tempo, nunca me sentia assim fazia tempo. [...] A filha do meu tio que fez faculdade também estudou em uma federal, ela não é mais a única viu? (risos). Tenho umas colegas de trabalho que fazem “facul” a distância, mas essa não é pra mim sabe? Imagina eu estudando de casa? Cheio de criança gritando, impossível. Essa facul delas é a mesma daquela que vieram aqui na escola fazer o vestibular, 300 “conto” a mensalidade e ainda não tinha o curso que eu queria.

Ao analisar o Caso de Grazy, que conseguiu ingressar em uma instituição consideravelmente renomada, é notório sua trajetória de ascensão social. Ao optar pelo curso de Políticas Públicas, estaria migrando para uma ordem dominada pelas classes dominantes, como citou Bourdieu (1984, p. 55) ao estudar a relação de poder no interior do sistema universitário, ainda mais em cursos de prestígio e em universidades renomadas, é reflexo da estrutura classista em que vivemos.

É notório também, o papel que os professores e funcionários representam aos estudantes, capazes de direta ou indiretamente impor novas dinâmicas e visões possíveis de ingressos em universidades anteriormente nem cogitadas, ou seja, cogitam a possibilidade de os estudantes construírem novas trajetórias, segundo Becker (1952).

Apesar de estarmos cientes da pirâmide invertida que funciona o nosso sistema de ingresso no Ensino Superior, aonde jovens das classes mais altas ingressam, em universidades públicas enquanto os jovens das camadas mais baixas em universidades privadas, para que essa inversão social seja “arrumada” precisamos de além de investimentos financeiros, uma política mais efetiva de ações afirmativas.

Toda essa discussão também buscou evidenciar as diferentes estratégias de acumulação de capital cultural, dinâmicas e investimentos que se encontram dentre os fatores primordiais para a internalização de determinadas competências, responsáveis pelos ingressos nas universidades. A hereditariedade, não genética dos recursos, materiais e imateriais, de aprendizagem tal como do pensamento sobre a prolongação dos estudos.

Por isso que se deve tratar como excepcionais os casos dos estudantes que decidem mudar suas trajetórias, mesmo sabendo – ou não – dos obstáculos que estão por vir, mas a força é uma das características principais destes estudantes, já passaram por tanta coisa, que um vestibular não os abalará.

6.2 OS RECURSOS DIDÁTICOS

Não é novidade de que o atual sistema educacional está fadado ao fracasso, visto que não acompanhou o mesmo ritmo que o mundo do trabalho e das informações atingiram, sabendo que a maioria do público também não se encaixa no modo disciplinado que este sistema rígido de ensino impõe. Weber (1970) alega, por exemplo, que os processos seletivos mais rígidos eram dominados por um estrato social específico da sociedade que somente este estrato dispõe dos meios, ferramentas e métodos, necessários para o ingresso no Ensino Superior.

Outro fator pertinente e inegável é que os vestibulares no Brasil, ao menos os para ingresso em instituições públicas, exigem cada vez mais um olhar transdisciplinar do estudante, o próprio ENEM, podemos encontrar assuntos relacionados às Ciências Humanas e Sociais em questões de matemática, física e química, ou seja, necessitam de uma capacidade de reflexão, leitura e correlação entre os assuntos. Coisa que muitas vezes me preocupou durante o meu processo de integração com a turma analisada, pois como no capítulo anterior relatei, poucos dedicavam um tempo aos estudos, e para “entrar” em determinados cursos de certas universidades²⁷, somente decorar um assunto não garante o ingresso.

A estudante Grazy relata que:

- Olha, professor, eu nunca tive o costume de abrir os livros, não! Eu acho lindo quem fica horas debruçado em cima de um livro, lendo aquelas histórias, pode até ser conteúdo escolar, eu não gosto, parece que 5 minutos

²⁷ Ainda mais que existe uma alternativa disponibilizada aos estudantes chamada Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA), que tem a função de aferir competências, habilidades e saberes de jovens e adultos que não concluíram o Ensino Fundamental ou Ensino Médio na idade adequada, assim o estudante que atingir determinada nota válida todo o período escolar. Durante as entrevistas somente um estudante relatou que optou em realizar o exame, mas segundo a mesma, “mas era muito arriscado, pois iria fazer o vestibular sem saber de nada”. Em 2019, segundo o INEP o exame teve um aumento de 75% nas inscrições, fator que também deve ser considerado e analisado no histórico da EJA, nesta turma não foi apresentado nenhum estudante que optou em fazer O ENCCEJA, porém e outras turmas em que lecionei já ocorreram casos de estudantes que “sumiram” e quando descobri, haviam validado a escola através do teste.

depois eu já estou bem longe, distante, pensando em outra coisa. Eu estudei tudinho pelo YouTube. Óbvio que os professores e a escola me ajudaram muito na base sabe, mas o que me preparou mesmo foram os vídeos que estudei, joguei lá “cursinho vestibular” e fui escolhendo as aulas.

- E qual foi seu critério de escolha das aulas, Grazy?

- Eu só escolhia aula legal (risos), ou de assuntos que eu gostava. Pô professor, já é chato estudar de casa, imagina algo que não gosto, daí é forçar demais! Eu escolhia as aulas de uma professora bonitinha, era geografia eu acho, e ficava horas prestando atenção nela. (mais risada).

Podemos utilizar de Bourdieu (2007) para retratar esta realidade vivenciada pelos estudantes do CEJA, mas através de outros argumentos, como a distinção cultural por exemplo, onde o autor cita que a reprodução do sistema de aprendizagem das elites pelos jovens das camadas mais pobres, dá-se não pela incorporação das práticas, mas pela reformulação destas.

Inclinados pelos processos de socialização em que estão inseridos, como anteriormente dito, através das mídias, principalmente televisivas e internet (*youtube*), e da internalização do entendimento da educação básica e pública como precária, os estudantes também acreditam na precariedade dos outros instrumentos de ensino utilizados, o livro didático como exemplo. Se bem que ao menos no CEJA, os estudantes estão certos, visto que o livro não é atualizado há mais de 5 anos, como dito anteriormente.

Moisés retrata que:

Acho que nem tínhamos livros, ao menos não lembro. Tenho uma breve memória de livros infantis na escolinha, mas assim durante o Ensino Fundamental, aqueles livros que as crianças hoje em dia usam, não lembro não, se tinha ao menos não usávamos.

[...] Eu lembro quando recebi meu primeiro livro, ele veio novinho, tinha cheiro de novo, hoje em dia a gente continua em uma escola precária, ao menos eu valorizo a informação que a gente estuda.

[...] Eu usei bastante materiais online professor, tem um cursinho que tem os vídeos disponíveis no YouTube que eu gosto bastante, também pedi algumas indicações para vocês professores. Mas, a maioria foi tudo pela internet mesmo, colocava lá material para o ENEM apareciam várias sites, tem bastante coisa boa, bem resumida.

[...] Eu dedicava um final de semana por material, como os vídeos do cursinho são por ordem de conteúdo, eu colocava o play em cada matéria e durava o dia todo, igual um cursinho mesmo, tinha dias que eu começava cedo e ia até a noite, ficava muito cansado de tanto estudar [...].

Assim, é possível identificar na maioria das entrevistas, que as metodologias de estudos utilizadas pelos estudantes ainda privilegiam os materiais audiovisuais, ligados a cultura de massa. E o principal argumento para esta “escolha” dá-se pelo fato de que as informações principais, e conceitos são expostos com mais rapidez, mais fluidez, e

prontos, em comparação com a linguagem escrita, em que muitas vezes nos livros precisamos de longas introduções para chegar até a compreensão do determinado conceito.

As dinâmicas de aprendizagem dos estudantes se distanciam dos métodos tradicionais e comumente desejados para ingressar nas universidades mais concorridas da região, geralmente centrados em videoaulas e materiais disponibilizados na internet.

É notória também a falta de fomento dos professores para utilização dos livros em sala de aula, é cíclico, já que os mesmos não são atualizados, pela escassez de exemplares, e até desconhecimento do próprio material, os professores acabam desconsiderando o uso dos livros com os estudantes. Os professores acabam por também não permitir que os estudantes desenvolvem das aptidões necessárias para realizarem a leitura dos livros, visto que para Bourdieu (1979) a posse do livro, não garante o domínio de suas ferramentas de aprendizagem.

Por isso o ponto sobre o livro didático, foi algo que rendeu destaque em todas as entrevistas, os estudantes relataram que o livro nunca foi algo rotineiramente utilizados pelos professores, existem também aqueles casos típicos dos professores que “só” utilizam os livros, ou que ainda resume suas aulas à leitura do livro fazendo o rodízio de parágrafo entre os, ou seja, os livros existem, mas não são efetivos.

Já as videoaulas e o material de vídeo documentado, ainda permeia a ilegitimidade na maioria dos casos, visto que a seguridade e referência do material carece de informações, e os estudantes que na maioria das vezes utilizam deste recurso se encontram em uma posição desprivilegiada em comparação aos seus pares que dominam das técnicas e linguagens propostas pelo material escrito, os livros.

6.3 O RACISMO E A LGBTQFOBIA.

Este subcapítulo busca evidenciar, mesmo que seja de forma breve, os obstáculos aos quais a população negra e LGBTQ do CEJA enfrenta em seu processo de escolarização, tal como a importância das lutas em prol de uma educação antirracista, não machista e inclusiva²⁸.

²⁸ Acredito que seja pleonasma o termo “educação inclusiva”, visto que TODO modelo de educação deve incluir TODAS as pessoas, não descredibilizo a importância do termo e toda discussão que envolve este

Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2020²⁹ vivemos um recorde em registros diários de casos de racismo, não bastando este fato, também somos segundo a ONG Internacional Transgender Europe o país que mais mata LGBTQs no mundo.

Estes fatos estão tão inseridos em nossa estrutura social que o reflexo é uma certa exclusão, um silenciamento, das narrativas da população negra e seus descendentes no cenário educacional. Tanto que anterior à década de 60, são raros as biografias que tratam as experiências da população negra escolar brasileira. (CRUZ, 2005, p. 21)

Com a população LGBTQ não foi diferente, a ausência de representatividade permanece na maioria das pesquisas que envolvem a EJA até hoje em dia, Junqueira (2009, p. 34) alega que além de toda exclusão que este público enfrenta durante o processo escolar, o silenciamento curricular é um agravante³⁰.

Adriani da Silva (2015) ao estudar diversidade sexual na EJA, aponta que dentre os anos de 2000 e 2011 não foi apresentado nenhum grupo de trabalho (GT) sobre gênero e Educação de Jovens e Adultos nos congressos da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPed), demonstrando assim a emergência de informações para contribuir com estes dados.

Esse conservadorismo e tal como o racismo, também estão presentes dentro do ambiente escolar, ultrapassando os estudantes, atingindo os professores e o setor pedagógico, em uma pesquisa realizada pela UNESCO na década passada³¹, chamada “Perfil dos Professores Brasileiros”, por exemplo, revela que para quase 60% dos educadores tem algum tipo de LGBTQfobia.

assunto, porém é revoltante termos que criar uma extensão da educação para que seja discutido inclusão, visto que a mesma por si só já deve ser inclusiva, enfim, contradições, desculpa o desabafo.

²⁹ O Anuário Brasileiro de Segurança Pública se baseia em informações fornecidas pelas secretarias de segurança pública estaduais, pelas polícias civis, militares e federal, entre outras fontes oficiais da Segurança Pública. A publicação é uma ferramenta importante para a promoção da transparência e da prestação de contas na área, contribuindo para a melhoria da qualidade dos dados. Além disso, produz conhecimento, incentiva a avaliação de políticas públicas e promove o debate de novos temas na agenda do setor. Trata-se do mais amplo retrato da segurança pública brasileira. (ANSP, 2021)

³⁰ Em Santa Catarina este silenciamento é constante, em junho de 2021 por exemplo, foi sancionada um decreto estadual em que proíbe, de todos os modos, a linguagem neutra dentro das salas de aula, existem outros projetos de lei também no mesmo Estado em que proíbem qualquer tipo – segundo os deputados que propuseram este projeto – “ideologização” de gênero dentro das escolas.

³¹ É claro que em 10 anos as coisas mudaram bastante, eu como aluno, já tive experiências traumáticas, tanto com professores quanto com as pedagogas das escolas em que estudei, as abordagens eram sempre de forma errada e me culpabilizando, porém como professor ainda presencio o desconhecimento e até a satirização da sigla LGBTQ entre os colegas.

Cabe destacar também que mesmo não estando em relatos bibliográficos, e na maioria das vezes não participando efetivamente do processo escolar “democrático” brasileiro, não quer dizer que tanto a população negra quanto LGBTQ não desenvolveram suas experiências educacionais.

Carrano (2007) aponta um fenômeno recorrente na EJA, que também foi abordado no início desta pesquisa, seria a juvenilização deste público, fator que se torna ainda mais complexo visto que a maioria destes jovens são negros e muitos destes também LGBTQ, como nos casos analisados, surgindo assim uma dúvida que vai além da questão geracional. Ou seja, para compreender a juvenilização da EJA, precisamos analisar as relações étnico-raciais e de gênero presentes em nossa estrutura social.

No trecho da entrevista com a Larissa, podemos identificar a importância destes grupos, por exemplo:

[...] Eu tinha poucos amigos na escola, até hoje não sou de muitos amigos, sempre andei com os nerds, gays e os gordos, e na verdade, sempre fomos os mais descolados (risadas).

Ou na experiência compartilhada pela Grazy:

[...]Poxa, professor, eu sou negra, lésbica e pobre, quer mais o que? Sou o preconceito ambulante, aonde eu vou as pessoas me olham estranho. Já começa porque uso roupas que não são tão femininas, o senhor percebe né? Então, esse já é o primeiro choque.

[...] Sempre aonde eu estiver eu vou ter que carregar a questão racial comigo, pois aonde eu estiver existirão olhadores maldosos, então é meu escudo, é a minha luta diária.

É fato também que não pode ser desconsiderado dentre o público do CEJA, são os estudantes negros e todo o racismo que enfrentam em sua trajetória escolar. Gomes (2005) aponta que não tem como compreender a história da EJA sem falar de sua estrutura racista tão quanto do seu público, majoritariamente preto. Na presente pesquisa 27% dos estudantes se identificam como pretos e outros 23% pardos.

Os pais destes estudantes que se identificam como pretos ou pardos, também é um ponto de destaque, 70% dos pais destes estudantes não possuem o ensino fundamental completo, em contrapartida os pais dos estudantes brancos 50% concluíram o ensino médio.

Mesmo que dois dos três aprovados no vestibulares são autodeclarados pretos os dados coletados demonstram que estudantes negros do Cenirop compõe parcialmente

uma camada desprivilegiada em comparação com seus pares brancos, questões como renda, estudos e trabalho demonstram que estão em certa desvantagem.

Estes sujeitos a todo momento passam por seleções, que marcam suas caminhadas e influenciam na construção de suas subjetividades e significados, e este tipo de seleção ocorre não exclusivamente dentro da escola, e traz a marca não somente da discriminação racial, gênero, homofobia entre outras questões.

O reflexo de todos estes preconceitos é a evasão, a invisibilidade é tanta que os órgãos governamentais nacionais não possuem dados suficientes capazes de medir a relação entre racismo, LGBTQ fobia e evasão escolar. Todavia, pesquisas na área da educação demonstram que este fato existe, e geralmente está relacionado é uma trajetória conturbada e violenta.

Fica nítido assim que mesmo existindo toda esta discussão acerca destas minorias sociais, este debate na maioria das vezes são baseados em estereótipos e concepções generalizadas. Encerro este ponto trazendo uma análise de (SILVA, 2010, p. 142), aonde alega que EJA deve ser problematizada para além do discurso de “garantia de direito à escolarização”, e a partir do momento que considerar as desigualdades estruturais vividas por seus sujeitos, iniciará uma educação libertadora e transformadora.

7 AFINAL, QUEM SÃO OS APROVADOS?

Nos capítulos anteriores, busquei demonstrar os trajetos heterogêneos dos estudantes do CEJA, a fim de responder o objetivo desta pesquisa, analisar os fatores sociologicamente interessantes dentre os processos de socialização dos estudantes, principalmente nos alunos aprovados.

Lembro sempre que tal heterogeneidade não trata da característica intrínseca de cada estudante, mas sim de suas trajetórias frente aos vestibulares, e não de sua vida ou perspectiva da mesma. Mesmo que o termo “sucesso” somente tenha sentido quando comparado com os vestibulares em que os estudantes irão prestar, para os mesmos, este sucesso é bem mais significativo que somente o ingresso na universidade. Bourdieu e Passeron (1964; 1970) alegam que estas figuras sobreviventes desta seleção afunilada que são os vestibulares, provam constantemente que sua postura inclinada à escola e sua produção cultural.

O autor ainda relata que estes estudantes mantêm quase que uma submissão constante aos estudos e à moral escolar, entendendo que é somente através da escola que conseguirão prolongar seus estudos e suas chances de ascensão social.

A constante pressão pela qualificação e especialização que os espaços sociais que frequentam determinam, acarreta em um potencial descompasso entre os *habitus* incorporados pelos agentes – os pais e os estudantes – e a nova realidade objetiva, desenvolvida através da resignificação e interpretação dos mecanismos sociais que este *habitus* deve operar. E para que seja possível galgar novas posições dentro dessa estrutura, acabam por validar o prolongamento e a volta ao processo de escolarização, para posteriormente deter mais chances de sucesso no mercado de trabalho.

Como citei durante a introdução os pais e os próprios estudantes do CEJA em sua maioria são trabalhadores, que geralmente ingressaram no mercado de trabalho durante a infância e juventude, imigrantes de diversas regiões do Brasil e distantes do processo escolar, esses fatores já poderiam nos conduzir a interpretar que os mesmos acabam por intuitivamente pressentir as baixas probabilidades de prolongamento e sucesso em suas trajetórias educacionais.

O *habitus* de suas famílias confrontando as novas condições estruturais cria outras novas formas de organizar e conduzir suas vidas e a escolarização, a forma de compreender o mundo muda de acordo com a troca constante com as estruturas,

formandos novos esquemas de identificação e ação socialmente incorporados, se objetificando e delimitando através dos recursos materiais e imateriais que possuem.

Porém, o fato da maioria dos estudantes retornarem aos bancos das salas de aulas depois de um período – muitas vezes longo - afastados demonstra que há tentativas de empreender dentro de seus limites – materiais e imateriais – e convergir suas disposições e capitais à realização do sucesso escolar e ingresso na universidade.

Diversas literaturas ao longo dos anos tentaram apontar e identificar o fator primordial para identificar a mudança de trajetória dos estudantes, porém Lahire (1997) afirma que é errôneo apontar traços parciais para delimitar estes casos, pois os mesmos não servem isoladamente em todas as situações.

Assim, é possível identificar não somente um fator motivador, mas uma série de combinações de processos ou situações pertinentes em meios às trajetórias escolares, ou mais, foi possível através da leitura das entrevistas identificar com mais frequência não só os fatores motivadores, mas os obstáculos.

Lahire (1997) aponta questões como a língua legítima utilizada pela família e pela escola, valorização da mesma cultura material, ordem moral e disciplina, e a própria trajetória dos pais, como possíveis fatores que podem ser comuns. E todos estes pontos podemos identificar também no discurso dos estudantes entrevistados, mesmo que mais que a metade dos casos entrevistados seus pais não concluíssem os estudos. Podemos aplicar ao contexto brasileiro, onde o capital informacional sobre a prolongação dos estudos também é um fator pertinente. (ALVES et al., 2012; COSTA, 2010)

Assim, é possível compreender a relevância das entrevistas e coleta de dados, visto que contribuem para o debate sobre o ingresso no Ensino Superior brasileiro, caracterizando, dialogando e discutindo sobre questões sociológicas pertinentes.

A partir da perspectiva desenvolvida por Lahire, ao estudar o sucesso escolar de famílias imigrantes francesas em 1997, buscamos construir um tipo ideal através das interpretações feitas com as entrevistas, para que assim o método indutivo proposto por Becker (1998, p.193) fosse aplicado. Na primeira etapa do projeto, de um modo quantitativo foi possível identificar um ponto em comum entre os mesmos, advindos de estratos populares da sociedade, marcados por um histórico de migração dos pais, baixa escolaridade dos familiares e abandono escolar.

E após este trabalho árduo da reconstrução heterogênea de trajetórias foi possível evidenciar também as diversas variações que cada história carrega. Assim este

projeto colabora para que quando seja reconstruída a trajetória dos estudantes da EJA, não se caia na automaticidade e generalização dos mesmos.

A todo o momento também foi abordado que todas estas estratégias utilizadas pelos estudantes do CEJA, se deram em virtude de uma série de fatores sociais que acometem estas camadas mais desprivilegiadas, e aqui cito a massificação da educação básica, as novas chances de ingresso prolongação de estudos, novos financiamentos e bolsas de estudo, e da constante exigência do mercado de trabalho.

Esse descompasso citado evidencia que os estudantes buscam ressignificar seus processos de reconversão e acúmulo de seus capitais e disposições, constituindo assim uma nova forma de inserção contínua de escolarização e novas aspirações de trajetórias e ascensão social. Bertaux e Thompson (2007, p. 11-27; 2007, p. 47) destacam a importância em verificar competências e limites dos agentes em mudar e objetivar todos esses comportamentos e visões herdados, os autores destacam que mesmo inconscientemente incorporam suas percepções hereditariamente – impostas pelos familiares e espaço em que vivemos – quando os agentes buscam significar suas trajetórias, acabam por contradizer e negar qualquer intenção de reflexão sobre a transmissão de novas visões, muitas vezes por obstáculos e crenças que carregamos, podendo modificar alguns pensamentos e modo de agir, porém outros podem se manter iguais.

Deste modo, em muitos casos os seus próximos – pais e pares – propõem uma série de agenciamentos aos quais estimulam a prolongação dos estudos. Esse estímulo pode não vir somente com palavras e apoio financeiro, mas com ações e posicionamentos – capital cultural - que refletem nestas atitudes.

E todo este capital imposto pelos seus próximos é inculcado de questões morais e disciplinares, perceptíveis quando se comparam aos jovens dos bairros e até mesmo com os próprios colegas que não desejam prolongar os estudos. E esta diferenciação dá-se exatamente nestas questões - moral e disciplinar - que as instituições sociais em que estão inseridos carregam, sejam elas familiares ou religiosas.

Durante toda interpretação das narrativas, foi possível analisar a constante comparação com os jovens que vivem “na rua” do bairro Ceniro. O desejo de não pertencimento ou comparação com eles não é somente pelo estilo “casqueiro” que têm, mas pela falta de interesse que tem pelos estudos e sua constante associação com o mundo das drogas.

O estilo de vida dos estudantes do CEJA está em oposição ao adotado pelos jovens da comunidade, inclinados à prolongação dos estudos, valorização da escola e ingresso ao Ensino Superior, desenvolvem uma perspectiva capaz de olhar a longo prazo. E ao desenvolver este modo de “olhar” ressignificam e mudam as trajetórias comumente imposta aos membros daquele estrato da sociedade.

Outra questão que também foi analisada nesta pesquisa, e se torna algo importante na jornada dos jovens, são os modelos impulsionadores, que consciente ou inconscientemente agenciam as possibilidades na vida dos estudantes. Estes modelos muitas vezes compartilham de similaridades, principalmente sociais, servindo de espelho, capital informacional e amenizando as possíveis faltas que este ambiente pode lhe causar.

Ao tratar também dos obstáculos enfrentados pelos estudantes do CEJA, pode-se ter a noção dos processos de socialização a dimensão que ocupam na vida dos entrevistados, tal como se posicionam em desvantagem em comparação com estudantes de outras camadas sociais, mesmo em comparação com os jovens de 10 anos atrás.

A relevância a população negra e LGBTQ também deve ser considerada nesta pesquisa, visto que os dados sobre este público ainda são escassos. Questões como o manuseio da linguagem formal, seja ela desde o âmbito familiar quanto em outros meios de socialização, são essenciais igualmente neste processo, quanto mais prolongam seus estudos mais distanciam-se de seus pares, os estudantes apontam que essa disparidade é nítida quando encontram algum “velho conhecido”.

Importa mencionar a jornada escolar precária, seja ela em questões físicas ou sociais. Estes jovens em sua maioria foram submetidos a estabelecimentos educacionais públicos em que faltam questões básicas, frequentemente relatado entre os entrevistados. Reflexo da valorização do material audiovisual, visto que a precarização do ensino público era tanta que até os livros, que deveriam ser oferecidos pela escola, tornavam-se algo de longe alcance, ou não comumente usados.

Suas práticas culturais de lazer também são centradas nestes meios audiovisuais, tv aberta, programas de cultura de massa, internet e jogos online. Não que estas práticas sejam preponderantes em justificar seus trajetos, mas a partir do momento que estas atividades de lazer não são mescladas com outras possibilidades de acumulação de capital cultural, em detrimento à linguagem escrita e a leitura, poderão manter-se em um certo desprivilegio, visto que os processos seletivos aos quais são submetidos ainda valorizam o domínio de tais técnicas.

Assim, saliento a contribuição que estas informações trazem para não somente compreendermos os processos de socialização deste público, mas para o entendimento das desigualdades dos estudantes da EJA frente aos vestibulares, tal como suas práticas de estudos e materiais utilizados.

Os relatos e dados mostram que os estudantes do CEJA frequentemente centram suas práticas de estudos em materiais considerados “ilegítimos” pela cultura escolar, centrada no domínio das técnicas de leitura, interpretação e escrita. Saliento que ao designar estes recursos como “ilegítimos”, não rebaixo ou os caracterizo como inferior. Busco trata-los com este termo devido ao fato de serem oficialmente aceitos, ou não, pelos órgãos competentes, e que por fim também não favorecem o domínio de tais técnicas – leitura, interpretação e escrita – anteriormente citadas.

Posteriormente, delimito também as condicionantes que regulamentam o berço no desejo das aspirações da prolongação dos estudos, e assim, ao identificar estas estruturas, percebe-se a heterogeneidade nos discursos, histórias e trajetórias dentre os entrevistados, demonstrando a diversidade de fatores e combinações que suas jornadas trazem.

Ao analisar os casos dos estudantes do CEJA que optaram em prolongar os estudos, é perceptível uma combinação de fatores determinantes à mudança de suas perspectivas. Dentre estes fatores que abordei durante a pesquisa, estão questões como investimento familiar, mesmo que não seja financeiro, mas através de um capital cultural e social – que já foi reformulado a partir das próprias expectativas e sociabilizações - de familiares exercendo um impacto relevante nas escolhas.

As diferenças não se encontram somente entre as trajetórias educacionais dos estudantes, mas também nas redes de relações que seus familiares, pares e os próprios estão inseridos, as revelando como também possíveis propulsores de diferentes estilos de vidas e estratégias de prolongação dos estudos ou ferramentas de conformismo entre os mesmos.

Demonstrei também que enquanto a teoria bourdieusiana trata o capital social como um propulsor das dinâmicas de apropriação do capital cultural e econômico, os dados aqui coletados demonstram que este tipo de capital – social – é sim um dos fatores primordiais na formação dessas dinâmicas determinantes.

Em toda esta pesquisa é possível identificar nos discursos as influências que o capital social impacta em toda jornada dos estudantes da EJA, visto que o contato com esse fator – ou indivíduo – determinante pode acontecer no berço familiar, em locais

como a igreja, centro comunitário do bairro ou com pessoas que possuem estreitos laços.

Percebe-se também a mudança que os estudantes tendem a desenvolver ao decorrer do semestre, principalmente a valorização dos estudos, importância do retorno à escola e justificativas para evasão. A desaprovação deste estilo de vida que valoriza ostentar e imediatista, vai em desacordo com a proposta e desejo de vida da maioria dos estudantes que compõem o CEJA do Cenirol. Por isso mesmo, os que ainda mantêm um certo tipo de amizade com os jovens que andam pelas ruas do bairro, os desaprovam em alguma medida.

Temos, assim, dentre todos estes quatro jovens que optaram em prolongar seus estudos, as mais diferentes ferramentas e, por consequência delas, processos de socialização distintos. Menciono também que, ao menos dentre o público selecionado, a diferença entre ingressantes em instituições públicas e privadas não é passível de fator justificativo, visto que dois optaram em ingressar em universidades privadas, contando o caso do estudante não aprovado, e os outros dois em instituições públicas.

Porém, ainda afirmo que é a nítida a presença majoritariamente, ao menos no CEJA, das universidades particulares. O desconhecimento em relação às universidades públicas da região da Grade Florianópolis é visível entre os estudantes, ao ponto de que somente uma estudante conhecia as universidades públicas municipais da região, aonde demonstram preferência por instituições privadas pela comodidade de ensino e facilidade de associar com o trabalho em tempo integral.

Ao escolher o CEJA como objeto de estudo da minha pesquisa, minha intenção nunca foi a de descobrir o mundo ou uma solução milagrosa para este “problema” no processo de ingresso ao Ensino Superior no Brasil. Muito menos minimizar os esforços e práticas dos estudantes e alçarem novos projetos e jornadas, metodologias educacionais e aulas dos professores, visto que contrariaria os princípios éticos do pesquisador, acadêmicos e o bom senso.

O que pretendi com estas informações ainda incipientes – considerando uma continuação para esta pesquisa, em um futuro cenário pós-pandêmico e de constantes ameaças à institucionalização da EJA – foi delimitar as condições objetivas e subjetivas nas trajetórias dos estudantes, sua relação com os professores e a estrutura escolar, como as resignificaram e as possíveis limitações de todos estes pontos citados.

Constato que o CEJA, além de mudar a minha vida desde a infância, conforme a referida história com minha mãe, mudou minha percepção sobre a vida a partir do

momento que regressei à sala de aula, desta vez como professor: em muitos momentos, quem deu a aula foram os estudantes a partir do compartilhamento de suas experiências e vivências.

Sobretudo, o CEJA muda a vida de quem decide retornar à escola, e esta decisão, por si só, indiretamente carrega com ela outras importantes decisões, provando que o estudante entra uma pessoa, e sai outra completamente diferente.

REFERÊNCIAS

- ADRIANI DA SILVA, Jerry. **Educação de Jovens e Adultos – EJA, Diversidade Sexual, pessoas LGBTQ's e processos de socialização**. Formação de Educadores de Jovens e Adultos. Campinas / UNICAMP, 2015.
- A EJA na Base Nacional Curricular Comum (BNCC)**. Editora Global. Disponível em: <http://www.viveraprender.org.br/noticias/a-eja-na-base-nacional-curricular-comum-bncc/> Acesso: abr. de 2019.
- ALEXANDER, Jeffrey. The reality of reduction: the failed synthesis of Pierre Bourdieu *In: Fin de siècle. Relativism, reductionism and the problem of reason*. London: Verso, 1995, p. 128-217.
- ALVES, Fatima; LASMAR, Cristiane & KOSLINSKI, Mariane. Observatório Educação e Cidade: algumas hipóteses sobre a relação entre território e oportunidades educacionais **Revista Eletrônica de estudos urbanos e regionais** Ano 3, n. 8, p. 08-21, 2012.
- ALVES-MAZZOTTI, A. J. A abordagem estrutural das representações sociais. *In: Psicologia da Educação*. Revista do programa de estudos pós-graduados, São Paulo, v. 14/15, p. 17-38, 2002.
- Atlas do Desenvolvimento Humano**. Dados sobre o Município de São José. Disponível em <http://www.atlasbrasil.org.br>. Acesso: abr. de 2019.
- AUSUBEL, David Paul. **The acquisition and retention of knowledge: A cognitive view**. Dordrecht, Kluwer Academic Publishers, 2000.
- BEAUD, Stéphane. **80% au BAC... et après? Les enfants de la démocratisation scolaire** Paris: La Découverte, 2003.
- BECKER, Howard. **Tricks of the Trade: how to think about your research while you're doing it** The University of Chicago Press: Chicago, 1998.
- BERTAUX, Daniel & THOMPSON, Paul. Introduction *In: BERTAUX, Daniel. & THOMPSON, Paul. (Orgs.) Pathways to Social Class: a qualitative approach to social mobility* New Brunswick & Londres: Transaction Publisher, p. 1-37, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**. Vol. 3: Ciências Humanas e suas tecnologias. Cap. 4: Conhecimentos de Sociologia, p. 101-133. Brasília, 2006.
- _____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Parte 3. Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias. Brasília, 2007.
- BONALDI, Eduardo Vilar. **Tentando chegar lá: as experiências sociais de jovens em um cursinho popular em São Paulo**. Tese de doutorado apresentada no PPG em Sociologia, USP, 2015.

_____. Entre a auto eliminação? e o enfrentamento incerto: disposições e dissonâncias frente ao ensino superior público. **POLÍTICA & TRABALHO**. (UFPB. IMPRESSO), v. 1, p. 246-265, 2018.

BOURDIEU, Pierre . Les trois états du capital culturel. **Actes de la recherche en sciences sociales**, v. 30, n.1, p. 3-6, 1979.

_____. **Le sens pratique** Paris: Les Éditions de Minuit, 1980.

_____. Homo Academicus Paris: Les Éditions de Minuit, 1984

_____. On the Family as a Realized Category Theory, *Culture & Society*, v. 13, p. 19-26, 1996

_____. **Questões de Sociologia**. Lisboa: Fim de Século, 2003.

_____. **O poder simbólico** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

_____. Condição de classe e posição de classe *In*: MICELI, Sérgio. (Org.) **A Economia das trocas simbólicas** São Paulo: Perspectiva, p. 03-27, 2007.

_____. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura *In*: NOGUEIRA, Maria Alice & CATANI, Afrânio. (org.) **Escritos de Educação** Petrópolis: Vozes, 11º ed., p. 39-65, 2010.

_____.; PASSERON, Jean-Claude. **Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1970.

_____, BOLTANSKY, Luc. & SAINT-MARTIN, Monique. As estratégias de reconversão: as classes sociais e o sistema de ensino *In*: DURAND, José Carlos Garcia (Org.) **Educação e hegemonia de classe: as funções ideológicas da escola**. Rio de Janeiro: Zahar, p. 103-176, 1979.

_____.; WACQUANT, Löic. **An Invitation to Reflexive Sociology** Cambridge: Polity Press, 1992.

CALHÁU, Maria do Socorro Martins concepção do aluno nos programas de EJA no Brasil. **Revista ACOALFAP**: Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua portuguesa, São Paulo, ano 2, n. 3, 2007.

CARRANO, Paulo. Educação de Jovens e Adultos e Juventude: o desafio de compreender os sentidos da presença dos jovens na escola da “segunda chance”. *In*: **REVEJ@ - Revista de Educação de Jovens e Adultos**, v. 1, n. 0, Belo Horizonte: NEJA-FaE-UFGM, ago, 2007.

Carta Capital. **Reforma do Ensino Médio é um retorno piorado à década de 90**. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/reforma-do-ensino-medio-e-um-retorno-piorado-a-decada-de-1990> Acesso: abr. de 2019.

COMIN, Álvaro & BARBOSA, Rogério J. Trabalhar para estudar: Sobre a pertinência da noção de transição escola-trabalho no Brasil *Novos Estudos* n. 91, p. 75-95, 2011.

CÁSSIO, F.; CATELLI JR, R. **Educação é a base? Educadores discutem a BNCC**. São Paulo: Ação Educativa, 2019.

COSTA, Kerolin Edinete. **Mulheres Estudantes na Educação de Jovens e Adultos (EJA): trajetórias familiares, escolares e laborais e as estratégias para lidar com uma tripla jornada**. (Monografia de conclusão do bacharelado em Ciências Sociais, UFSC), 2015.

CRUZ, Mariléia dos Santos. Uma abordagem sobre a história da educação dos negros. In: ROMÃO, Jeruse. **História da educação dos negros e outras histórias**. Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, p. 21-33, 2005.

COSTA, Márcio & KOSLINSKI, Mariane. Quase-mercado oculto: disputa por escolas “comuns” no Rio de Janeiro *Cadernos de Pesquisa* v.41, n.142, P. 246-266, 2011.

COSTA, Márcio. Famílias e acesso diferenciado a escolas públicas prestigiadas: um estudo de caso **Educação em Revista**, v. 26, n.2, p. 227-247, 2010.

CUNHA, Antônio Geraldo. (Org.) **Vocabulário Histórico e Cronológico do Português Medieval** Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 2015.

D'ÁVILA, José Luís. Trajetória escolar: investimento familiar e determinação de classe **Educação e Sociedade** v. 19, n.62, p. 31-63, 1998.

DUTRA, Emília. Entre versos e prosas, gênero, educação e música. Experiência etnográfica nas oficinas do Projeto Papo Sério. **Caderno NIGS**. UFSC-Florianópolis, 2016.

FORQUIN, Jean-Claude. Sociologia das desigualdades de acesso à educação: Principais orientações, principais resultados desde 1965 In: FORQUIN, Jean-Claude. (Org.) **Sociologia da Educação — Dez Anos de Pesquisa**, Petrópolis: Vozes, p. 19-79, 1995.

FRANCHI, Silvester; GÜNTHER, Maria Cecília Camargo. Juvenilização da EJA: repercussões na Educação Física. In: **Motrivivência**. Florianópolis, 30. v., n. 53, p. 209-225, maio., 2018.

GARTMAN, David. The strength of weak programs in cultural sociology: A critique of Alexander's critique of Bourdieu **Theory and Society** n.36, p. 381-413, 2007.

GOMES, Nilma Lino. Educação de jovens e adultos e questão racial: algumas reflexões iniciais. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino (Org.). **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 87-104, 2005.

GOFFMAN, Erving. On cooling the mark out: Some aspects of adaptation to failure
Psychiatry, v. 15 n. 4, p. 451–463, 1952.

IANNI, Octavio. *Teorias da globalização*. 4ª ed., Rio de Janeiro, **Civilização Brasileira**, 1997.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia nas Escolas: um problema de todos. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade Sexual na Educação: problematização sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Unesco, p. 13-51, 2009.

KUENZER, Acácia Zenaida. **As propostas de decreto para a regulamentação do Ensino Médio e da Educação Profissional: uma análise crítica**. Curitiba: [s. ed.], 2004.

KUHN, Thomas S. **The Structure of Scientific Revolutions** Chicago and London: University of Chicago Press 1970.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares: razões do improvável**. São Paulo: Editora Ática, 1997.

LAREAU, Annette. *Unequal Childhoods: Class, Race and Family Life* Berkeley: University of California Press, 2003.

LOPES, Selva Paraguassu. **EJA: Uma Educação Possível ou uma Mera Utopia?** Universidade Internacional de Lisboa, 2010.

MACHADO, João Luís de Almeida. Diretrizes curriculares nacionais para EJA e a BNCC. **Planeta Educação**, 2018. Disponível em:
<https://www.plannetaeducacao.com.br/portal/a/160/diretrizes-curriculares-nacionais-para-eja-e-a-bncc> Acesso: ago. 2019.

MALINOWSKY, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia**, 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

Zero Hora. **MEC decide congelar R\$ 348 milhões em compra de livros para escolas**. Porto Alegre, 7 de jun. de 2019. Disponível em:
<https://gachazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2019/08/mec-decide-congelar-r-348-milhoes-em-compra-de-livros-para-escolas-cjz1kw1u6006a01qm00pzi3s.html> Acesso: ago. de 2019.

MONEGO, Ana Claudia Silveira del. C. **Educação de Jovens e Adultos e seu Contexto Escolar**. Porto Alegre- RS – 2010.

NEVES, Clarissa Eckert Baeta *et al.* “Acesso, expansão e equidade na educação superior: novos desafios para a política educacional brasileira”. *Sociologias*, 9 (17): 124-157, 2007.

NOGUEIRA, Maria Alice. A., AGUIAR, Andréa. Estratégias educativas de grupos socialmente favorecidos: o internacional como capital. *Temas em Educação*, v. 16, p. 108-114, 2007

PESTAÑA, José L. M. *Ordre épistémologique, ordre structural et ordre historique dans Homo Academicus* In: LEBARON, Frédéric & MAUGER, Gerard. (Orgs.) **Lectures de Bourdieu** Paris: Ellipses, p. 263-277, 2012.

RIBEIRO, Carlos Antônio C. Desigualdade de Oportunidades e Resultados Educacionais no Brasil **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, v. 54, n. 1, p. 41-87, 2011.

ROMANELLI, Geraldo. Famílias de camadas médias e escolarização superior dos filhos: o estudante-trabalhador In: NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo & ZAGO, Nadir. *Família & escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares* 2 ed. Petrópolis: Vozes, p. 199-225, 2003.

SALATA, André. Ensino Superior no Brasil das últimas décadas: redução nas desigualdades de acesso? *Tempo Social*. São Paulo , v. 30, n. 2, p. 219-253, Aug. 2018 .

SAVAGE, Mike; LI, Yaojun & TAMPOBOULON, Gindo. Rethinking the politics of social capital: challenging Tocquevillian perspectives In: **Assessing Social Capital: Concepts, Policy and Practice** EDWARDS, Rosalind., FRANKLIN, Jane & HOLLAND, Janet. (Orgs.) Cambridge Scholars Press: Cambridge, 2007, p. 70-94, 2007.

SAVIANI, Demerval. **Escola e democracia**. 39ª. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1983.

_____. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 3º ed rev. Campinas, SP: Autores Associados. Coleção memória da educação, 2010.

SILVA, Jaílson. **Por que uns e não outros? Caminhada de jovens pobres para a Universidade**. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2003.

SILVA, Natalino Neves da. **Juventude negra na EJA: o direito à diferença**. Belo Horizonte: Mazza, 2010.

SILVA, Tatiana Dias. (2018). Ação afirmativa para ingresso de negros no Ensino Superior: formação multinível da agenda governamental. **Revista Do Serviço Público**, 69(2), 8-35, 2018.

THOMPSON, Paul. Women, men and transgenerational family influences in social mobility In: BERTAUX, Daniel & THOMPSON, Paul. (Orgs.) **Pathways to Social Class: a qualitative approach to social mobility** New Brunswick & London: Transaction Publisher, p. 32-61, 2007.

WACQUANT, Lóïc. Habitus as Topic and Tool: Reflections on Becoming a Prizefighter **Qualitative Research in Psychology**, n.8, p. 81-92, 2011.

WEBER, Max. **A “objetividade” do conhecimento nas ciências sociais** São Paulo: Ática, 2006.

_____. The Chinese Literati *In*: GERTH, Hans; WRIGHT-MILLS, Charles. **From Max Weber: Essays in Sociology** New York, Routledge, p. 416-445, 1970.

WILLIS, Paul. **Aprendendo a ser trabalhador: escola, resistência e reprodução social** Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no Ensino Superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 32, p.226-237, 2006.

APÊNDICE A

ENTREVISTAS

Entrevista com o estudante Moisés:

Oi Moisés! Como está a vida depois da aprovação no vestibular?

_ Oi professor! Está tudo ótimo, tenho tanta coisa para estudar que não sei nem por onde começar, sorte que sou bem organizado. As aulas já começaram lá na “facul”, o material está disponível no sistema, tem uma disciplina que fala sobre sociedade e essas coisas, lembrei de você.

Qual disciplina? E como você está conciliando com o trabalho?

_ Ética no T.I., algo assim, agora não me lembro direito, mas é de Ética. As discussões são bem legais, eu li algo sobre os códigos preconceituosos e achei bem interessante. E ah! Sobre o trabalho tá tranquilo, geralmente eu estudo aos finais de semana.

E porque você decidiu cursar T.I.?

_ Não foi eu que escolhi, foi a informática que me salvou professor, e eu só percebi isso depois, se não fosse o cursinho e horas que eu passava lá dentro do laboratório arrumando os “pcs” eu estaria na rua vendendo droga.

_ Várias crianças da igreja que eu frequentava começaram a fazer o curso de informática no centro comunitário de Forquilha, tinha até fila de espera! Frequentei o curso durante 2 anos, depois sortearam uma bolsa para o cursinho de técnico de informática, eu nem sabia o que isso significava direito só sei que eu consegui. E dos 12 anos em diante não parei mais, foram 2 anos de cursinho todas as tardes, depois de lá já comecei a trabalhar. Trabalhei em uma assistência técnica no centro do bairro, depois trabalhei 4 anos em outra no centro de Florianópolis.

_ Quando comecei a trabalhar em Floripa, meus contatos aumentaram e foi aí que o negócio aconteceu, conheci meu atual sócio e montamos o escritório de suporte aos clientes, prestamos assistências a várias empresas, atendemos até mercado grande aqui na região.

Alguém da tua família tem ensino superior?

_ Não professor, por enquanto só eu. Quero que minha esposa e minha irmã menor façam, e claro que meu futuro filho vai fazer também, sem dúvidas. (risadas). Meus pais tem somente o ensino fundamental como você já sabe, meu irmão mais velho trabalha

com construção civil, se deu bem na vida, tem carro, casa, mas também não tem estudos, terminou o ensino médio no CEJA de Biguaçu.

_ Eu sempre fui o mais ligado aos livros lá de casa, foi algo autodidata, porque se eu dependesse de alguém para aprender, além dos professores quero dizer, ainda mais lá do bairro onde nasci, minha única chance seria vender droga ou fazer besteira.

E porque decidiu cursar em uma universidade particular?

_ Eu escolhi pela universidade particular porque é mais rápido, em 3 anos eu já tenho meu diploma, na UFSC eu acho que uns 5 anos né? Além de que tem muita matéria integral, e é quase impossível eu estudar no horário comercial.

_ Eu lembro que o professor me explicou sobre as faculdades aqui da região, tem uma municipal, acho que é a USJ, né? Tem ou vai abrir o curso de Tecnologias da Informação (TI), mas eu não fui atrás pois não tinha certeza se já tinham aberto.

_ Me matriculei na faculdade, fiz o vestibular em casa mesmo, tive que fazer uma redação de 30 linhas falando sobre a tecnologia na atualidade, gostei bastante do texto pareciam as discussões que tínhamos nas aulas de Sociologia e 1 semana depois veio o resultado, APROVADO.

_ Foi um sonho realizado, passou um filme na cabeça sabe? Aquela criança humilde e bem pobre estava entrando na faculdade, achei que era impossível professor. Mesmo sendo na particular, quem faz a faculdade é o aluno, serei o melhor da turma e quem sabe melhor que muito aluno da federal (risos).

E como surgiu a vontade de entrar na universidade?

_ Eu sempre quis professor, admito que quando abandonei a escola, foi um período conturbado pra mim. Mas a faculdade foi algo que sempre esteve nos meus planos.

_ Fui uma criança muito estudiosa, sempre tirei boas notas, adoro estudar e ler. Adorava a biblioteca da escola e da igreja principalmente.

_ Foi na igreja que também tive contato com pessoas que tinham faculdade, minha mãe uma empregada doméstica sem ensino fundamental completo e os pais dos meus amigos da igreja com faculdade. Acho que foi isso que também me impulsionou em continuar os estudos, como abandonei a escola por “bobeira”, não aguentei trabalhar e estudar, mesmo que a minha rotina seja dentro da assistência técnica, é uma correria, tenho que atender cliente, organizar o administrativo e o principal arrumar os problemas...”

E o retorno para o CEJA, como funcionou?

_ Um dia eu estava na célula – reunião semanal – e o meu líder virou pra mim e falou, Moisés o que falta pra você terminar os estudos? Eu parei, pensei e respondi: Vergonha na cara! E todo mundo começou a rir, no outro dia acordei, liguei para o CEJA e fui atrás das informações sobre a matrícula.

_ O chato mesmo foi achar meu histórico escolar, a escola municipal que estudei já nem existe mais, os papéis foram transferidos todos para outra escola, tive que ir na prefeitura de palhoça atrás dessas informações, isso demorou uns 15 dias.

_ Eu fiquei 8 anos afastado da escola professor! 8 anos! Imagina o “buraco” que isso fez na minha cabeça, sorte que eu sempre estudei durante este período. Quando voltei para o CEJA eu estava me tremendo, no primeiro dia mesmo eu achei que ia passar mal. Mas fiquei tão feliz com aquelas informações, discussões e colegas principalmente.

Como foi a escola que você estudou?

_ A escola em que estudei durante a infância era muito pobre professor, não tinha nem banheiro direito, era um para todo mundo, acho que até os professores usavam o mesmo, que vergonha.

Vocês usavam livros?

_ Acho que nem tínhamos livros, ao menos não lembro, tenho uma breve memória de livros infantis na escolinha, mas assim durante o Ensino Fundamental, aqueles livros que as crianças hoje em dia usam, não lembro não, se tinha ao menos não usávamos.

_ Eu lembro quando recebi meu primeiro livro, ele veio novinho, tinha cheiro de novo, hoje em dia a gente continua em uma escola precária, ao menos eu valorizo a informação que a gente estuda.

_ Obvio que a escola de um cara que veio da elite é totalmente diferente da nossa, e eu acho que a minha função é lutar por essa mudança também, que meu filho estude em uma escola pública melhor.

E como você estudou?

_ Eu usei bastante materiais online professor, tem um cursinho que tem os vídeos disponíveis no youtube que eu gosto bastante, também pedi algumas indicações para vocês professores. Mas, a maioria foi tudo pela internet mesmo, colocava lá material para o ENEM apareciam várias sites, tem bastante coisa boa, bem resumida.

_ Eu dedicava um final de semana por material, como os vídeos do cursinho são por ordem de conteúdo, eu colocava o play em cada matéria e durava o dia todo, igual um cursinho mesmo, tinha dias que eu começava cedo e ia até a noite, ficava muito cansado de tanto estudar..

Você considera que alguém te influenciou?

_ Tantas pessoas professores, acho que de criança a primeira influência foi dentro da igreja, quando soube o que era faculdade. Depois foi no trabalho quando fui trabalhar no centro de Floripa, meus colegas faziam faculdade, e eu morria de vontade de fazer também.

_ Depois do trabalho teve os professores aqui do CEJA que aproximaram meu sonho da realidade, foi aqui no CEJA que comecei a perceber que meu sonho poderia mesmo se tornar real.

Como você considera que está sendo esta experiência na universidade?

_ De experiência só coisas boas! Tô com um pouco de medo, acho que é normal né? Mas de resto é só felicidade. Não vejo a hora de me formar para colocar o diploma na minha parede, tipo quadro sabe? Acho tão bonito quem faz isso, é um orgulho.

Quais suas expectativas após concluir a graduação?

_ Abrir um aplicativo professor, ainda não sei qual área específica, mas eu quero ser CEO de um app. Primeiro quero trabalhar em alguma startup aqui na região mesmo, pra ganhar conhecimento e entrar no “meio das pessoas”, a nossa região é destaque nacional em empresas de T.I., tem uma incubadora bem famosa aqui na grande Florianópolis, meu sonho é trabalhar com esse pessoal.

Entrevista com a estudante Larissa:

Como está a vida de aprovada?

_ Oi professor a vida está ótima, não preciso mais me preocupar com a escola, a preocupação agora é outra, faculdade e tal, tô adulta né? (risos)

Está trabalhando ainda?

_ Estou sim, eu adoro as crianças não pretendo sair tão cedo, Só se for pra assumir como professor lá na creche. É uma correria, mas eu adoro né, esses dias surgiu uma proposta de estagiar em uma escola maior, mas fiquei com medo, sou amiga da minha chefe e tudo, tenho meus privilégios lá com ela.

Porque pedagogia?

- Resolvi fazer pedagogia pois sempre gostei de criança, tenho uma afilhada de 2 anos e desde quando ela nasceu senti que devia trabalhar com isso, vejo todas as dificuldades que a minha cunhada tem para cuidar da minha afilhada e por isso resolvi fazer pedagogia para ajudar essas mães que deixam os filhos nas creches e tem que trabalhar, eu nunca me imaginei trabalhando com crianças sabe professor, mas de um tempo pra

cá vi essa oportunidade e me apaixonei. Eu achava que a minha paixão por crianças significava que eu tinha que ser mãe, mas descobri que posso ganhar dinheiro com isso também, (risos).

Alguém da tua família tem ensino superior?

_ Meu irmão fez e minha cunhada tem faculdade, eles foram os primeiros, ele fez “adm” e ela pedagogia, agora eu sou a segunda, minha prima também começou a cursar enfermagem, somente minha mãe tem ensino básico completo, acho que meu pai parou no quarto ano do fundamental.

Porque decidiu cursar o CEJA?

_ A escola foi um período muito ruim pra mim, eu me sentia desconfortável naquele ambiente, ainda mais que eu não gostava do meu corpo e muito menos meus coleguinhas também, eles eram muito maldosos comigo. Hoje em dia que trabalho na creche e estudo psicologia (risos), sei que não era maldade, que as crianças são reflexo de uma discussão bem maior, por causa dos pais...

_ Acho que todos esses fatores também foram motivos para eu abandonar a escola. Eu cheguei a pensar no ENCEJA, mas era muito arriscado, eu iria fazer o vestibular sem saber de nada. Mas enfim, tenho um primo que já fez o CEJA, também reprovou no Ensino Médio, e eu ficava com uma menina que estudava aqui também, morria de vergonha de encontrar com ela, sorte que nunca encontrei. Quando eu tive a notícia que fui reprovada pensei no CEJA na hora.

Como foi o sua experiência escolar?

_ Eu tinha poucos amigos na escola, até hoje não sou de muitos amigos, sempre andei com os nerds, gays e os gordos, e na verdade, sempre fomos os mais descolados (mais risadas) ... foi somente quando entrei na igreja com 15 anos que a situação mudou, comecei a fazer amigos da minha mesma idade, a maioria não me julgava como eu era, obvio que tem gente maldosa dentro da igreja também professor, mas lá eu me sentia mais segura pra enfrentar sabe, porque tinha mais gente me apoiando... depois que a igreja me criou forças para seguir em diante foi a comunidade LGBT que me abraçou, hoje em dia meus amigos são todos gays, afinal eu também sou, e me sinto tão bem entre eles e nos lugares que frequento, que não sinto mais o bullying diretamente, as vezes até vejo uns olhares mas sou poderosa e nem ligo (gargalhada).

_ Na escola de onde eu vim era bem comum todos os alunos fazer alguma faculdade depois de terminar tudo, então eu mais ou menos sabia que ia fazer algo, mas não sabia qual curso. Quando rodei no primeiro ano foi um pouco de susto, achei que esse sonho

seria adiado por um tempo, mas sorte que descobri Deus e voltei pro caminho certinho professor, voltei pro CEJA, terminei tudo e consegui. Como eu perdi o ENEM, pois a inscrição foi em maio do ano passado e as nossas aulas de sociologia não tinham começado ainda, acabei procurando pelas universidades mais perto aqui da minha casa, pesquise o curso de pedagogia em todas UFSC, UDESC, USJ e na FMP, me inscrevi na FMP e na USJ, pois as duas tinham uma porcentagem das vagas destinada a moradores de São Jose ou Palhoça, mas como a prova da FMP foi primeiro e o resultado saiu antes do próximo vestibular o da USJ, acabei nem indo fazer a prova da USJ. Lembro que depois que saí do vestibular chamei o “prof” no insta e falei da prova, que tava difícil e tals, fiquei com medo, mas graças a Deus eu passei, lembro que chorei demais, foi uma emoção muito grande, minha mãe também chorou, quando eu vi o resultado foi uma gritaria aqui em casa. Sou a primeira da família a estudar em uma universidade pública!

Quais materiais você utilizou?

_ Geralmente estudava pelos vídeos do youtube professor, tem muito videoaula boa por lá. Eu não sou muito de ler longos textos, até gosto de ler livro de ficção, tirinhas, coisas assim, mas conteúdo escolar e agora acadêmico, é muito difícil (risos). Na segunda página eu já estou perdida e com o pensamento lá longe.

_ Tem um podcast que eu também gosto de escutar, que fala bastante sobre o vestibular, mas como é áudio as vezes eu prefiro ser mais visual mesmo.

Está “curtindo” o curso, o que pensa em fazer depois?

_ Não sei professor, eu fiz o vestibular pensando em trabalhar com crianças, o senhor sabe que antes de começar a faculdade eu já trabalhava em creche né, achei que ia fazer pedagogia pra continuar trabalhando com isso, virar professora do infantil quem sabe. Mas agora que as aulas começaram começou a surgir outros locais em que nunca imaginei trabalhar, até dentro de uma empresa eu posso trabalhar sabe professor? Então por enquanto vou ficar na creche, ganhar experiência pra depois quem sabe começar dar aula na prefeitura, para as crianças. Acho que seria uma professora legal, eu tenho jeito com isso então me daria bem, já sonhei assim em abrir uma creche ou uma escolinha, mas é um trabalho tão grande que prefiro trabalhar na prefeitura, o salário é bom.

Entrevista com a estudante Grazy:

Como está a “vida” na faculdade?

_ Oi professor, está um caos, tanto material para ler que eu nem sei por onde começar. Aonde que me meti? Imagina eu perdida, a maioria só branco “filhinho de papai” e eu lá, acho até engraçado, eu sou muito corajosa mesmo né? (risos).

E o trabalho? Tá conseguindo combinar os dois?

_ Estou sim professor, trabalho sempre em primeiro lugar né. Geralmente eu estudo aos finais de semana, as aulas são presenciais. Neste primeiro semestre é obrigado a assistir todas as aulas, a partir do próximo posso fazer poucas disciplinas por vez, acho que vou dar uma diminuída para não ficar tão pesado no futuro, se já tá “pesadinho” agra, imagina no futuro?

E o ativismo?

_ Nunca abandono né prof, a minha comunidade aqui precisa de mim. Eu não faço para ser conhecida, faço porque gosto, hoje mesmo estava fazendo uns “corres” para os moradores da rua lá da baixada, eles estão sema água faz 2 dias e a CASAN não faz nada. Por isso que eu não posso abandonar o ativismo, se não fosse eu, quem faria algo por eles? Se eu ligando todos os dias eles já não fazem nada.

_ Eu adoro lutar pelos meus direitos e pelos direitos dos outros também, desteto ver alguma coisa errada, alguém sofrendo, já quero me meter e resolver. acho que era pra eu ser advogada né? (risos)

Quem te influenciou?

_ Fazer faculdade foi algo que eu sempre tive vontade, eu admirava desde criança as pessoas que estudavam bastante, coisa que era impossível na minha família, os professores também foram minha aspiração, depois que voltei a fazer o CEJA do município comecei a enxergar outras possibilidades, por incentivo de uma professora comecei a me ligar com o conselho comunitário que inclusive as reuniões são aqui no mesmo prédio, entendi que podia reivindicar coisas melhores pra nós alunos e pra comunidade sabe, e quanto mais eu ficava inserida nesse meio, tinha mais certeza que precisava terminar os estudos e fazer a faculdade, quando entrei para o sindicato daí sim, tive a certeza que precisava fazer isso.

E a questão Racial, por que você considera importante?

_ Poxa professor eu sou Negra, lésbica e pobre, quer mais o que? Sou o preconceito ambulante, aonde eu vou as pessoas me olham estranho, já começa porque uso roupas que não são tão femininas, o senhor percebe né? Então, esse já é o primeiro choque.

_ Sempre aonde eu estiver eu vou ter que carregar a questão racial comigo, pois aonde eu estiver existirão olhadores maldosos, então é meu escudo, é a minha luta diária.

Por que decidiu este curso?

_ Oi professor, resolvi cursar Administração Pública porque sempre estive ligada as questões do bairro, nasci em uma comunidade pobre e sempre presenciei a necessidade de todos ao meu redor, cuidar de mim e deles foi a única opção. Desde a escola eu participei do grêmio estudantil, conselho comunitário do bairro, acho que “isso” veio da minha vó sabe, ela foi uma mulher muito batalhadora, sempre foi bem ativa no conselho comunitário, a faculdade administração foi um curso que eu sempre quis fazer, pois é algo que eu posso usar na minha vida toda, e quando descobri através de um amigo do sindicato que existia administração pública na UDESC percebi que era o curso que eu precisava fazer pois ligava com as questões que eu preciso.

Como foi a escola que você estudou?

_ Na verdade foram as escolas né! (risadas) foram várias, acho que 3, no infantil estudei aqui no bairro onde reprovei duas vezes, no Médio fui estudar no “Forquilhão” e reprovei mais duas vezes. Depois entrei no CEJA, abandonei e agora voltei de novo. Quando eu era criança eu não gostava das professoras mesmo, eu era pior que os moleques “nóias” aqui do bairro, eu aprontava muito, igual aos meninos, daí quando para o médio, nem para aula eu ia direito, minha mãe trabalhava o dia inteiro e não tinha como me controlar.

_ Foi quando tentei voltar para o CEJA mas era lá no centro de Floripa, daí quando saía do trabalho ia até o centro e depois das 10 voltava até aqui no Cenirol, não deu né professor, fiquei só 3 meses, foi quando abriu uma turma aqui no bairro que ficou mais fácil pra todo mundo, se não fosse esse CEJA daqui, a maioria não teria voltado pra escola.

Como foi o retorno para o CEJA?

_ Nunca “curti” andar com esses moleques “nóias” aqui do bairro, pra mim eles só querem saber de bandidagem, drogas, alguns são até metidos com o tráfico, mas não vou ficar falando muito aqui por que o senhor sabe como é, né? (silêncio e depois uma risada).

_ não vou mentir que eu era uma santa durante a adolescência, aprontei muito abandonei a escola, já fui bem “despirocada” igual os “nóias” aqui da rua. A questão é que eu acordei, a escola fez eu acordar. Somente aqueles meninos que sempre agitam a nossa turma, que andam ainda com os “casqueiros”, o restante da sala desaprova.

_ Como eu disse antes eu já sabia que queria fazer a faculdade, mas o senhor foi uma das pessoas que me apresentou as formas como eu podia entrar na faculdade, me

explicou sobre o ENEM, as cotas, coisa que eu era contra, eu era muito burra e achava que era uma esmola pra nós negros, hoje eu entendo a importância e necessidade disso, sou a prova viva, quando descobri o ENEM, e os vestibulares, principalmente das faculdades públicas, por que a gente conversava muito sobre isso em nossas aulas, eu decidi o curso, procurei as datas do vestibular da UDESC e fiz a prova, foi bem difícil sabe, a primeira prova eu senti mais dificuldade nas matemáticas, já na segunda prova, a específica, eu “tremi na base” mas consegui.

_ Tem gente aqui do bairro que não olha mais na minha cara depois que eu comecei a estudar, acham que eu fiquei metida. Vê se pode? Acho que porque eu comecei a frequentar lugar de gente rica eles acham que eu tô agindo igual a eles, talvez até seja, não vejo mais graça na diversão deles.

Como você estudou para o vestibular?

_ Olha professor, eu nunca tive o costume de abrir os livros não! Eu acho lindo quem fica horas debruçado em cima de um livro, lendo aquelas histórias, pode até ser conteúdo escolar, eu não gosto, parece que 5 minutos depois eu já estou bem longe distante, pensando em outra coisa... Eu estudei tudinho pelo youtube, obvio que os professores e a escola me ajudou muito, na base sabe, mas o que me preparou mesmo foram os vídeos que estudei, joguei lá cursinho vestibular e fui escolhendo as aulas.

E qual foi seu critério de escolha das aulas Grazy?

_ Eu só escolhia aula legal (risos), ou de assuntos que eu gostava. Pô professor, já é chato estudar de casa imagina algo que não gosto, daí é forçar demais! Eu escolhia as aulas de uma professora bonitinha era geografia eu acho, e ficava horas prestando atenção nela. (mais risada)

Alguém da tua família tem ensino superior?

_ Não, sou a primeira, na verdade tenho uma prima irmã, filha de um tio meu de Curitiba que tem faculdade, esse meu tio tem dinheiro e conseguiu pagar para a filha, mas como a gente não é próxima eu nem considero que seja da família mais próxima aqui da região sabe, por isso que eu bato no peito com orgulho que sou a primeira da família que faz faculdade, pública ainda, não é qualquer um que entra lá não, tem que ser crânio. Tô brincando professor, mas é que é tão difícil as coisas lá na faculdade que tem que ser muito inteligente pra entender.

_ A filha do meu tio que fez faculdade também estudou em uma federal, ela não é mais a única viu? (risos) Tenho umas colegas de trabalho que fazem “facul” a distância, mas essa não é pra mim sabe? Imagina eu estudando de casa? Cheio de criança gritando,

impossível. Essa facul delas é a mesma daquela que vieram aqui na escola fazer o vestibular, 300 “conto” a mensalidade e ainda não tinha o curso que eu queria.

Está gostando do curso?

_ Olha professor até o ano passado a UDESC era um lugar quase impossível pra mim, foi o senhor e os outros professores que me incentivaram a fazer o vestibular. Eu só passava lá na universidade para recolher o lixo quando eu era Margarida, agora eu entro com meu carro e como estudante. Entrei por cotas né? Mas e daí? O importante é que estou lá, e é pra ficar, aquele lugar meche muito comigo, fico ansiosa, feliz, desesperada, tudo ao mesmo tempo, nunca me sentia assim fazia tempo.

Como você se vê no futuro?

_ O senhor sabe que meu sonho é ser vereadora né professor? Sabe sim, já contei isso para o senhor, mas antes quero aprender bastante no sindicato, criar muita experiência, como funciona as questões políticas na prática, pra depois entrar nesse ramo, tô aprendendo aos poucos, esse mundo da faculdade, do sindicato e da política, é algo muito novo pra mim, me sinto tão confortável e tudo cresceu tão rápido que até eu me assusto as vezes, é tanta gente dependendo de mim, me procurando, desde os parceiros da COMCAP, moradores do bairro, que cada vez mais eu sinto que minha obrigação, quase uma missão aqui na terra, é retribuir e fazer de tudo por essa gente.

Entrevista com o estudante Rubens:

Como está a vida?

_ Bom dia professor, está tranquila, trabalhando bastante, agora estou com novos projetos, estou procurando uma sala comercial para lugar, meu sócio e eu vamos abrir uma estética automotiva.

Ah que legal! Quais serviços vocês vão oferecer?

_ Todos de embelezamento de carro, lavação, polimento, lavação à seco, hidratação de banco de couro, das partes plásticas. De tudo professor, não sei se o senhor sabe, mas o plástico do carro tem que ser hidratado, se não ele fica branco, racha e quebra, quando o senhor quiser levar o carro do senhor lá, vou dar um descontinho (risos).

Pode deixar, vou levar mesmo. Mudando de assunto quero te fazer uma pergunta, como foi o vestibular?

_ Vish professor foi péssimo, cheguei lá, não sabia de nada, começou tudo a embaralhar na minha cabeça, tava calor, eu tava com fome, tonto, tinha meio que bebido um

pouquinho um dia anterior (risos), assinalei a maioria tudo na letra “D” de Deus e fui embora.

Você não estudou?

_ Ah professor, estudei um pouco e tal, assisti uns vídeos no youtube, é que quando chega lá na hora o negócio é diferente, o que parece fácil fica difícil. A redação então, mínimo de 30 linhas, e eu lá tenho assunto pra isso?

_ Vou estudar para ganhar mais dinheiro e cliente, isso sim!

Qual curso de qual faculdade você tentou?

_ Eu queria administração mesmo, só que com bolsa. A mensalidade do presencial custa 600 reais por mês, é muito caro! Queria uma bolsa de 50%, pagar 300 já é muito pra mim.

_ Eu tentei na Unisul aqui da Pedra Branca, é a mais perto de casa.

Como foi seu passado escolar?

_ Olha professor assumo que não fiz um dos melhores, fui uma criança que aprontava bastante, as vezes apronto até hoje (risos). Mas na escola eu reprovei eu acho que todos os anos. Não, acho que a partir do 3º ano eu reprovei em todos, chegou uma época que as professoras me passavam por pena mesmo. Eu já sabia que ia reprovar, mas ia pra aula mesmo assim. Quando eu fiz 15 anos eu entrei para o CEJA da prefeitura, quando terminei já entrei aqui no CEJA do Ceniuro direto.

Porque você escolheu tentar o vestibular para administração?

_ Não sei professor, eu acho um trabalho legal. Lá no meu antigo trabalho eu achava “massa” as meninas do escritório, no computador, ar condicionado o dia todo. Sempre quis um cargo assim, as vezes estou todo sujo de graxa da oficina, mas também me vejo de social “na beca”.

_ E também a administração iria ajudar no meu futuro projeto, se bem que não precisa ter faculdade para abrir um negócio, quando se tem o conhecimento necessário já basta. Meu sócio é muito aplicado nisso, ele tem várias de planilhas e tabelas, eu não me entendo direito, as vezes não sei porque escolhi administração se acho isso tudo complicado e difícil.

Alguém te influenciou tanto a estudar quanto a abrir o negócio?

_ A minha mãe sempre me estimulou a estudar professor, coitada dela, vivia na escola por causa das minhas confusões. Chegou a quase morar lá dentro de tanto que eu aprontava.

Alguém te inspirou a fazer o vestibular?

_ Assim professor, eu nunca pensei em faculdade direito. Eu sei que queria trabalhar no escritório, mas não queria passar pela faculdade (risos). Foi mais aqui no CEJA do Ceniuro que a gente começou a conversar sobre isso, nos últimos meses que eu vi essa chance ficar mais perto. Foi a partir da visita das meninas da Anhanguera, aonde pela primeira vez pensei que poderia fazer faculdade.

E porque não tentou fazer faculdade lá?

_ Eu tentei professor (risos), mas também não ganhei o desconto que eu queria. Ganhei 20% por causa do vestibular, devo ter errado todas e ainda ganhei 20%, mas mesmo assim ainda fica caro. O curso presencial que eu queria estava 460 a mensalidade;

E o empreendimento, como surgiu esta ideia?

_ Eu trabalho em oficina desde adolescente né professor, então sempre gostei de carro. Tenho um amigo que também curte carro e tinha vontade de abrir uma loja de estética automotiva, começamos a sonhar juntos. Estamos procurando um espaço para alugar, já olhei alguns, mas não fechamos ainda.

E como você se vê no futuro?

_ Eu me vejo como um empresário. Não preciso estar rico, nem milionário, mas eu me vejo como dono do meu próprio negócio, sem ter chefe e ninguém me mandando, sabe? Imagina alguém me ligando, me cobrando, eu não iria conseguir. Então acredito que até aos 40 anos já terei 2 filhos pequenos, umas 2 ou 3 lojas de estética automotiva espalhadas por aí, daí sim vou fazer minha “facul” de administração com tempo.

Entrevista com o professor de Geografia Cleber:

Olá professor, como foram as férias?

_ E aí colega, foram ótimas deu pra descansar bastante, ah se eu pudesse ficar um ano inteiro sem fazer nada!

Vai trabalhar aonde este ano?

_ Acho que em quase todas as mesmas escolas do ano passado. Esse ano já “peguei” em algumas escolas, faltam só mais 10 horas para eu completar as 40, só não peguei o Ceniuro ainda, não sei se vou “pegar” lá esse ano.

Mudando um pouco de assunto, gostaria de saber sobre seu histórico escolar.

_ Eu tive um passado muito simples, nasci em Francisco Beltrão no Paraná e morei lá pela região até meus 20 anos. Eu fui um aluno muito dedicado, mesmo estudando em escola pública. Aos 20 passei na Universidade Federal do Paraná UFPR em Geografia, eu nem conhecia a capital direito.

_ Depois de me formar trabalhei no ensino público no Paraná, e “desci” pra Floripa. Estou há 10 anos lecionando como ACT no estado e no município.

Então você conhece bastante as escolas aqui da região?

_ Já né! Você como eu, já trabalhou em todos em CEJA´s, tem escola que tem estrutura e outras que não, algumas são não região central, e outras em bairros igual ao Cenirol, esse choque de realidades é diário.

Como foi a experiência no CEJA ano passado?

_ Foi a primeira vez que trabalhei no Cenirol, a turma de lá é incrível. Fiz amizade com todos. Eles são muito dedicados, fiquei impressionado com o número de alunos que tentou vestibular, geralmente são 1 ou 2, lá tem uns 4. Ainda mais na comunidade assim, eles são bem ativos, né?

Então, como você qualifica a turma do Cenirol?

_ Eu os acho bem dedicados. Eu entendo muito bem todos empecilhos que estes estudantes carregam, questões financeiras e sociais bem distintas. A gente como professor tem que relevar essas coisas também, né?

_ Por exemplo, desde o começo do semestre eu percebi que eles eram bem ativos. É incrível, né? Estudavam em uma sala de latão, e a maioria abandonaram a escola faz algum tempo e mesmo assim desejam tanto entrar na universidade, ou fazer curso técnico. É raro ver estudantes assim hoje em dia. O CEJA do ano passado me deixou muito feliz, espero que esse ano sejam alunos dedicados iguais ao do ano passado.

_ Alguns alunos eu tenho nas redes sociais, e sei que foram pra faculdade. Tem o Moisés e a Grazy, que já tinham uma certeza no discurso que iriam ingressar na universidade. A Larissa também entrou, né? Eu não era muito próximo dela, mas sei que ela passou para Pedagogia, achei incrível.

O Alex também passou! Ele está cursando Arquitetura.

_ O Alex? Eu não sabia! Arquitetura é a cara dele né? Mas não sabia que ele ia entrar na universidade agora, que notícia boa. Arquitetura é a cara dele, ele vai se dar bem nessa área, pois já trabalha na loja da tia com organização de festas e casamentos, acompanho ele no insta e ele monta umas decorações lindas demais, dias desse ele fez uma parede cheia de balões que era coisa de artista.

Quais materiais de ensino você utiliza com eles?

_ Eu uso bastante o livro da escola, sei que está um pouco descontextualizado, porém é uma das únicas ferramentas de fácil acesso. A secretaria disponibiliza o xerox, mas ter que ir retirar lá no CEMAJOBA fica ruim, então quando preciso pago as cópias do meu

próprio “bolso”. Mas de resto é livro, quadro e caderno mesmo. De resto a gente sempre dá jeito. (risos)

Você conversa com eles sobre os vestibulares?

_ Eu converso a todo momento sobre as universidades com os estudantes, ainda mais que pegamos uma turma que já está no final do CEJA, é mais fácil dialogar com eles sobre isso, já estão mais cientes do que querem pra vida.

_ Eu sei que a Anhanguera andou fazendo um vestibular com eles, não foi na minha aula, mas alguns fizeram, a maioria ganhou uma bolsa de 20 a 30%, mas acho que ninguém vai fazer.

_ No primeiro semestre eu converso com as turmas do CEJA em que leciono sobre os prazos do ENEM, geralmente o período de inscrição é em maio, então eu reforço as datas com os alunos. Eu lembro que a matriz as meninas da secretaria ajudavam os estudante a pedirem isenção da taxa de inscrição do ENEM, o complicado que era só pra quem estudava na matriz né, o restante dos estudantes nem sabiam desta oportunidade, quando eu comento com as turmas e vejo a surpresa deles, por causa da isenção, eu fico mais surpreso que eles pelo desconhecimento desta informação.

Sobre quais universidades e vestibulares você conversa com eles?

_ Eu os lembrei das datas de inscrição da UFSC e UDESC, expliquei a diferença entre os dois vestibulares, apresentei questões de somatória nas provas, a maioria não conhecia. E também falo sobre as universidades aqui da região, falo muito sobre a FMP pois tenho uma sobrinha que estuda lá, e é bem legal o ensino deles...

E você percebe a vontade de prolongação dos estudos nos estudantes do Ceniro?

_ Em poucos, bem poucos, a nossa turma é relativamente grande, mas assim acho bem impossível que a maioria ingresse na universidade, acho que só uns 5 no máximo. É aquela coisa, do “tão perto, mas tão longe” eu vim de longe para estudar na UFSC, as vezes para mim que morava há quase 500km daqui é mais real do que para eles que moram nem 15km de uma das melhores universidades do Brasil e até do mundo.

Entrevista com o professora de Português Vanessa:

Oi Vanessa, tudo bem? Como foi de férias, descansou?

_ Oi Helton, tudo bem comigo sim e contigo? As minhas férias foram bem tranquilas, descansei bastante, fui na praia quase todos os dias. Minha sogra tem casa em Governador Celso Ramos, me marido e eu ficamos lá 1 mês direto, estou bronzeadas.

Aonde que você vai trabalhar este ano?

_ Eu “peguei” 20 horas no Ensino Fundamental na prefeitura de São José. Não consegui nada no CEJA por enquanto, estou esperando abrir mais turmas e esperar a nova chamada de vagas.

Mudando de assunto, aonde que você fez faculdade?

_ Eu estudei em uma universidade particular em Jaraguá do Sul, faz 20 anos já, a faculdade nem existe mais. Eu fiz na época Letras Português / Inglês, hoje em dia nem existe mais essa Licenciatura dupla.

E a educação básica Vanessa, você estudou em Jaraguá também?

_ Não. Eu sou da serra, fui pra Jaraguá por causa do meu marido, eu casei muito cedo, com 19 anos. Eu nasci em São Joaquim, na serra catarinense, casei e meu marido foi trabalhar em Jaraguá do Sul como disse. Eu fiz toda educação em uma escola particular, eu era de família simples, mas estudei no particular, notas boas, era exemplo para as irmãs mais novas.

_ Quando cheguei em Jaraguá do Sul, já grávida, bem louca, entrei na faculdade, e não pedi licença maternidade durante a faculdade. Eu estava quase ganhando, os professores mandando eu ir embora, e lá estava eu estudando. Me formei o Gael tinha 3 anos, sorte que não parei, acho que não voltaria mais, arranjaria desculpas por causa da maternidade. Assumo que não foi fácil, foi bem difícil, mas a gente consegue.

Você tem contato com os alunos do CEJA ainda?

_ Eu tenho a Larissa e o Alex no insta, eu gosto bastante dos dois. Acho que eles se ajudam bastante né? Os dois se entendem. O restante eu não sou tão próximo, ah! Tem a Grazy que eu adoro, essa menina vai longe, tem um discurso político, de mudança, com certeza vai ser alguma liderança. Eu até me emociono em saber que ela está cursando administração pública e na UDESC.

Como você qualifica a turma do Ceniros?

_ Eles são ótimos, já tive experiência “pesada”. Os meninos do Ceniros são uns “anjos”, comportados, obedientes, a turma é muito dedicada. Desde o começo do semestre eles sempre se ajudando, percebi que são unidos.

_ Um dia no grupo de WhatsApp da turma o Valdecir mandou um áudio de 3 minutos explicando a matéria para a Lorena, achei tão bonito, ele parar as coisas que está fazendo para explicar uma dúvida de uma colega. Ainda mais que a Lorena é uma senhora, tem dificuldade com algumas coisas.

Experiência “pesada”, como assim?

_ Eu dei aula na “penita” – penitenciária – por 2 anos. Os alunos são uns amores, me tratam super bem. Só uma vez que teve uma rebelião e cancelaram a aula, mas é bem raro acontecer.

Você conversa com os estudantes do CEJA sobre os vestibulares?

_ Converso sim, eu geralmente lembro das datas de inscrição do ENEM, da UFSC. Esse ano foram 3 estudantes que estão na faculdade, achei um número bem alto para o Ceniro. Acho isso algo que não dá mais pra definir, porque às vezes em uma turma da matriz aonde a gente acha, ao menos o senso comum, que os estudantes pelo fato de estudarem na região central são mais “instruídos”, não significa que vão fazer vestibular.

Você já conversou sobre a FMP e a USJ?

_ Nunca, nem lembrei delas. Não sei todos os cursos que elas oferecem.

E por fim, você percebe o discurso de prolongação de ensino nos estudantes?

_ Hm, sim e não. Em alguns estudantes eu percebo que eles querem mudar, buscam a mudança sabe? O Vitor, o Moisés, me buscam no intervalo, perguntam sobre o assunto, eu vejo que eles querem aprender. Já outros alunos não, eu sei que são aplicados, sei que tem potencial para entrar em uma universidade, alguns até querem, mas não vão porque não se dedicam o suficiente. Não estou duvidando do potencial deles, mas é que para ser um bom profissional hoje em dia precisa de dedicação.

_ O bom é que todos ainda são jovens, ao menos tem menos de 40 anos eu acho, eles conseguem ainda mudar a sua trajetória e dos seus parentes e amigos. Eu ainda vejo luz neles, eu não canso.

APÊNDICE B

QUESTIONÁRIOS

Questionário realizado com os estudantes do CEJA de São José.

Parte I – Sobre a escola, coordenação, professores e aulas.

1. Em sua opinião, qual o grau de importância da escola?
 (28) Muito importante () Pouco importante
 (2) Importante () Nada importante
 () Razoavelmente importante
 Por quê? Conhecimento (4), uma vida melhor (4), trabalho(4), crescer (3).

2. Por que você escolheu esta escola?
 (26) Pela localização (2) Indicação de amigos
 () Escolha dos pais/responsáveis (2) Qualidade da escola

3. Como você classifica a sua Escola?
 (9) Ótima (4) Ruim
 (12) Boa () Péssima
 (6) Razoável
 Por que? Reforma nunca acaba (4) O container é quente (4) Gosto dos colegas (3), localização (3), funcionários dedicados (2).

4. Quando você precisa de algo relativo à documentação escolar, para quem você se dirige?
 (25) Ao responsável do CEJA na minha escola () À matriz
 ((5) Ao professor

5. Como você considera sua participação nas aulas?
 (15) Ótimo () Ruim
 (8) Bom () Péssimo
 (7) Regular

6. Alguma dinâmica fez você ter mais vontade de participar das aulas? (Pode marcar mais de um).
 (9) Aula expositiva (16) Discussão sobre as músicas
 (10) Discussão sobre os vídeos () Relatório de aula
 (12) Dinâmica (18) Debate

7. Como você considera a clareza das explicações dos professores?
 (14) Ótima () Ruim
 (9) Boa () Péssima
 (6) Regular
 Por que? Depende da disciplina (5), a maioria são bons (5), tem somente um ruim (4), eu não entendo o que alguns falam (1).

8. Como você avalia a abertura para diálogo dos professores (disposição para tirar dúvidas e ouvir seus comentários)?

- (15) Ótima () Ruim
 (10) Boa () Péssima
 (5) Regular

9. Que recursos tornam as aulas mais interessantes? (Pode assinalar mais de uma alternativa.)

- (4) Livro didático (6) Textos literários
 () Quadro e giz (8) Teatro
 (9) Biblioteca (8) Oficinas
 (20) Filmes (21) Saídas de estudo / passeios
 (18) Música escolares
 (21) Sala de informática (19) Debates
 (pesquisa *online*) (16) Data show
 (12) Trabalho em grupo
 Outros: baile funk (2)

10. O que você acha dos métodos avaliativos dos professores?

- (16) Ótimos () Ruins
 (9) Bons () Péssimos
 (6) Regulares

Por que? A prova de um determinado professor é diferente do que ele explica em aula (10), não gosto de prova (5), prefiro apresentação (4).

11. Como você estuda para as avaliações escolares: (Pode assinalar mais de uma alternativa.)

- (12) Sites da internet (11) Anotações no caderno
 (5) Livro didático (4) Não estudo / sem tempo
 (15) Youtube

12. Qual dos meios citados você acredita que tem mais facilidade para aprender? (Pode assinalar mais de uma alternativa.)

- (14) Aula (9) Youtube
 (8) Sites da internet (17) Anotações no caderno
 (10) Livro didático (4) Não estudo / sem tempo

13. De qual das atividades realizadas você mais gostou e de qual você menos gostou?

Mais gostaram: Caminhada dos privilégios (10) júri simulado (10) debates (7) apresentação de música (6) maquete (5), apresentação (3). Menos gostaram: prova (15) apresentação (5) maquete (2).

Parte II – Perfil socioeconômico e cultural

14. Qual a sua idade?

- (8) 18 a 25 anos (4) 40 a 50 anos
 (8) 25 a 30 anos (2) a cima de 50 anos
 (8) 30 a 40 anos

- 15.** Há quantos anos você estava afastado da escola?
 (8) Migrei direto do Ensino Regular (7) 3 a 5 anos
 (8) 1 a 2 anos (4) 5 a 10 anos
 (3) mais de 10 anos
- 16.** Por que você está cursando/retornou ao Ensino Médio?
 (12) Melhor colocação no mercado de trabalho (6) Gosto de estudar
 (8) Para prestar vestibular (4) Meu trabalho exige o diploma
- 17.** Você pretende cursar o Ensino Superior ou Técnico? (20) sim (10) não
 Por quê? Vida melhor (14) Melhor emprego (13) Conhecimento (11) Especialização (9) dinheiro (9) casa própria (3).
- 18.** Se sim, que curso pretende fazer? Direito (4) Engenharia Mecânica (3) Pedagogia (3) Técnico em Enfermagem (2) Arquiteto (2) Engenharia de Materiais (2) Medicina (1) Odontologia (1).
- 19.** Em qual Universidade? Não sei (5), Anhanguera (4), UFSC (3), USJ (3), Uniasselvi (2), FMP (1).
- 20.** Você já fez algum vestibular ou participou de processo de bolsa de estudos?
 (10) sim (20) não
 Qual? Prova da Anhanguera na escola (10).
- 21.** Você concorda com as ações afirmativas? Irá utilizar desse meio para ingressar no Ensino Superior?
 (28) sim (2) não
- 22.** Qual sua idade?
 (15) de 18 a 25 anos (5) de 36 a 49 anos
 (8) de 26 a 35 anos (2) 50 anos ou mais
- 23.** Como você se identifica:
 (1) Lésbica () Homens Trans
 () Bissexual () Mulher Trans
 (1) Gay () Não sei / Não quero responder
 (28) Heterossexual Outra identificação:
- 24.** Como você se identifica?
 (7) Negro(a) (8) Pardo(a)
 () Indígena () Amarelo(a)
 (15) Branco(a)
- 25.** Você tem alguma crença religiosa?
 (18) sim (12) não
 Qual? Católico (7) Evangélico (6) teu (5) Umbandista (2) Espírita (2).
- 26.** Estado civil:
 (12) Solteiro(a) (16) Casado(a) / União Estável

(2) Divorciado(a)

() Viúvo(a)

27. Tem filhos(as)? (6) sim (24) não

28. Qual cidade e estado você nasceu? Florianópolis/SC (3), São José/SC (3), Chapecó/SC (2), Santa do Livramento/RS (2), Pelotas/RS (2), Taió/SC (1), Mossoró/RN (1), Jacobina/BA (1), Itabuna/BA (1), Juazeiro do Norte/CE (1), Aracati/CE (1), Viamão/RS (1), Canoas/RS (2), São Borja/RS (1), Palhoça/SC (1), Campina Grande/PB (1), Caruaru/PE (1), Petrolina/PE (1), Cascavel/PR (1), Umuarama/PR (1), Tubarão/SC (1), Três Lagoas (MS)

29. Caso você não seja de Florianópolis ou região, você foi o primeiro a migrar para esse local, ou alguém da família veio antes?

(10) Fui o primeiro, (5) Marido veio primeiro, (4) Irmão veio primeiro, (3) Pai ou Mãe viram morar aqui.

30. Você mora perto da escola? (24) sim (6) não

31. Como você se desloca para ir até a escola na maioria das vezes?

(3) Carro

(3) Moto

(6) Ônibus

(3) bicicleta

() Transporte escolar

(15) A pé

32. Quantas pessoas residem em sua casa?

(3) de 1 a 2 pessoas

(10) 5 ou mais

(17) de 3 a 4 pessoas

33. Renda mensal da família em salário mínimo (998 reais):

(5) até 1 salário mínimo (até 998 reais);

(3) mais de 5 salários mínimos (mais de 4.991 reais).

(18) mais de 1 até 3 salários mínimos (mais de 998 até 2.994 reais);

(4) de 4 até 5 salários mínimos (de 3.992 até 4.990 reais);

34. Você trabalha ou já trabalhou?

(22) sim, trabalho atualmente.

() Nunca trabalhei (pule para a questão 39).

(8) Já trabalhei, mas não trabalho atualmente.

35. Com que idade começou a trabalhar? 15 (7), 16 (5), 13 (4), 14 (4), 17 (3), 11 (2), 12 (2), 9 (1), 18 (1), 19 (1).

36. Quantas horas você trabalha por dia?

(2) Até 4h

(20) De 7h a 8h

(6) De 5h a 6h

(2) Mais de 8h

37. Que atividade (relacionada ao trabalho) você exerce atualmente ou já exerceu? Diarista, Faxineira, Mecânico, Caixa, Atendente, Cuidadora, Balconista, Servente, Pedreiro, Carpinteiro, Serralheiro, Gari, Servidora Pública Municipal.

38. Você gosta do seu trabalho? (12) sim (18) não

Por quê? Meu chefe me explora, trabalho muitas horas por dia, faço muita força, não gosto dos meus colegas, detesto.

39. Possui carteira de trabalho assinada?

(17) sim

(3) não (estágio)

() não (trabalho informal)

(10) não trabalho atualmente

40. Nível de formação/escolaridade dos pais e do seu cônjuge (pode substituir pai e/ou mãe por outros responsáveis pela família, quando for o caso):

Mãe ou responsável:

(5) Nunca frequentou a escola

Cônjuge:

(5) Ensino Fundamental incompleto

(5) Nunca frequentou a escola

(6) Nunca frequentou a escola

(12) Ensino Fundamental completo

(5) Ensino Fundamental completo

(6) Ensino Fundamental incompleto

(5) Ensino Médio incompleto

(3) Ensino Médio incompleto

(6) Ensino Fundamental completo

(3) Ensino Médio completo

(6) Ensino Médio completo

(4) Ensino Médio incompleto

() Superior incompleto

() Superior incompleto

(8) Ensino Médio completo

() Superior completo

() Superior completo

() Superior completo

() Pós-graduação

() Pós-graduação

() Pós-graduação

41. O seu pai participou ativamente de sua criação? (20) Sim (10) Não

(4) Morava longe, (4) Não conheci, (2) Faleceu, (2) Não gosto dele.

42. Você já participou de alguma manifestação política? (30) Sim

(0) Não

(Pode assinalar mais de uma.)

Manifestações	Sim	Não
Assembleia	22	8
Abaixo assinado	30	0
Campanha eleitoral	18	12
Discussões políticas	10	20
Greves	8	22
Passeata	6	24
Ocupação	2	28
Gremio Estudantil	1	29

43. Em sua escola existe grêmio estudantil?

(4) sim

(24) não

(2) não sei

Se sim, você participa? () sim (30) não
 Por quê? (8) Não muda em nada, (4) preguiça, (4) não sei

44. Com que frequência você lê:

	Sempre	Às vezes	Nunca
Artigo online	16	10	4
Jornal	12	8	10
Livro	7	10	12
História em quadrinhos	2	6	22
Notícias na internet	17	11	2
Livros didáticos	10	12	8
Blog	7	6	17
Revista	5	15	10
Textos postados em redes sociais	13	7	10

45. O que você gostaria de ler mais:

	Tenho interesse	Não tenho interesse
Artigo online	14	16
Jornal	5	15
Livro	17	13
História em quadrinhos	7	23
Notícias na internet	18	12
Livros didáticos	16	14
Blog	17	13
Revista	15	15
Textos postados em redes sociais	16	14

46. Com que frequência no seu tempo livre (lazer) você:

	Sempre	Às vezes	Nunca
Vai ao cinema / teatro	3	7	20
Lê	5	12	13
Vai à praia	4	10	16
Pratica esporte	4	12	14
Assiste TV	11	10	9
Viaja	2	15	13
Acessa a internet	22	7	1
Vai a balada /festas	5	14	11
Frequenta igreja	5	11	14
Vai ao shopping	4	11	15
Faz trilhas	2	4	24
Brinca com jogos eletrônicas	5	12	13

47. Você acessa a internet no seu dia a dia? (20) sim (10) não

Em caso positivo, com mais frequência:

(17) pelo celular (4G)

(10) em casa (Wi-Fi)

() no computador da escola

(5) no trabalho

() em locais públicos

(2) lan house

48. Como você interpreta o período em que esteve afastado da escola?

(11) Ruim, (9) triste, (9) trabalho, (5) fome, (5) casamento, (5) filhos, (3) responsabilidade, (2) criança, (2) obrigação

49. Quais os problemas da sociedade que mais afetam você no seu dia-a-dia?

Dinheiro (6), Trabalho (6), Cansaço (5), Trânsito (5), Locomoção (5), fome (3), minha sogra (1).

50. Você já participou de algum tipo de curso de idiomas ou profissionalizante?

(30) Sim () Não

(10) Informática, (7) Cabeleireira, (6) Manicure, (4) Balconista, (4) Digitador, (3) Esteticista, (3) Mecânico, (2) Barbearia, (2) Inglês, (1) Programação, (1) Desenvolvimento de Software, (1) Oratória, (1) Espanhol